

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO



Ana Luiza Rodrigues de Britto

Ecovila como alternativa no mundo contemporâneo

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura da PUC-Rio como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura.

Orientador: Prof. Fernando Esposito Galarce

Rio de Janeiro
Abril de 2018



Ana Luiza Rodrigues de Britto

Ecovila como alternativa no mundo contemporâneo

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura da PUC-Rio como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura.

Prof. Fernando Esposito Galarce

Orientador

Departamento de Arquitetura – PUC-Rio

Profa. Maíra Machado Martins

Departamento de Arquitetura – PUC-Rio

Profa. Lucia Costa

Departamento de Arquitetura – UFRJ

Profa. Monah Winograd

Coordenadora Setorial do Centro de Teologia e Ciências Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 03 de abril de 2018

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, da autora e do orientador.

Ana Luiza Rodrigues de Britto

Graduou-se em Arquitetura e Urbanismo na PUC-Rio (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro) em 2013. Especializou-se em Sustentabilidade no Projeto também pela PUC-Rio, com foco em cidades do futuro e propostas sustentáveis.

Ficha Catalográfica

Britto, Ana Luiza Rodrigues de

Ecovila como alternativa no mundo contemporâneo / Ana Luiza Rodrigues de Britto ; orientador: Fernando Espósito Galarce. – 2018.

116 f. : il. color. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Arquitetura e Urbanismo, 2018.

Inclui bibliografia

1. Arquitetura – Teses. 2. Arquitetura e Urbanismo – Teses. 3. Ecovila. 4. Comunidade. 5. Habitar. 6. Sustentabilidade. 7. Alternativas. I. Espósito Galarce, Fernando. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Arquitetura e Urbanismo. III. Título.

CDD : 720

Agradecimentos

Ao meu orientador Fernando Esposito Galarce pelo estímulo constante e por toda a ajuda concedida ao longo deste trabalho.

Ao professor Marcelo Bezerra por ter me introduzido ao universo da sustentabilidade.

Às professoras Maíra Machado Martins e Lucia Costa que aceitaram fazer parte da Comissão Examinadora e pelos conselhos valiosos dados na Banca de Qualificação.

A CAPES e a PUC-Rio, pelo auxílio concedido, sem o qual este trabalho não poderia ter sido realizado.

Aos meus pais e amigos pelo incentivo permanente e por acreditarem em mim.

Resumo

Britto, Ana Luiza Rodrigues; Galarce, Fernando Esposito. **Ecovila como alternativa no mundo contemporâneo**. Rio de Janeiro, 2018. 116p. Dissertação de Mestrado – Departamento de arquitetura, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

O trabalho busca observar e analisar as ecovilas como uma forma diferenciada de assentamento humano sustentável, de caráter comunitário, de respeito à natureza e a favor da renovação e maior significância das relações sociais, propondo a hipótese de que a mesma compõe um conjunto de ações de alternativas frente ao cenário atual, fragilizado social e ambientalmente. Para tal fim, a ecovila é estudada e também observada empiricamente, com o objetivo de compreender seus preceitos, sua forma de organização e seu funcionamento na prática. E apesar de representar uma realidade vigente, é importante observar esta proposta dentro de uma reunião de outras experiências significativas caracterizadas pela vida em comunidade na história recente – tais como falanstério, familistério, *kibutz*, comunidades *hippies*, Cidade Jardim, *cohousing* e a Cidade Aberta de Amereida. Algumas destas expressões tiveram certa relevância histórica, enquanto outras, como o *kibutz*, a *cohousing* e a Cidade Aberta, são expressões ainda vigentes, de menor impacto global, mas ainda assim de interesse para este estudo por conta de suas características. Este resgate é proposto para apresentar tais alternativas e suas contribuições práticas quanto ao estímulo de vida comunitária frente ao padrão dominante de vivência pautado pela sociedade de consumo. A partir do entendimento dos experimentos passados, preceitos teóricos de ecovila e do trabalho de campo, é possível compreender mais adequadamente as proposições da ecovila, assim como constatar que a mesma retrata somente mais uma das demais alternativas já propostas pelo ser humano, se constituindo então como uma das possibilidades de mudança no momento atual de crise ambiental.

Palavras chave

Ecovila; comunidade; habitar; sustentabilidade; alternativas.

Abstract

Britto, Ana Luiza Rodrigues; Galarce, Fernando Esposito (Advisor). **Ecovillage as an alternative in the contemporary world**. Rio de Janeiro, 2018. 116p. Dissertação de Mestrado – Departamento de arquitetura, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

The work seeks to observe and analyze ecovillages as a differentiated form of sustainable human settlement, of a community character, of respect for nature and in favor of the renewal and greater significance of social relations, proposing the hypothesis that it composes a set of actions of alternatives to the current scenario, socially and environmentally fragile. To that end, the ecovillage is studied and also observed empirically, in order to understand its precepts, its form of organization and its operation in practice. And although it represents a current reality, it is important to look at this proposal in a meeting of other significant experiences characterized by community life in recent history – such as Phalanstery, *Familistere*, Kibbutz, hippie communities, Garden-City, cohousing and *Ciudad Abierta* de Amereida. Some of these expressions had some historical relevance, while others, such as kibbutz, cohousing and *Ciudad Abierta*, are still valid expressions of less global impact, but still of interest for this study due to its characteristics. This rescue is proposed to present such alternatives and their practical contributions regarding the stimulation of community life against the dominant pattern of living ruled by the consumer society. From the understanding of the past experiments, theoretical precepts of ecovillage and field work, it is possible to better understand the ecovillage's propositions, as well as to verify that it only portrays one of the other alternatives already proposed by the human being, as one of the possibilities of change in the current moment of environmental crisis.

Keywords

Ecovillage; community; dwell; sustainability; alternatives.

Sumário

1. Introdução	11
2. Resgate de experiências de vida alternativa	16
3. Ecovila como forma de vida alternativa	38
3.1. Redes e institutos de apoio	40
3.2. Casos referenciais	45
4. Trabalho de campo	53
4.1. Visita à Pindorama, Rio de Janeiro	53
4.2. Visita à Piracanga, Bahia	60
4.3. Análise das ecovilas visitadas	80
5. Caracterização das ecovilas	86
5.1. Preceitos fundamentais	86
5.2. Preceitos secundários	96
5.3. Conceito de qualidade de vida nas ecovilas	97
6. Conclusão	107
7. Referências bibliográficas	112

Lista de figuras

Figura 1: Complexo da edificação coletiva	18
Figura 2: Esquema resumo sobre Falanstério	20
Figura 3: Imagem de localização, corte, planta, foto do interior e mapa do projeto	21
Figura 4: Parte interna do Familistério em 2018	22
Figura 5: Exterior do Familistério em 2018	22
Figura 6: Esquema resumo sobre Familistério	23
Figura 7: Diagrama 1 sobre planejamento da cidade	24
Figura 8: Diagrama 2 sobre planejamento da cidade	24
Figura 9: Construções em Letchworth, primeira Cidade Jardim	25
Figura 10: Construções em Letchworth, primeira Cidade Jardim	25
Figura 11: Esquema resumo sobre a Cidade Jardim	26
Figura 12: Abrigo principal do primeiro <i>kibutz</i> , o Degania	27
Figura 13: Esquema resumo sobre <i>kibutz</i>	28
Figura 14: Terreno da comunidade The Farm	30
Figura 15: Local de dormitório no início da comunidade The Farm	30
Figura 16: Cozinha da hospedagem da comunidade The Farm	30
Figura 17: Esquema resumo sobre as comunidades <i>hippies</i>	31
Figura 18: <i>Cohousing</i> Mosaic Commons, em Berlim, Alemanha	32
Figura 19: <i>Cohousing</i> Pudget Ridge em Seattle, Estados Unidos	32
Figura 20: Esquema resumo sobre <i>cohousing</i>	34
Figura 21: Construção de caráter experimental	35

Figura 22: Relação com a natureza	35
Figura 23: Mapa da Cidade Aberta	36
Figura 24: Esquema resumo da Cidade Aberta	36
Figura 25: Tabela comparativa	37
Figura 26: Foto aérea em Findhorn	47
Figura 27: Foto de grupo em curso	47
Figura 28: Encontro de estudantes em Damanhur	50
Figura 29: Templo da Humanidade, uma das construções em Damanhur	50
Figura 30: Zoneamento da ecovila	51
Figura 31: Cerimônia na ecovila	52
Figura 32: Mapa de localização do Instituto Pindorama	54
Figura 33: Montagem sobre realização do curso de bioconstrução	55
Figura 34: Mapa do instituto	56
Figura 35: Sede do instituto	56
Figura 36: Sede do instituto	56
Figura 37: À esquerda, casa sendo construída a partir do curso	57
Figura 38: Habitação existente	57
Figura 39: Depósito e local para manutenção de bambu	57
Figura 40: Depósito e local para manutenção de bambu	57
Figura 41: Mapeamento das principais ecovilas no Brasil	61
Figura 42: Mapa de localização da Ecovila Piracanga	62
Figura 43: Mapa do terreno	63

Figura 44: Histórico de Piracanga	65
Figura 45: Composição da comunidade	66
Figura 46: Diferença de funcionamento da comunidade e da ecovila	67
Figura 47: Divisão e equipamentos do terreno	69
Figura 48: Mapa das construções residenciais	70
Figura 49: Montagem sobre construções residenciais de Piracanga	71
Figura 50: Montagem sobre cuidados com luz, água e esgoto	72
Figura 51: Comparação do terreno de Piracanga, entre a data de sua compra (2009) e recentemente (2017), a partir da questão do plantio de vegetação	73
Figura 52: Centro de reciclagem	75
Figura 53: Montagem sobre a moeda <i>Inkiri</i>	78
Figura 54: Piracanga em números	80
Figura 55: Esquema resumo sobre ecovilas	97

Introdução

Considerando o cenário vigente marcado por um conjunto de problemas sociais e ambientais, a pesquisa em questão busca trazer à tona a importância das ecovilas, que podem ser entendidas como “comunidades multifuncionais, rurais e urbanas, cujos princípios e práticas se voltam para a sustentabilidade, em diversas dimensões e níveis¹”. São iniciativas a favor de um assentamento humano diferenciado em relação à hegemonia do modo de vida do momento corrente, e “apesar de serem projetos em construção [...] cada qual com seus desafios e prioridades, as ecovilas têm se destacado pela contribuição efetiva na criação de outros modos de se viver”. (MAJEROWICX, VALLE, TOGASHI, 2017, p.21)

O tema ganha relevância em relação à atualidade ao propor uma reflexão construtiva que se debruça sobre o modo de vida atual e as possibilidades de mudança que dele derivam. Frente à realidade do momento caracterizada por desafios globais, a ecovila parece se posicionar com tenacidade, propondo um modo de vida com características distanciadas das encontradas no meio urbano atual das grandes cidades – proposta a qual busca ser investigada neste trabalho. Porém, não se trata de uma vida rural necessariamente, tampouco contra a vida na cidade como se esta fosse uma negação dos princípios de vida mais essenciais e próprios do ser humano, mas sim uma experiência que busca estabelecer um equilíbrio entre a vida contemporânea e o contexto físico, social e cultural.

O trabalho se baseia na hipótese de que as ecovilas além de propor uma forma de vida distinta, fazem parte de um conjunto de ações alternativas frente ao mundo globalizado. Sendo assim, a pesquisa busca apresentar as ecovilas como uma maneira diferenciada de vida, pautada no compartilhamento de bens, tarefas e espaço físico, e principalmente voltada para a diminuição do impacto negativo de suas ações no meio ambiente. É uma busca por uma nova forma de agir no mundo, se reconstruindo a partir do sentido de comunidade. A ecovila se enquadra no cenário atual contemporâneo, marcado pela problemática ambiental e social das grandes cidades, que se mostra bastante presente e em constante

¹ Definição de ecovilas pelo livro *Ecovilas Brasil, Caminhando para a Sustentabilidade do Ser*.

transformação, se desenvolvendo cada vez mais e colhendo adeptos ao redor de todo o globo.

Inicialmente, o objetivo do trabalho se orientou em retratar as ecovilas, explicando sua origem, sua definição, seus preceitos e também em clarificar de que maneira buscam corresponder na prática a esta alternativa que propõem. Porém, ao longo do desenvolvimento da pesquisa, a ecovila deixou de ser um objeto de estudo por si só, e possibilitou a abertura para uma discussão mais abrangente em torno de uma série de valores e princípios da vida contemporânea que se encontra em crise no momento.

A pesquisa está estruturada nos seguintes capítulos:

- 1 - Introdução;
- 2 – Resgate de experiências de vida alternativa;
- 3 – Ecovila como forma de vida alternativa;
- 4 – Trabalho de campo;
- 5 – Caracterização das ecovilas;
- 6 – Conclusão;

Como forma de aproximação ao tema central, o trabalho é iniciado com a apresentação de algumas experiências de vida coletiva alternativa, de posicionamento a favor de uma diferente forma de habitar em relação à vida urbana globalizada de cada momento e contexto; estas buscam uma vida pautada na comunidade, no compartilhamento de bens e espaço e também uma qualidade de vida distinta aos padrões imperantes. Cada uma destas experiências está inserida em diferentes escalas, tempos e contextos, seja desde um posicionamento mais ou menos político, social ou artístico, mas sempre em referência ao modo de vida alternativa do cenário dominante. O intuito deste resgate é demonstrar que em momentos diferenciados, o ser humano buscou distintas formas de modificar a relação com sua moradia e também seu entorno, representando de certa forma um movimento de desvio frente à hegemonia da vida urbana da sociedade de consumo nos séculos XIX e XX principalmente – cada qual com seu contexto específico conforme será abordado posteriormente.

Vale ressaltar que estas experiências (tanto as ecovilas quanto os exemplos selecionados) são isoladas, pontuais, de pequena escala – se comparado à dimensão do desenvolvimento urbano pautado e planejado pelo poder econômico e político dominante -, e de inviabilidade para aplicação em escala global. Mas

não por isso deixam de ser referências interessantes em relação aos valores e dinâmica de vida em comunidade como resposta alternativa aos cenários dominantes nos quais elas surgiram. E para este estudo, estes casos permitem resgatar evidências de apoio ao estudo das ecovilas.

Foram escolhidas sete alternativas de comunidades intencionais²: falanstério de Fourier, familistério de Godin, *kibutz* em Israel, comunidades *hippies* dos anos 60 e 70, Cidade Jardim de Ebenezer Howard, *cohousing* e a Cidade Aberta no Chile. Por comunidades intencionais entende-se determinados grupos de pessoas que por decisão própria tomam a iniciativa de criar um agrupamento diferenciado para viver.

[...] comunidades intencionais são grupos de pessoas que escolheram viver (e algumas vezes trabalhar) juntos por algum propósito comum. Suas *raison d'être* vão além da tradição, relações pessoais ou laços familiares. São lugares onde as pessoas experimentam alternativas e tentam viver seus sonhos em uma base cotidiana. (SARGISSON, 2004, p.4)

Tais propostas são consideradas importantes por serem expressões sociais e arquitetônico-urbanas de estímulo à vida comunitária, e de busca pela valorização de princípios e valores de convivência entre as pessoas. Por conta de suas contribuições práticas, colaboraram com aqueles que buscam uma vertente diferente do padrão dominante de vida, pautado pela sociedade de consumo. Entretanto, não se trata de construir neste estudo uma hipótese sobre a contribuição explícita e direta destas experiências mencionadas para o desenvolvimento das ecovilas, mas sim sugerir que estas foram importantes tentativas que demonstram que a sociedade, em diferentes momentos e de diferentes formas na vida moderna e pós moderna, se manifestou a favor de uma mudança do viver. São exemplos que permitem evidenciar diferentes tipos de vida em comunidade, e como elas, de uma forma ou outra, se posicionaram de uma maneira alternativa aos seus contextos, sejam estes físicos, políticos ou sociais.

Após este primeiro momento de contextualização histórica, são apresentados alguns exemplos de ecovilas ao redor do mundo e organizações

² Comunidades intencionais se diferem das tradicionais por possuir um caráter de propósito comum, e em sua maioria surgem do desejo de abandonar padrões sociais consolidados e buscar os próprios de acordo com o estilo de vida que cada grupo intende levar.

ligadas a estas, de maneira a iniciar o leitor neste ambiente, e auxiliar na visualização e compreensão do funcionamento das mesmas. E apesar deste sistema alternativo de vida possuir algumas diretrizes pré-definidas e também características em comum, é fundamental que haja abertura para adequações, se configurando como uma abordagem de baixo para cima; ou seja, há quesitos pré-estabelecidos em um âmbito global, mas com liberdade e possibilidade de modificações conforme necessidade e conveniência.

Ao longo da pesquisa foi efetuado um trabalho de campo, conformado por duas experiências. Primeiramente foi realizada uma visita com duração de um final de semana ao Instituto Pindorama em Nova Friburgo, na região serrana do Rio de Janeiro, e posteriormente foi realizada uma vivência com duas semanas de duração na ecovila Piracanga, em Maráu, na Bahia. A pesquisa empírica foi efetuada de maneira a possibilitar a compreensão de forma mais tangível quanto ao funcionamento e preceitos destes assentamentos na prática; foi necessária para que se tenha uma visão menos romântica e mais coerente com a realidade.

É importante enfatizar que o trabalho não se trata de um estudo de caso, porém, a fase indutiva se mostrou essencial para que se pudesse aprender na prática sobre questões tão dinâmicas e heterogêneas. Além disso, a partir do momento em que cada ecovila parece possuir grande parte de seu valor por sua unicidade, um estudo de caso restringiria a pesquisa e acabaria por criar verdades errôneas ou particulares acerca do tema geral, pois cada ecovila se posiciona de forma muito específica em seu contexto a partir de valores mais gerais.

Após a apresentação sobre o conceito de ecovilas, de exemplos importantes e do estudo de campo, é feito um aprofundamento acerca do tema a partir da realização de uma análise sobre sua definição, seus parâmetros para funcionamento e formas de adequação a este universo de definição. A partir da reunião de pesquisas e análises sobre ecovilas, foram elaborados preceitos fundamentais que caracterizam as mesmas, com o intuito de clarificar a ideia de ecovila – apesar de não se configurar como uma tentativa de buscar uma verdade absoluta e parâmetros definitivos.

Assim, o estudo tem como ponto de partida a ideia de que a ecovila é uma forma alternativa de vida baseada na vida comunitária, de forma sustentável e a partir de assentamentos isolados. No entanto, como veremos ao longo da pesquisa, as ecovilas vão muito além disso. Mesmo compreendendo um impacto mínimo no

contexto social e político global, esta iniciativa se posiciona a partir de uma proposta de nova relação do homem com si próprio, com seu ambiente natural, com seu ambiente construído e com o próximo, configurando uma nova maneira de se enxergar o mundo e principalmente sobre como habitá-lo; se conformando como mais uma expressão alternativa de vida em comunidade, da qual existem outras experiências que podem ser observadas e resgatadas a fim de demonstrar as tentativas de mudança para uma melhoria da relação do homem com seu entorno.

Resgate de experiências de vida alternativa

De forma a enfatizar a ideia de que as ecovilas fazem parte de um amplo conjunto de iniciativas de comunidades em busca de uma nova forma de vida, buscou-se resgatar algumas experiências passadas³ que se destacaram por contribuir para a criação e desenvolvimento de outras maneiras de viver, estimulando a ideia de vida comunitária, de compartilhamento, valorização de princípios de convivência e uma diferenciada qualidade de vida - seja através da teoria ou da prática. Cada uma destas experiências conta com seus próprios desafios, particularidades, vantagens e desvantagens, dimensões e níveis de atuação, porém, apresentando em comum a preocupação com a reformulação do modo de vida em prol de uma nova forma de sociedade comunitária - em maior ou menor nível e em alguns momentos alinhada com o meio ambiente.

Tendo isto em vista, o intuito deste capítulo é apresentar casos emblemáticos e realizar uma reflexão quanto seus preceitos básicos, ao modo de vida proposta, e sua prática – quando existente. As propostas aqui apresentadas são significativas por demonstrarem que em diversas ocasiões houve tentativas de modificar o viver com base na mudança das sociedades frente ao cenário dominante de cada momento.

As sete alternativas de comunidades intencionais selecionadas foram: falanstério de Fourier, familistério de Godin, *kibutz* em Israel, Cidade Jardim de Ebenezer Howard, comunidades *hippies* dos anos 60 e 70 nos Estados Unidos, movimento *cohousing* iniciado na Dinamarca e a Cidade Aberta de Amereida no Chile. Estas experiências históricas selecionadas serviram como contribuição de aprendizado e continuam desempenhando papel de referência para diversas

³ Estas experiências passadas estão reunidas no contexto geral de crescente expansão urbana acompanhada de grande crescimento econômico. Frente a este inchaço populacional e demasiados problemas sociais e ambientais – que podem ser entendidos como impactos deste processo de crescimento -, surgem propostas urbanísticas em prol de alcançar o equilíbrio entre o crescimento (econômico e populacional) e os problemas surgidos a partir dele. Alguns destes problemas são: falta de moradia, precariedade da moradia, pobreza, distribuição desigual de renda, sistemas precários ou insuficientes de coleta de lixo, de água e de esgoto, poluição, desmatamento em grandes proporções, degradação do meio ambiente, degradação de recursos naturais e falta de espaços para lazer - sendo que muitos deles permanecem presentes na atualidade.

experiências – teóricas ou práticas –, referente ao tema da moradia, estrutura da sociedade, qualidade de vida e de vivência em equilíbrio com o meio ambiente.

Falanstério

Charles Fourier, França, século XIX

Em um momento de aumento de população, de bens e de serviços, aliado ao avanço da tecnologia e desenvolvimento industrial, havia uma grande diferença entre centro e periferia. Enquanto o centro era compreendido como algo homogêneo, a periferia era entendida como o único local possível para a locação dos novos trabalhadores que migram do campo para a cidade, constituindo um espaço heterogêneo, sem planejamento e muitas vezes de miséria. A isto, se acrescenta a visão de moradia como um bem de consumo e não mais como um bem perecível e estável, além da não valorização do homem como indivíduo – neste momento o homem é encarado como sinônimo de força de produção. Considerando este cenário, é iniciada uma fase de pensamento crítico, e de denúncia às construções insalubres trabalhistas; a reflexão é política e social, sobre como a cidade chegou a este ponto.

Como resposta a este contexto industrial de crescimento acelerado, descontrolado e insalubre, a proposta utópica idealizada pelo filósofo francês Charles Fourier consistia na elaboração de uma sociedade ideal rural – e igualitária – capaz de desenvolver as próprias vocações e paixões em um ambiente de harmonia, o que entendia como impossibilitado pela sociedade existente naquele momento e viável em um ambiente social adequado.

“[...] considerava a própria realidade em que vivia como um “mundo ao avesso”, ou como uma sociedade enlouquecida e desajustada, uma realidade social atravessada por desordens, de modo que a sua proposta era precisamente a de endireitar a realidade.” (BARROS, 2011, p.246)

O falanstério foi uma tentativa de modificar a realidade política e social; e a forma de viabilizar tamanha modificação seria através da moradia coletiva, compreendida por uma grande edificação também coletiva, com diversas alas setorializadas de acordo com funções, situada em área rural e caracterizada por materiais de baixo custo. O conjunto edificado vinha em contraposição à

construção de casas individuais, baseada na justificativa do custo mais elevado destas se comparando a uma edificação única mesmo que de maiores proporções. A edificação abrigaria além da área residencial, jardins, pátios internos, galerias envidraçadas, salas comunais, áreas lúdicas, galpões e espaços religiosos. Desta forma, acreditava possibilitar uma vivência em comunidade onde se pudesse viver, trabalhar, produzir e dividir espaços e tarefas.



Figura 1 : Complexo da edificação coletiva.

Fonte: <http://platea.pntic.mec.es/~macruz/fourier/cadaver.html>

Em termos de funcionalidade, seriam três as principais atividades que estariam concentradas nesta única edificação: na área central ocorreriam as funções mais tranquilas, de encontro e lazer; haveria uma ala para atividades que envolvessem barulhos e haveria uma terceira ala destinada a moradia – os apartamentos seriam de valores diferenciados e cada indivíduo poderia ter no máximo três unidades de imóveis, de maneira a não possibilitar a concentração de propriedades.

“As Falanges propostas por Fourier seriam correspondentes a pequenas unidades sociais com populações de cerca de 1500 habitantes, e cada uma possuiria um edifício comum chamado Falanstério no qual todos viveriam harmoniosamente.” (BARROS, 2011, p.246)

Fourier acreditava ser possível fugir da hegemonia do modo de viver do que hoje compreendemos como capitalismo, através do cooperativismo. Desta forma, o falanstério poderia ser compreendido como uma comunidade, na qual espaço, vivência, tarefas e trabalho seriam compartilhados, além da possibilidade de maior liberdade para os indivíduos expressarem seus desejos e buscarem a felicidade. Não haveria uma profissão específica para cada morador, e tampouco a necessidade de sempre se manter com o mesmo trabalho; a experimentação de

diferentes tarefas era algo desejado, para que se buscasse realizar um trabalho que trouxesse maior contentamento.

Porém, esta visão de vida harmônica não impediu Fourier de prever diferenças entre os habitantes no quesito financeiro; haveria uma diferenciação de acordo com o trabalho produzido por cada grupo de indivíduos, conforme a eficiência, desempenho e benefício gerado para o Falanstério como um todo a partir daquele trabalho – se apresentando assim, uma forma justa de caracterizar o salário de cada conjunto de trabalhadores. Além disso, tal método baseado numa espécie de meritocracia diferenciada⁴, poderia também servir de incentivo para elevar de maneira geral o padrão do trabalho exercido por todos.

Visando viabilizar seu projeto, a intenção de Fourier era convencer industriais e burgueses a financiar a construção de Falanstérios alegando que seriam bons investimentos, pois poderia render muito lucro e seria bastante produtivo. E mesmo tendo escrito “cerca de quatro mil cartas a pessoas consideradas pela sociedade como poderosas, ricas ou influentes, na esperança de obter apoio para o seu projeto (BARROS, 2011, p.253)”, e tendo colocado diversos anúncios em jornais, não foi possível sua consolidação. A proposta deste conjunto edificado teoricamente capaz de possibilitar uma vida mais harmônica e equilibrada se transformou em uma utopia, pois não foi possível obter interessados em financiar o projeto – seu ideal maior era a construção de uma rede de Falanstérios, de modo a criar uma base concreta para a transformação social.

É possível então perceber uma tentativa de projeto que englobasse diversos aspectos da vida do ser humano, a partir da proposta por uma vida mais equilibrada e harmônica, dentro de um mesmo conjunto edificado no campo. Após breve apresentação, podemos citar alguns preceitos básicos do falanstério :

- afastamento da cidade, moradia rural;
- moradia coletiva;
- edificação unificada composta de materiais de baixo custo;

⁴ Como exposto por Barros, a lógica no Falanstério seria inversa a do capitalismo, que mede os resultados a partir da quantidade de trabalho. A ideia de Fourier quanto a meritocracia seria voltada para o benefício real levado para os habitantes de maneira geral. Ou seja, quanto melhor a comida preparada, melhor o trabalho dos cozinheiros, quanto menos pessoas doentes, melhor o trabalho dos médicos e assim por diante em todas as profissões ali existentes. Desta forma, não se buscava a exaustão por horas de trabalho, e sim o melhor desempenho possível.

- nesta moradia rural, agrega-se aspectos da cidade;
- oferta de moradia, lazer e trabalho em um mesmo local;
- cada conjunto edificado suportaria aproximadamente 1500 habitantes;
- valorização da exploração de interesses pessoais;
- princípio de expansão, com a criação de uma rede de falanstério;
- financiamento por parte de investidores, industriais e burgueses.



Figura 2 : Esquema resumo sobre Falanstério
Autoria própria

Familistério

Jean-Baptiste Godin, França, século XIX

O Familistério pode ser compreendido como uma tentativa de consolidação e aplicação das propostas utópicas de Fourier para o Falanstério. Sendo assim, Godin, um industrial, adquiriu um terreno de aproximadamente dezoito hectares em Guise, no Norte da França, e iniciou seu projeto de construção de um complexo de habitação para operários – inicialmente seus funcionários e respectivas famílias -, que mais tarde ficou conhecido como Palácio Social, resultado de um projeto de espírito comunitário com uma visão empresarial. Godin buscava em seu projeto melhorar as condições de alojamento e também de vida das famílias trabalhadoras.

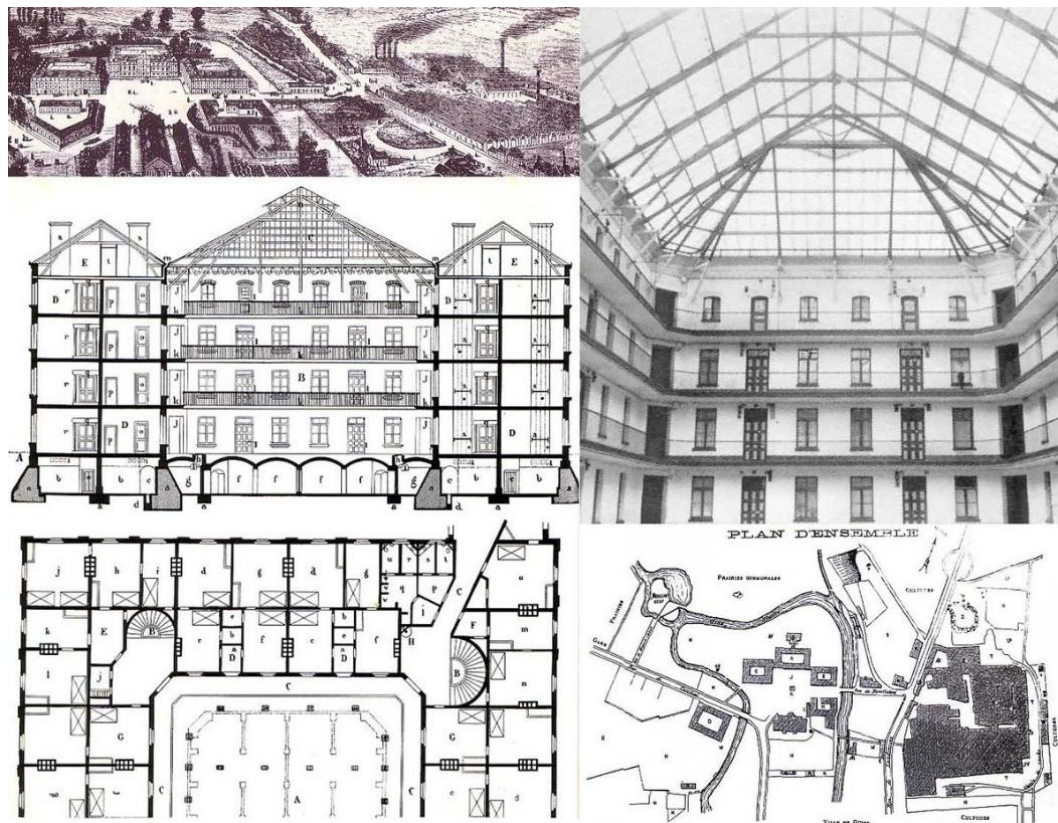


Figura 3 : Imagem de localização, corte, planta, foto do interior e mapa do projeto.
 Fonte: <http://enlacearquitectura.com/los-familisterios-y-la-no-utopia/>

O complexo arquitetônico era composto por edificações autônomas de habitação, com a possibilidade de expansão a partir da réplica destas edificações, que podem ser caracterizadas pela boa luminosidade em cada apartamento, boa luminosidade central possibilitada por uma grande claraboia, boa circulação de ar – o sistema climático era natural e eficiente, proporcionando uma temperatura agradável ao longo de todo o ano independente da estação -, acesso a água potável em cada pavimento, e a infraestrutura que contava com até mesmo lavanderia, piscina, creche, escola, teatro, área para animais e área para plantio, além de um sistema de prevenção de doenças.

O projeto expressava o entendimento de Godin sobre como a cidade deveria ser, porém em escala reduzida. Havia uma grande preocupação com as atividades diárias de cada possível morador, levando a uma série de aspectos a serem englobados no projeto, tais como:

- lazer;
- proximidade com trabalho;
- flexibilidade dos apartamentos;
- conforto;
- saúde;

- encontros;
- temperatura;
- espaço para individualidade;
- vida em comunidade;
- regras sociais de convívio;
- vigilância e segurança.

Esta pode ser compreendida como uma utopia de um mundo totalmente mensurável e controlado; o centro das edificações consolidava um espaço vazio, um pátio interno como uma praça para os moradores, a partir da qual era possível enxergar todos os corredores de acesso direto aos apartamentos, criando uma atmosfera de vigilância. O terreno foi comprado em 1859 e o Familistério se manteve em funcionamento até 1968 quando os alojamentos em sua maioria foram vendidos – as duas principais causas para seu encerramento foram a falta de um espírito verdadeiramente comunitário e a situação financeira da marca Godin após a morte de seu fundador de mesmo nome. Atualmente o Familistério de Guise pode ser visitado em partes, e conta com alguns antigos moradores que permaneceram habitando no complexo.



Figura 4: Parte interna do Familistério em 2018. Fonte: Google Maps / Street view

Figura 5: Exterior do Familistério em 2018. Fonte: Google Maps / Street view

Para compreensão do familistério, podemos identificar suas principais características:

- projeto inicialmente criado para trabalhadores do industrial e suas famílias;
- busca por melhoria das condições de alojamento e de vida;
- moradia coletiva;
- edificação unificada;
- afastamento da cidade, moradia rural;
- neste moradia rural, agrega-se aspectos da cidade;
- oferta de moradia, lazer e trabalho em um mesmo local;

- preocupação com infraestrutura geral;
- proposta de cidade ideal em escala reduzida;
- vida controlada dos habitantes;
- projeto financiado pelo próprio autor do projeto, um industrial.



Figura 6 : Esquema resumo sobre Familistério
Autoria própria

Cidade-Jardim

Hebenezzer Howard, Inglaterra, século XIX

Em um contexto de aumento da população e concentração de grande parte da mesma nos centros urbanos, buscando um equilíbrio social e também harmonia entre homem e natureza, Howard propõe uma cidade ideal, além de um projeto de manutenção do equilíbrio social para garantir a funcionalidade adequada da Cidade Jardim. Sua proposta aborda as formas, funções, administração, economia e o controle de número de habitantes para lidar com a questão da especulação imobiliária. A união entre cidade e campo provinha da combinação que julgava ser perfeita com todas as vantagens da vida urbana – suas oportunidades de trabalho, suas opções de lazer – junto à beleza, calma e prazeres da vida afastada no campo. Desta maneira, pretendia solucionar os mesmos problemas de insalubridade, condições ruins, pobreza e também poluição muito presentes na cidade.

“ [...] teve como fonte inspiradora as experiências de implantação de comunidades planejadas para serem auto organizadas do século XIX, como os empreendimentos de industriais preocupados com a qualidade de vida de seus empregados. Além de proporcionarem melhores condições de trabalho, acreditavam que os conjuntos habitacionais junto as fábricas e implantados no campo poderiam ter um efeito saudável sobre os trabalhadores e consequentemente retornaria em benefícios para a indústria.” (ANDRADE, 2003)⁵

A Cidade Jardim contaria com trinta e dois mil habitantes dentro de uma dimensão controlada de aproximadamente quatrocentos hectares a serem construídos no centro de uma área de aproximadamente dois mil e quatrocentos hectares; a área remanescente se destinaria ao campo, que seria cortado em bulevares e uma avenida central. Desta forma, dois mil e quatrocentos hectares seriam destinados para os habitantes da área rural, e quatrocentos hectares para trinta mil habitantes divididos em seis bairros de cinco mil habitantes cada.



Figura 7: Diagrama 1 sobre planejamento da cidade

Figura 8: Diagrama 2 sobre planejamento da cidade

Fonte: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/04.042/637>

Ao centro estariam concentradas as atividades de lazer e órgãos públicos, na periferia ao longo da via férrea ficariam as indústrias – aqui propõe um deslocamento das indústrias para o campo para ali se desenvolverem - e no limite haveria um extenso cinturão verde de zona agrícola que também serviria como controle do número de moradores da cidade de forma a manter o equilíbrio da

⁵ Disponível em <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/04.042/637>

mesma. Caso a cidade atingisse o seu número pretendido de habitantes, seria necessária a construção de novas cidades em torno desta principal, criando uma rede de cidades interligadas através de rodovias e ferrovias.

Diferente de Fourier e Godin, a proposta era mais flexível, apta a absorver particularidades e variedades conforme cada habitante. Para tornar o projeto viável, Howard funda a Associação das Garden-Cities em 1899, que viabiliza a primeira Cidade Jardim, Letchworth, na Inglaterra. A segunda Cidade Jardim foi Welwin, a somente quinze quilômetros de Letchworth, também na Inglaterra. E a primeira Cidade Jardim alemã foi fundada em 1909 em Hellerau, nas proximidades de Dresden.



Figuras 9 e 10 : Construções em Letchworth, primeira Cidade Jardim

Fonte: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/04.042/637>

Os principais aspectos da proposta de Cidade-Jardim podem considerados a seguir:

- busca por equilíbrio entre campo e cidade;
- afastamento da cidade, moradia rural;
- nesta moradia rural, agrega-se aspectos da cidade;
- manutenção e equilíbrio social a partir de planejamento e administração da cidade;
- edificações individuais;
- moradia individual;
- oferta de moradia, lazer e trabalho em um mesmo local;
- proposta de cidade ideal a ser replicada;
- controle de crescimento do número de habitantes;
- estabelecimento de densidade populacional determinado;
- deslocamento das indústrias para o campo;
- cinturão verde para agricultura e para reter o crescimento da cidade;

- projeto financiado pelo próprio autor do projeto;
- tentativa de resolver a especulação imobiliária.

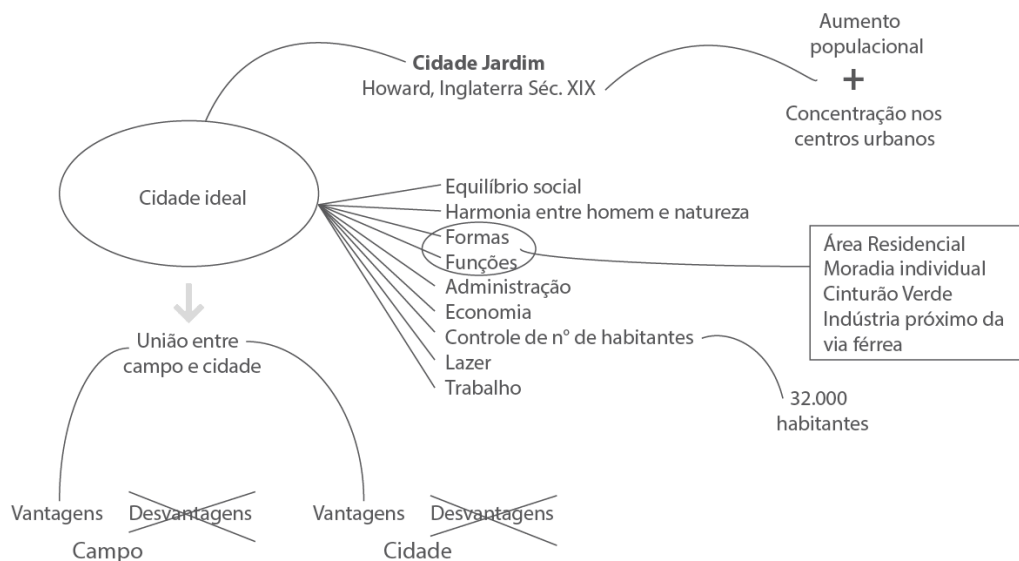


Figura 11 : Esquema resumo sobre a Cidade Jardim
 Autoria própria

Kibutz

Israel, Século XX

Os *kibutz* fazem parte de um movimento iniciado no começo do século XX por parte de imigrantes judeus que se estabeleceram na então Palestina, sendo que o primeiro foi estabelecido em 1909 no Lago Tiberíades, sob o nome de Degania.⁶ Podem ser compreendidos como comunidades voltadas para a atividade agrícola, nas quais os meios de produção e as propriedades eram todas coletivas.

Inicialmente, havia somente estas propriedades coletivas, e as necessidades de todos os habitantes deveriam ser supridas pela própria comunidade, ou seja, o bem comum era responsabilidade de todos. Cada um recebia moradia, alimentação, vestuário, direito a serviços sociais e de saúde a partir da realização de um trabalho, que funcionava como moeda de troca, porém, de igual valor pra todos os tipos de trabalho na agricultura e todas as pessoas. A partir de uma postura igualitária, todos os envolvidos possuíam direitos iguais e baseavam suas decisões com base em votos.

⁶ Conforme informação disponível no portal *online* da Confederação Israelita do Brasil : <http://www.conib.org.br/glossario/Kibutz>

A partir da década de 1970, os *kibutz* passaram a realizar trabalhos voltados para a indústria, marcando o momento de início da decadência do movimento, que nas décadas seguintes continuou piorando. Com o intuito de resolver a crise que estava instaurada, foram criados três modelos de convivência, que se encontram em vigor até os dias atuais, sendo eles: comunal, integrado e rede de segurança. De acordo com dados disponibilizados pela Confederação Israelita do Brasil, “ em 2008, havia 256 kibutzin em Israel, com uma população estimada em 106 mil pessoas. dessas comunidades, cerca de 170 adotam o modelo da rede de segurança, outras 30 usam o método integrado e cerca de 60 se autodenominam de “comunais.”⁷



Figura 12: Abrigo principal do primeiro kibutz, o Degania
Fonte: <https://degania.org.il/en/>

O modelo comunal considerava um caixa comunitário, porém, com benefícios adicionais para os membros mais antigos e famílias com mais membros. A alternativa integrada, apesar de estabelecer a divisão financeira, também beneficiava os moradores mais antigos, enquanto os moradores que possuíssem trabalhos fora do *kibutz* fariam maiores contribuições, e cada *kibutz* estabeleceria sua própria divisão em assembléia de maneira a evitar maiores conflitos futuros. Já a rede de segurança seria a alternativa na qual haveria privatização de bens e capital, e a divisão de renda não seria igualitária - o

⁷ Conforme informação disponível no portal online da Confederação Israelita do Brasil :
<http://www.conib.org.br/glossario/Kibutz>

morador que contribuísse mais com o *kibutz* seria beneficiado -, porém com o estabelecimento de um valor mínimo a ser recebido por cada integrante de forma a garantir um nível minimamente adequado de acordo com os padrões de cada *kibutz*.

De maneira a compreender o movimento de maneira geral, pode-se estabelecer alguns princípios mais importantes, mesmo que os *kibutz* atualmente tenham certa variedade de funcionamento :

- vida afastada da cidade e isolada;
- comunidade autossuficiente;
- autogestão;
- sem um mentor responsável pelo funcionamento da comunidade;
- infraestrutura, comércio, serviços e ensino;
- vida em comunidade e união;
- sistema de coletividade abrangente;
- possibilidade de compartilhamento de bens;
- trabalho voltado para a agricultura, porém com inserção de trabalho industrial;
- produção para subsistência e para o exterior da comunidade;
- residências familiares e também coletivas;
- busca por um significado próprio de vida.

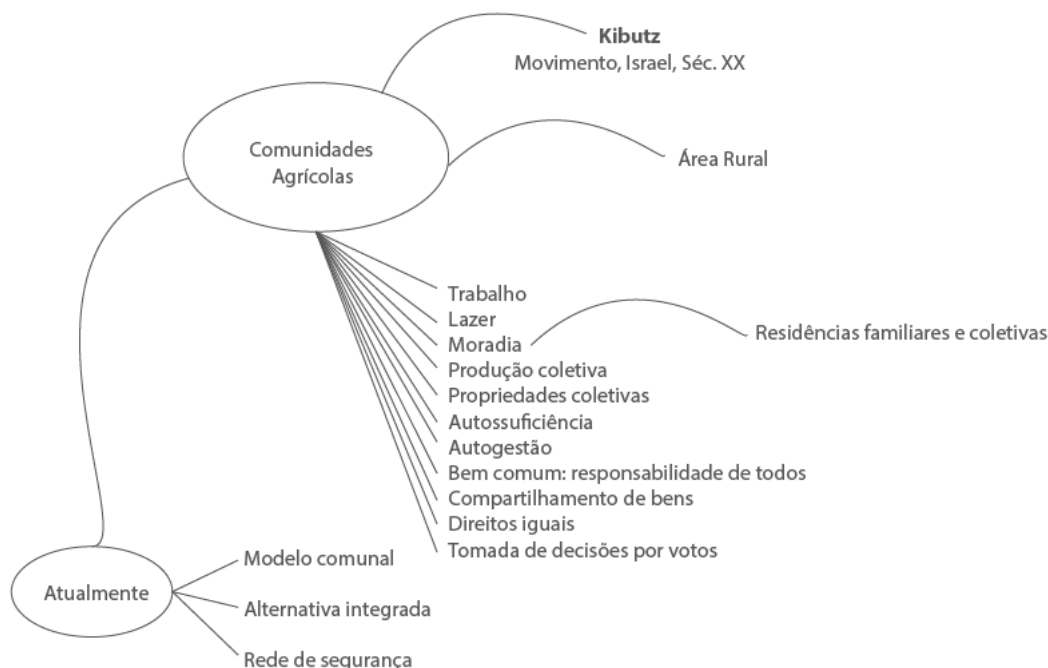


Figura 13 : Esquema resumo sobre *kibutz*

Autoria própria

Comunidades *hippies*

Estados Unidos, Século XX

Também no século XX, continuam a aparecer propostas de experiências de vida em comunidade com intenção de mudanças sociais e espaciais, e as comunidades *hippies* fizeram parte deste importante movimento utópico, com uma posição de grande liberdade frente ao padrão hegemônico dos anos 1960 e 1970 que configurava em sua maioria, uma sociedade industrializada, abastada e que era vista por muitos como alienada.

“ Nós queríamos ver o que poderíamos fazer, aprender a viver juntos com o máximo de auto sustentabilidade possível; nós queríamos viver juntos num ambiente zeloso; nós queríamos escapar da hipocrisia e ganância capitalistas; nós queríamos criar um estilo de vida que poderia ser bom para criar nossos filhos; sair da cidade e cuidar de nós mesmos; aprender a viver juntos num espírito de honestidade e compaixão, criar filhos saudáveis e são e viver o máximo dependendo de nós mesmos.” (MEUNIER, 1994, p.4)⁸

Como parte da busca por novos valores de sociedade e por respostas frente à aceitação de um paradigma sem questionamento, houve uma tentativa de mudança de postura e ações em praticamente todos os campos de atuação do ser humano, desde relacionamentos abertos a formas de gestão. De maneira geral, o posicionamento era contrário ao da produção em massa e consequente consumismo desenfreado; a nova posição era a favor de uma vida mais simples, enraizada no local, autogerida, compartilhada e com mais consciência sobre as ações.

Diferente das outras propostas apresentadas, as comunidades *hippies* não se preocupavam demasiado com a durabilidade de sua iniciativa ou na construção de um propósito ideal rigoroso – a não ser a não aceitação alienada pela forma de vida hegemônica. Tratava-se de uma experiência espontânea por parte destes

⁸ Meunier nasceu em uma comunidade *hippie* chamada The Farm, no estado do Tennessee nos Estados Unidos. Fonte : JUNIOR, Severiano Jose dos Santos. Zelosamente Habitando a Terra. Ecovilas genuínas, espaço geográfico e a construção de lugares zelosos em contextos contemporâneos de fronteiras paradigmáticas. 03/12/2015 450f. Doutorado em Geografia. Instituição de Ensino : Universidade Federal da Bahia, Salvador Biblioteca Depositária : Instituto de Geociências da UFBA.

participantes, que em conjunto buscavam novas soluções para formas diferenciadas de viver, sem uma figura ícone responsável por determinar diretrizes, caminhos e formas de controle – ou seja, tinham a experimentação como fator primordial, de maneira a não aceitar imposições, e criar sua própria estrutura social e espacial.



Figura 14 : Terreno da comunidade The Farm

Figura 15 : Local de dormitório no início da comunidade The Farm

Fonte: <http://thefarmcommunity.com/the-early-years/>



Figura 16: Cozinha da hospedagem da comunidade *The Farm*. Fonte: <http://www.thefarm.org/>

De forma a proporcionar uma vida equilibrada entre os moradores, havia uma série de acordos comuns e certa ordenação para atividades cotidianas; com algumas regras e estabelecimento de convenções de convivência, buscava-se viabilizar a vida comunitária. Apesar do caráter inicial contestatório, na prática

havia uma predominância de livre expressão e experimentação, ao invés de algo agressivo de contrariedade ao sistema vigente.

Apesar de não contar com princípios estritamente estabelecidos e se tratar de um movimento amplo com muitas variáveis, é possível apontar alguns aspectos que parecem caracterizar o movimento *hippie* como um todo:

- recusa a aceitação alienada da sociedade hegemônica e suas imposições;
- vida em equilíbrio com a natureza;
- vida afastada da cidade;
- diminuição de consumo e necessidade de bens;
- valorização da experimentação e flexibilidade;
- habitações individuais e coletivas;
- iniciativa de cada indivíduo para adesão ao movimento;
- busca por conforto a partir da satisfação pessoal e não de consumo;
- sem um mentor ou criador do movimento;
- sem grandes preocupações com sua durabilidade e rigidez;

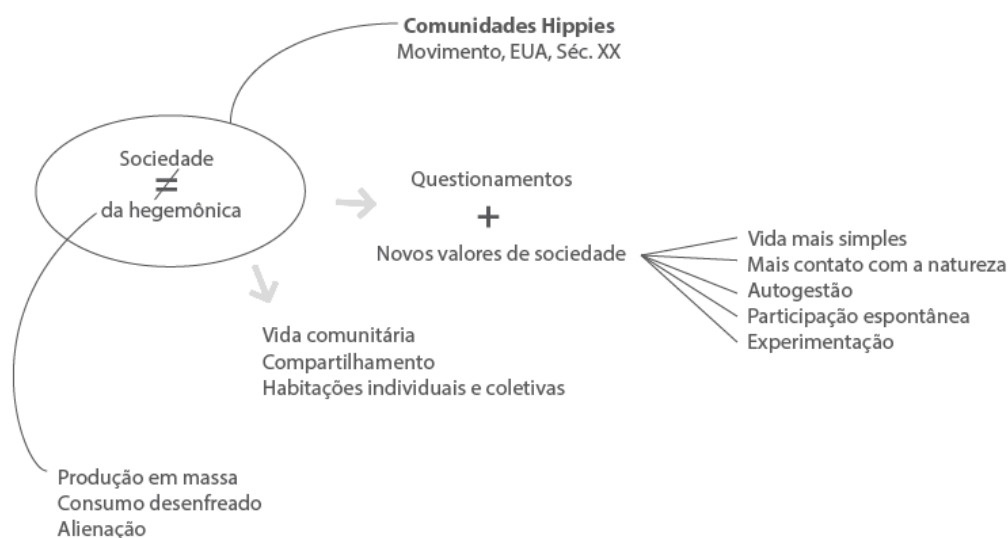


Figura 17 : Esquema resumo sobre as comunidades *hippies*. Autoria própria

Cohousing

Dinamarca, Século XX

Cohousing é um modelo alternativo de assentamento humano, originário da Dinamarca⁹, no qual indivíduos comuns habitam em uma mesma casa,

⁹ Segundo o autor Jonathan Dawson, educador, pesquisador e ativista da área ambiental com foco no desenvolvimento de pequenas comunidades. DAWSON, Jonathan. *Ecovillages : New Frontiers for Sustainability*. Dartington: Green Books, 2006

dividindo tarefas e atividades diárias como lavanderia, jardinagem e também partilhando as refeições e outras atividades sociais. O modo de vida dos moradores de *cohousing* pode ser bastante convencional, já que não é exigida dedicação em tempo integral, possibilitando aos habitantes que permaneçam com seus trabalhos habituais e ações do cotidiano normalmente.



Figura 18 : *Cohousing Mosaic Commons* em Berlim, Alemanha

Fonte: <http://www.cohousing.org>

Figura 19: *Cohousing Pudget Ridge* em Seattle, Estados Unidos

Fonte: <http://www.cohousing.org>

Em um primeiro momento, apesar de reunir cidadãos com o mesmo objetivo, senso de comunidade e diminuição de consumo a partir da ideia de troca e compartilhamento, a *cohousing* possuía um empreendedor cujo objetivo final era o lucro a partir da compra de unidades ou pagamento de aluguel. A edificação era projetada da forma mais ecológica possível conforme as condições do momento, porém, sem a participação ou voz ativa dos moradores em seu projeto e sua construção. Eram projetados espaços comuns para alimentação e outras funções sociais, e o nível de entrosamento e integração com os demais moradores era variável conforme a comunidade e o que colocam como desejado e adequado.

Atualmente, segundo o autor Meltzer é possível identificar seis principais aspectos para compreensão da proposta de *cohousing* :

- processo participativo;
- projeto de vizinhança;
- instalações comuns;
- autogestão;
- ausência de autoridade;
- rendimentos separados.

Em relação ao projeto participativo e projeto de vizinhança, a maioria das *cohousing* tem seus projetos desenvolvidos pelos próprios moradores,

responsáveis por toda a elaboração e design, assim como sua construção e custeamento, estabelecendo um processo participativo da moradia a ser habitada. Estes projetos elaboram um design de vizinhança a partir do qual buscam incentivar a interação social entre os moradores, de forma a manter a construção edificada no centro e as vias e estacionamentos para a parte mais externa.

A respeito das instalações comuns, geralmente há uma casa sede, com a finalidade de concentrar as instalações comuns para refeitório e cozinha, de maneira a acomodar todos os moradores da *cohousing*. Além destas duas funcionalidades, é possível ter lavanderia, salas infantis, salas de trabalho, escritórios, bibliotecas, sala para atividades físicas e outras demandas conforme o grupo habitante.

Quanto à autogestão e ausência de autoridade, além da participação no projeto, todos os moradores possuem direitos iguais quanto à tomada de decisões; ou seja, a responsabilidade sobre qualquer assunto que envolva a *cohousing* é de todos os habitantes de maneira democrática. A partir do consenso, as decisões são tomadas sem a necessidade de uma figura de líder ou de concentração de atividades. Por esses motivos, busca-se manter um número reduzido de moradores, de forma a manter uma boa dinâmica social.

No que diz respeito aos rendimentos separados, apesar do compartilhamento de tarefas e espaço físico, não há divisão de capital e qualquer tipo de recurso financeiro entre os moradores. Os custos são divididos por todos os envolvidos de forma igualitária, mas cada um possui sua própria renda e é responsável por seu próprio dinheiro, sem qualquer vínculo com a *cohousing*.

Tanto a questão financeira quanto a do espaço coletivo e privado, são maneiras de manter o equilíbrio entre a vida privada e a coletiva, dando espaço para uma vida compartilhada sem deixar de lado a individualidade. Além disso, não buscam se isolar e negar a sociedade, ao contrário, buscam estar inseridos dentro de um ambiente urbano, porém com um estilo de vida íntima diferenciado e coletivo.

Somado aos aspectos defendidos por Meltzer, é pertinente acrescentar outros conforme a seguir:

- estabelecimento nas cidades ou áreas próximas;
- possibilidade de se estabelecer na área rural;
- possibilidade de haver um gestor como no início da criação do modelo;

- preocupação ambiental em diferentes escalas;
- possibilidade de um conjunto de habitações conformando uma *cohousing* ou até mesmo somente uma;
- possibilidade de compartilhamento de bens como automóveis;

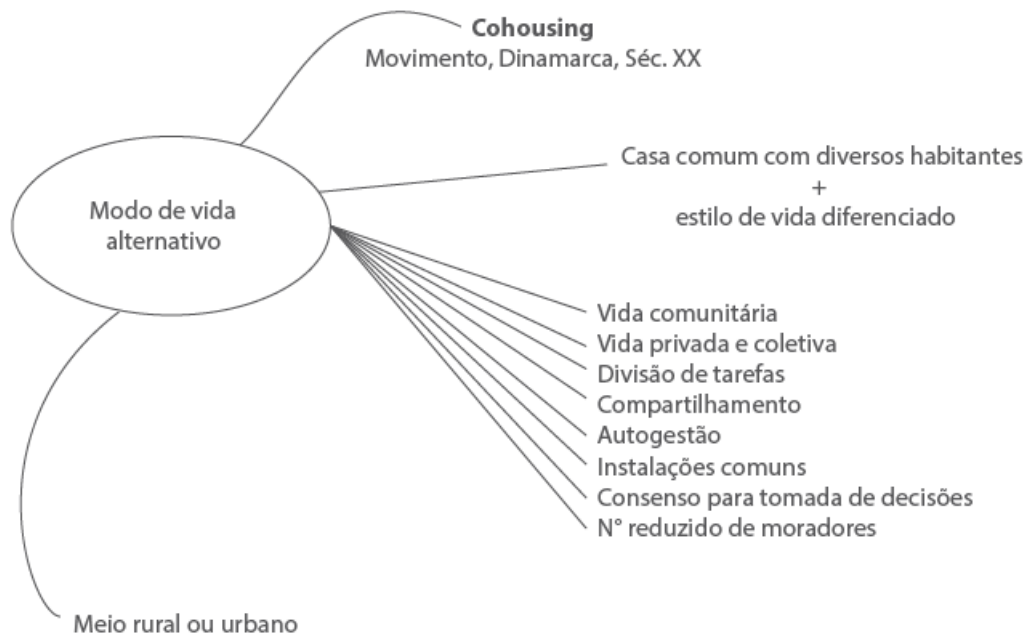


Figura 20 : Esquema resumo sobre *cohousing*
 Autoria própria

Cidade Aberta de Amereida

Valparaíso - Chile, Século XX

A Cidade Aberta surgiu nos anos 1960 fundada por um grupo de arquitetos, artistas, poetas, filósofos e suas famílias. Entre eles, o arquiteto Alberto Cruz Covarrubias e o poeta Godofredo Iommi se destacam por serem os precursores do grupo. Participaram também nesta experiência alternativa de ensino e de vida, alunos e professores da Escola de Arquitetura e Design da Pontifícia Universidade Católica de Valparaíso. A iniciativa surgiu como uma busca por uma nova forma de assumir a vida em relação à arquitetura, à arte e a valores que relacionavam e relacionam até hoje a vida, o trabalho e o estudo. Neste processo, a partir de uma experiência de vivência comunitária, soluções habitacionais de cunho inovador foram sendo desenvolvidas.

Em 1970, a cinquenta quilômetros de Valparaíso, na região de Ritoque em um terreno de paisagem diversificada¹⁰, foi fundada a Cooperativa Amereida pelo grupo de professores e familiares, tendo como liderança principal Cruz e Iommi; no entanto, como indicado pelos próprios, todos os envolvidos do grupo são e serão fundadores deste campo de experimentação arquitetônica.



Figura 21: Construção de caráter experimental. Fonte: <https://www.plataformaarquitectura.cl/>
 Figura 22: Relação com a natureza. Fonte: <https://www.plataformaarquitectura.cl/cl/02-257144/ciudad-abierta-de-ritoque-paisaje-habitado-44-anos-despues>

A Cidade Aberta atualmente é composta por aproximadamente vinte edificações, destinadas à moradia, ensino e uso comum, que pertencem à comunidade, e são desenvolvidas pelos professores e alunos envolvidos a partir de materiais locais disponíveis. Não há um sistema viário interligando as diferentes construções, tampouco comércio local e serviços públicos. A ideia central é de ser uma cidade aberta ao exterior, não buscando se consolidar como uma cidade tradicional, mas sim promover a integração de cultura e sociedade através de uma vida comunitária.

Para melhor compreender a proposta da Cidade Aberta, é válido apresentar seus principais aspectos:

- vida em local isolado;
- população predominantemente composta por alunos e professores;
- moradias coletivas e individuais;
- busca por experiência comunitária;
- valorização da experimentação;
- cunho artístico e arquitetônico;
- visão poética.

¹⁰ O terreno compreende montanhas, praia, dunas, e contabiliza um total de duzentos e setenta hectares. Fonte: <https://www.ead.pucv.cl/amereida/ciudad-abierta/>



Figura 23 : Mapa da Cidade Aberta. Fonte: https://wiki.ead.pucv.cl/Archivo:Mapa_edicion.jpg

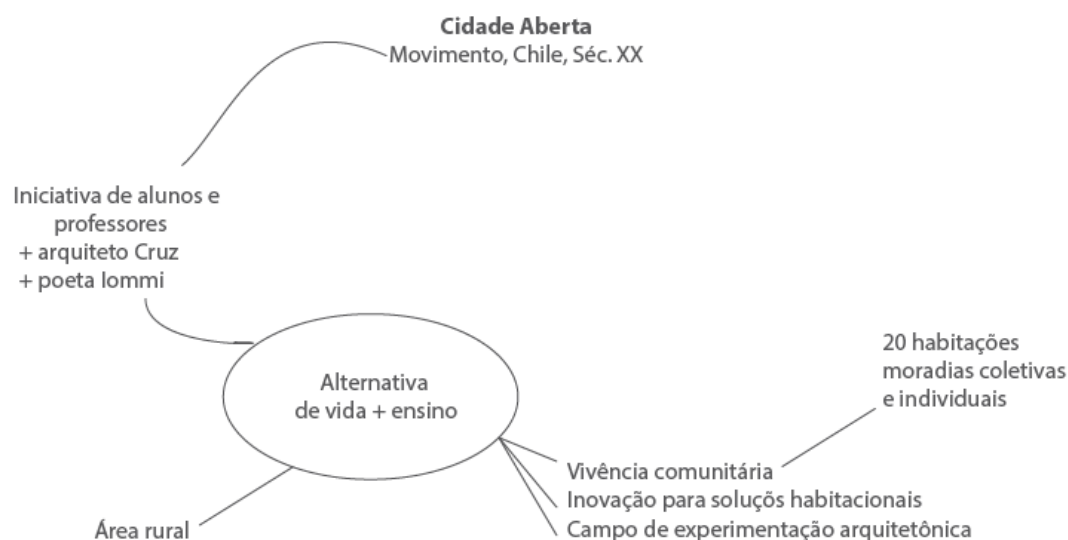


Figura 24 : Esquema resumo da Cidade Aberta
Autoria própria

Estas experiências apresentadas têm em comum o caráter propositivo de novas formas de habitar, voltados principalmente para o modo de vida social, atrelado à construção de um novo espaço físico. Alternativas comunitárias como estas auxiliaram na reflexão sobre distintas maneiras de vida, em contraposição, afastamento ou somente optativa em relação ao modo de viver hegemônico. Vale ressaltar que não faz parte do trabalho investigar profundamente cada uma das propostas, tampouco avaliar seus pontos positivos e negativos. O que está em questão para este estudo é a exemplificação com casos teóricos e práticos que

demonstram que em diferentes momentos, contextos, realidades e com diferentes interesses, tem-se buscado viver de forma diferenciada e coletiva.

Estas proposições questionaram o modo vigente de habitar, e auxiliaram a trazer ainda mais questionamentos sobre o modo de vida do ser humano, enfatizando a importância da experimentação real e diária, com base em novos valores e ideais comunitários, de união dos indivíduos e de sociedade mais igualitária. As utopias sócio espaciais, independente de bem sucedidas ou não, possuem um papel fundamental na vida do homem, impulsionando a construção de novas proposições de acordo com cada momento.

	Falanstério	Famlistério	Cidade Jardim	Kibutz	Comunidades hippies	Cohousing	Cidade Aberta
Local	França	França	Inglaterra	Israel	Estados Unidos	Dinamarca	Chile
Período	Século XIX	Século XIX	Século XIX	Século XX	Século XX	Século XX	Século XX
Iniciativa	Fourier	Godin	Hebenez Howard	Própria	Própria	Própria	Grupo mais fechado
Processo participativo	Não	Não	Não	Sim	Sim	Sim	Sim
Autogestão	Não	Não	Não	Sim	Sim	Sim	Sim
Equilíbrio com a natureza	Não	Médio	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
Teoria ou prática	Proposta	Realidade	Realidade	Realidade	Realidade	Realidade	Realidade
Edificações	Edificação única	Edificação única	Várias	Várias	Várias	Várias	Várias
Habitação	Individual / familiar	Individual / familiar	Individual	Individual e coletiva	Individual e coletiva	Coletiva	Individual e coletiva
Vida em comunidade	Menor grau	Menor grau	Não	Maior grau	Maior grau	Maior grau	Maior grau
Proximidade física com a cidade	Não	Médio	Não	Pode haver	Não	Pode haver	Não
Relação com a natureza	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim

Figura 25 : Tabela comparativa
Autoria própria

A tabela apresentada acima busca evidenciar o desenvolvimento de certas características destas alternativas ao longo do tempo. Um aspecto importante foi a passagem de iniciativas com mentores para movimentos de processo participativo e adesão própria. Além disso, a gestão passou a ser realizada pelos próprios envolvidos e não mais por um mentor, assim como aumentou a busca por um maior equilíbrio com a natureza e o aspecto da vida em comunidade.

No contexto atual, de crise global ecológica, a ecovila se apresenta com bastante empenho e paciência, se mostrando cada vez mais uma alternativa viável para os que desejam neste momento, viver de maneira distinta, pautada em comunidade, compartilhamento e equilíbrio com o meio ambiente. Uma grande lição que pode ser retirada a partir da apresentação destas alternativas é o valor da vida em comunidade no sentido de a comunidade ser justamente um valor primordial.

Ecovila como forma de vida alternativa

“O desenvolvimento foi – e continua a ser em grande parte – uma abordagem de cima para baixo, etnocêntrica e tecnocrática que trata as pessoas e culturas como conceitos abstratos, estatísticas que podem ser movimentadas para cima e para baixo em gráficos de progresso.” (RADOMSKY, 2011, p.153)

Meio a sociedade contemporânea e suas mudanças velozes e incessantes, o individualismo é percebido de forma cada vez mais presente, assim como a criação constante e excessiva de novas necessidades. De acordo com Michael Lowy¹¹, é necessária a compreensão – também acrescentaria indagação - sobre a forma de dominação exercida pelo capital em relação às formações sociais; o capital “[...] é a “luz universal” que modifica todas as outras “cores” econômicas e sociais.” Lowy (s/d, p.73, online).

Para Harvey¹² (1996), as prioridades da administração urbana muitas das vezes são redefinidas negativamente por conta do poder político e econômico, causando impactos diretos na vida pública e também no desenvolvimento das cidades já que as economias baseadas nos capitais internacionais se pautam em grande maioria, em outros diversos interesses de retorno financeiro, pouco relacionados à qualidade do espaço urbano, da vida urbana e tampouco nas relações que estas definições de espaço geram na vida das pessoas.

Atualmente, como afirmado por Sennett¹³ (2002, p.20), a vida pública também tem se transformado em uma questão de obrigações mais formais, esquecendo muitas das vezes os princípios de convívio, contato e interação social. Nas metrópoles, os costumes e interações com os estranhos, com outros, são percebidas, no melhor dos casos, como formais, distantes e frios, e no pior dos casos, como falsos. O próprio espaço urbano e até arquitetônico têm muitas vezes deixado de estimular estas questões fundamentais da vida em comunidade e convívio.

¹¹ Michael Lowy, pesquisador e pensador marxista brasileiro radicado na França, diretor de pesquisas do *Centre National de Recherche Scientifique* na França.

¹² David Harvey, geógrafo britânico, com estudo voltado para questões de geografia urbana.

¹³ Richard Sennett, sociólogo e historiador norte americano, cuja bibliografia utilizada reflete sobre o desenvolvimento social e arquitetônico das cidades e a mudança do posicionamento do homem.

Mesmo dentro da globalização do desenvolvimento capitalista, há espaço para alternativas e modelos de resistência, uma vez que tal movimento falhou em fornecer a saída para todos os problemas como se era preconizado. “A missão histórica do capital é desenvolver as condições sob as quais a igualização é possível” (SMITH, 1988, p.219), embora o cenário atual seja de uma distância cada vez maior quanto à sua realização, abrindo espaço para que novas alternativas se encarreguem de desenvolver por si mesmas tais condições. Citando Castoriadis¹⁴, chegou-se a sonhar que a solução para os problemas humanos havia sido encontrada, e era através do crescimento econômico “[...] que se poderia realizar sem dificuldade graças aos novos métodos de regulação da demanda, e as taxas de crescimento do PIB (Produto Interno Bruto) por habitantes forneciam a resposta para todas as questões.” Castoriadis (1987, p.140)

Frente à emergência de mudança por conta de diversos problemas sociais, ambientais e espaciais, nas últimas décadas, experiências de cunho comunitário alternativo têm surgido em maior quantidade, com maior vigor e em diversas localidades ao redor do mundo. Estas experiências marcam um movimento de contracultura, de contradição ao convencional da sociedade atual, e de busca por um novo sentido de vida pautado na melhoria entre as relações sociais e o ambiente habitado. “Todos esses movimentos questionavam e/ou ainda questionam os valores dominantes da sociedade pós industrial, como: produção desenfreada, consumismo, desigualdade social e degradação ambiental.”¹⁵ A partir da construção coletiva de identidade, constroem também um modelo diferenciado de vida e sociedade, a partir da própria criação de valores sociais e de desenvolvimento - aparentemente não pautado em sua totalidade no retorno financeiro e necessidades supérfluas. É nessa articulação de valores de vida em sociedade que a ecovila surge.

“É com base em um propósito comum que todo grupo de ecovila genuína nasce, e principalmente, se desenvolve ao longo de um processo de construção fátível do lugar zeloso. Nesse contexto, a intenção [...] se mescla a configurações valorativas, técnicas e administrativas [...] em construção no intuito de oferecer

¹⁴ Cornelius Castoriadis, filósofo, economista e psicanalista francês, com estudos voltados em defesa do conceito de autonomia política.

¹⁵ Sobre o movimento ambientalista, *hippie*, *kibutzim* e *cohousing*, no livro *Ecovilas Brasil*.

base para o grupo afirmar seu lugar diante de um mundo global, em crise, e em permanente contexto de mudanças socioespaciais.” (JUNIOR, 2015, p.120)

A ecovila surge então como uma das possíveis formas de desvio à dependência da economia global, seus objetivos impostos de maneira impessoal, do descaso das consequências ambientais e da fragilização das relações sociais. Vale enfatizar que a ecovila não pretende cometer o mesmo posicionamento errôneo da ocidentalização¹⁶ ao ser apresentada no passado como um “modo de vida apropriado a todas as sociedades humanas”. Castoriadis (1987, p.146)

Partindo de uma análise em escala ampliada, a ecovila se apresenta como uma possível alternativa – ao modo de vida das grandes cidades, que apesar de ser um lugar de diversidade e encontro de culturas, pode ser compreendido negativamente por muitos – podendo ser considerado um espaço opressor, violento, individualizado, desconectado e impessoal, a partir de uma matriz racional particular. De maneira a auxiliar o desenvolvimento do movimento das ecovilas e também a propagação de suas ideias nas cidades, há uma série de redes e institutos que trabalham auxiliando estas comunidades intencionais que estão focadas na preocupação ambiental ao redor do globo.

[...] trata-se de um empreendimento de certa complexidade, fruto de uma opção grupal e comunitária ou de uma filosofia de vida, uma entre tantas que marcam a sociedade moderna e pluralista. Sob essa ótica, a ecovila é um ideário e uma pedagogia. (CAPELLO, 2013, p.14)

3.1. Redes e institutos de apoio

De forma a apresentar o panorama de ecovilas a nível global e também nacional, são apresentadas aqui redes de apoio – e outras organizações relacionadas à pesquisa sobre o tema - e também exemplos de ecovilas, com o intuito de elucidar a importância da presença das ecovilas no cenário atual, e o aumento de sua relevância conforme sua evolução. Tais redes se constituem a

¹⁶ Neste caso, refere-se à ocidentalização como ideia propulsora de mudanças globais baseadas em princípios de cultura ocidental de consumo e produção, que seriam igualmente aplicadas em diferentes contextos sociais, políticos e físicos, que teoricamente seriam equitativamente apropriadas para todos ao redor do globo.

nível internacional, nacional e até mesmo regional, cada um com sua diretriz particular, mas sempre focadas em auxiliar o movimento a obter maior repercussão em sua localidade e em âmbito internacional. As principais redes podem ser consideradas: FIC, GAIA e GEN, por serem as de maior influência no movimento.

FIC

Possivelmente, A FIC (*Fellowship for Intentional Community*¹⁷), fundada nos Estados Unidos em 1968, foi a primeira organização a nível global, voltada para comunidades intencionais – “grupos de pessoas que vivem com base em valores em conjunto com alguns recursos compartilhados com base em valores comuns explícitos”¹⁸. A FIC se trata de uma organização sem fins lucrativos, com o intuito de apoiar e também promover o desenvolvimento destas comunidades cooperativas a partir da potencialização de troca de bens, serviços, técnicas e experiências entre tais grupos dos Estados Unidos (ROSA, 2014).

O diferencial da FIC em relação a outras redes, é a distinção de abranger também outras comunidades cujo foco não seja necessariamente voltado para o meio ambiente, agregando ecovilas, *cohousing*, comunas, cooperativas estudantis, comunidades espirituais, entre outras.

Gaia

Logo após a criação da FIC, em 1987 fundou-se a associação Gaia Trust na Dinamarca, uma organização filantrópica, criada por Hildur e Ross Jackson. O objetivo era a promoção de um modo de vida mais espiritual e sustentável, através de cursos e encontros para troca de informações e também financiamento de iniciativas e negócios ecológicos entre comunidades diversas (ROSA, 2014). “O intuito era de promover o movimento das ecovilas como uma estratégia de transformação da sociedade” (GAIA TRUST, 2015¹⁹). A estratégia da GAIA era de trabalhar com componentes *yin* e *yang*²⁰. O componente *yin* seria o de suporte ao movimento das ecovilas através de concessão de dinheiro, enquanto o *yang*

¹⁷ Associação de Comunidades Intencionais

¹⁸ Segundo definição da própria associação em <https://www.ic.org/>

¹⁹ Disponível em <http://www.gaia.org/gaia/gaiatrust>

²⁰ *Yin* e *yang* pode ser entendido como a dualidade, e como forças fundamentais opostas e complementares que se encontram em todas as coisas do universo.

seria referente ao investimento de capital em empresas sustentáveis para fomentar tal indústria e também criar mais empregos na área. O maior projeto da GAIA foi a criação da GEN (Global Village Network), que será abordada a seguir.

Gaia Education

Entre 2003 e 2005, foi criada a GAIA Education²¹, uma entidade educacional voltada para o desenvolvimento, sistematização, aplicação e divulgação de um currículo para o design de comunidades sustentáveis, buscando então “alguma padronização das iniciativas que fazem uso do conceito de ecovilas” (ROSA, 2014). Este currículo é elaborado a partir do conhecimento relativo aos ideais e também às práticas das ecovilas, de acordo com diversas comunidades ao redor do mundo.

A principal contribuição da GAIA Education é o programa de capacitação interdisciplinar, chamado EDE – Educação para Design em Ecovilas, cujo objetivo é “complementar, corresponder e assistir ao estabelecimento de padrões para o desenvolvimento de comunidades sustentáveis” (ROSA, 2014).

GEN

A nível internacional, a GEN²² (Global Ecovillage Network) pode ser considerada a principal rede, voltada para dar apoio para as iniciativas denominadas ecovilas, sendo um canal através do qual diversas ideias são compartilhadas, a partir da publicação constante de livros, boletins e periódicos. Além disso, constitui um portal online de informações constantemente atualizado, com o objetivo de prover dados, ferramentas e exemplos para auxiliar na expansão destas práticas sustentáveis. “A *internet*, muito mais utilizada agora que no início, se tornou um instrumento essencial na ampliação do alcance das ecovilas.” (JUNIOR, 2015)

A GEN foi criada em 1995²³, “tendo como objetivo estreitar as relações entre as diversas comunidades espalhadas pelo mundo, coordenar projetos, assim como aperfeiçoar e expandir o número de assentamentos” (RAINHO, 2006).

²¹ Educação Gaia

²² A GEN foi desenvolvida a partir de uma outra organização mundial de forte influência, a Gaia, cujo objetivo é dar suporte para a transição para uma sociedade mais sustentável e espiritual.

²³ Em 1995, foi criado o endereço online www.gen.ecovillage.org, como instrumento de divulgação do conceito de ecovilas para sua disseminação.

Conforme afirmado por Severiano em sua tese de doutorado em Geografia ²⁴, “a criação da rede global, foi, assim, o passo mais importante para o movimento como um todo, no intuito de se unificar e fazer frente, de forma mais articulada, aos novos desafios impostos pela globalização.”

No momento, a GEN está presente na Ásia, Oceania (GENOA, GEN for Oceania and Asia), Europa (GEN EUROPE), África e Américas, funcionando como “secretariados regionais, facilitando a interação e troca de informações na rede global” (ROSA, 2014). A rede continua tendo um “papel difusor e articulador essencial, catalisando a vontade de muitos que buscam meios de transformarem suas vidas pessoais e coletivas”, e que ao mesmo tempo, direta ou indiretamente buscam realizar uma mudança em prol de um novo modelo de sociedade (JUNIOR, 2015). Vale ressaltar que apesar do importante papel para o desenvolvimento e também para a solidificação das ecovilas, muitas experiências acabam ocorrendo de forma alheia, sem qualquer conexão com a rede global. (JUNIOR, 2015).

Outros canais – de menor atuação e influência - podem ser mencionados, como a Danish Ecovillage Network²⁵ e a ENA²⁶ (Ecovillage Network of America²⁷). E referente ao Brasil, podemos citar a ENA Brasil²⁸, a ABRASCA (Associação Brasileira de Comunidades Auto-sustentáveis), Ecovilas Brasil, Movimento Brasileiro de Ecovilas, IPOEMA²⁹ (Instituto de Permacultura) e o IPEC³⁰ (Instituto de Permacultura e Ecovilas do Serrado).

²⁴ JUNIOR, Severiano Jose dos Santos. Zelosamente Habitando a Terra. Ecovilas genuínas, espaço geográfico e a construção de lugares zelosos em contextos contemporâneos de fronteiras paradigmáticas. 450 f. Doutorado em Geografia, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

²⁵ Rede de Ecovilas da Dinamarca

²⁶ A ENA busca engajar pessoas a embarcar na jornada a favor de uma transformação global em prol de um futuro sustentável nos âmbitos ecológico, econômico e cultural.

²⁷ Rede de Ecovilas da América

²⁸ Segundo a própria organização brasileira, a ENA Brasil possui a missão de “promover e apoiar a experiência de assentamentos humanos sustentáveis, através de educação, consultoria, transferência de tecnologias, metodologias e projetos sociais no território nacional.”

²⁹ De acordo com o próprio instituto, IPOEMA é uma organização não governamental “que atua em prol da coletividade, mais especificamente nas questões socioambientais”, cuja missão consiste na contribuição efetiva de criação de um mundo mais equilibrado ambiental e socialmente, a partir dos valores de permacultura como metodologia a ser seguida.

³⁰ Segundo seu portal online, o IPEC “é uma organização não governamental sem fins lucrativos...com a finalidade de estabelecer soluções apropriadas para problemas na sociedade, promover a viabilidade de uma cultura sustentável, criar experiências educativas e disseminar modelos de desenvolvimento ecológicos no cerrado e no Brasil.”

Abrasca

Abrasca é a associação mais antiga no Brasil, criada entre 1978 e 1982 com o intuito de unir as comunidades alternativas do país para que houvesse troca de experiências entre seus moradores, e também para catalogar tais comunidades, unindo dados, criando boletins, organizando eventos e principalmente, divulgando sobre o movimento de comunidades no Brasil. Porém, “a Abrasca tem como estratégia o isolamento da “sociedade centrada no mercado”, não havendo registros online de suas atividades na forma de website ou participação em redes sociais.” (ROSA, 2014, p.57)

Ecovilas Brasil

Este é um projeto de pesquisa realizado com o objetivo de produção de material recolhido a partir de vivências em ecovilas – por parte de um casal pesquisador -, para gerar reflexões e questionamentos frente ao mundo atual e trazendo colaborações para uma possível mudança de paradigma atual do modelo de civilização. O conjunto da pesquisa realizada até o presente momento foi lançado ao final do ano de 2017, que contou com um apoio de colaboração financeira coletiva.

Movimento Brasileiro de Ecovilas (MBE)

Esta pode ser considerada a organização mais recente no país, tendo sido fundada em 2011 por Marcio Bontempo juntamente a moradores de ecovilas e proprietários rurais com o mesmo interesse em comum de organizar comunidades de permacultura. A MBE se utiliza bastante do recurso de redes sociais³¹ para manter sua atividade de forma constante, publicando uma agenda de reuniões, seminários, encontros, cursos e diversas outras iniciativas referentes ao tema de ecovilas. Além disso, o movimento busca a realização de mapeamento, cadastro, organização e também disponibilização de dados sobre ecovilas brasileiras e internacionais. De forma geral, é possível perceber uma similaridade com o intuito do GEN, de fortalecer o movimento e disponibilizar uma série de informações referente ao assunto.

³¹ Sua atuação é bastante desenvolvida através de um grupo no Facebook – qual contabiliza quase vinte e duas mil pessoas -, disponível em <https://www.facebook.com/groups/mbecovilas/>.

Foram apresentadas acima algumas das muitas redes de apoio ao movimento, porém, mesmo com uma série de instituições e organizações, não há uma definição universal e definitiva acerca do tema, tampouco uma forma ideal de identificação destes assentamentos. Sendo assim, há diversas métricas e sistemas de registros de ecovilas ao redor do mundo, mas cada sistema conta com suas próprias definições e considerações, não havendo uma matriz global capaz de realizar um levantamento único. Porém, segundo informação oferecida pelo próprio site da FIC em maio de 2016³², GEN e FIC estão trabalhando em parceria, a partir da produção de livros sobre comunidades. Além disso, ambas as organizações estão de comum acordo quanto a colaborar em suas bases de dado, melhorando as informações e criando um banco de dados mais preciso e útil.

3.2. Casos referenciais

Apesar de não haver um levantamento preciso de ecovilas ao redor do mundo e em território brasileiro, é válido apresentar para este estudo a estimativa a partir de registros realizados pela GEN e pela FIC. Como não há um monopólio sobre as ecovilas, e tampouco um programa de certificação, cada ecovila decide de que maneira irá se identificar e onde se registrar. Conforme destacado por Rosa, há uma série de ecovilas que compartilham dos ideais e práticas disseminadas pelas associações que não estão oficialmente inscritas em nenhum tipo de organização, fazendo parte de um movimento informal do movimento, porém, não se privando de ser compreendida como ecovila.

Enquanto a GEN tem registradas 558 ecovilas – sendo 17 no Brasil -, a FIC contabiliza 463 ecovilas – sendo 22 no Brasil. E de acordo com levantamento realizado pela GEN, a relação de países com maior número de ecovilas segue a seguir:

- Estados Unidos, 118 ecovilas;
- Austrália, 31 ecovilas;
- Canadá, 26 ecovilas;
- Brasil, Espanha e Itália, 17 ecovilas cada.

³² Disponível em <https://www.ic.org/ecovillages-and-the-fic/>

Para os casos referenciais, serão apresentadas três ecovilas de conhecimento mais difundido ao redor do mundo, de forma a aprofundar em alguns aspectos e demonstrar o caráter de heterogeneidade do movimento, sendo elas : Findhorn na Escócia – por ser reconhecida como a primeira ecovila do mundo -, Damanhur na Itália – pelo desenvolvimento de sua economia própria -, e Auroville na Índia – por sua dimensão considerável em termos de espaço físico e número de habitantes. Esta apresentação é realizada para que se possa obter uma melhor noção de algumas diferentes maneiras de composição de ecovilas; e é importante ressaltar que não se busca realizar um aprofundamento acerca de cada modelo específico, e sim, apresentar para auxiliar em uma posterior análise sobre a práxis da ecovila. Além disso, é importante perceber estas práticas como, “um conjunto de iniciativas que esboçavam a visão de uma nova cultura, com um estilo de vida simples, comunitário e integrado com a natureza.” (MAJEROWICZ, TOGASHI, VALLE, 2017)

Findhorn

Findhorn³³ Foundation and Community³⁴ é reconhecida como a primeira ecovila ao redor do mundo, tendo sido iniciada em 1962 na baía de Findhorn no norte da Escócia. A ecovila começou a se desenvolver em um momento de crise financeira, com somente três fundadores – sendo que atualmente conta com aproximadamente quinhentos habitantes de mais de quarenta nacionalidades distintas – em um parque, com um conjunto de trailers, que posteriormente foi sendo substituído por residências fixas.

Um dos motivos que atraiu rapidamente muitos adeptos logo em seu início foi o trabalho de recuperação do solo e também de reflorestamento do local, que consistia em solo arenoso e árido, atraindo a atenção de curiosos e auxiliando para uma rápida disseminação de suas propostas. A partir desta propagação, um grande número de pessoas se juntou ao movimento, e em 1972 foi criada a Fundação Findhorn, voltada para práticas educacionais.

Atualmente, esta ecovila é uma associação sem fins lucrativos, que oferece programas de educação holística – que atrai indivíduos compromissados em criar

³³ A ecovila é associada ao Departamento de Informação Pública das Nações Unidas, e em 1997 foi reconhecida oficialmente como uma ONG - Organização Não Governamental.

³⁴ Findhorn Fundação e Comunidade

um modelo de cooperatividade, modo de vida voltado para a espiritualidade e um ambiente sustentável altamente conectado com a natureza. Os habitantes de Findhorn trabalham em sua administração, ou então em diversas iniciativas do local tais como : artesanato, serviços de terapias alternativas, produção de queijos, vinhos, frutas, editora, cafés, lojas, gráficas, produção de painéis solares e cursos para capacitação voltados para o tema da sustentabilidade.



Figura 26 : Foto aérea em Findhorn. Fonte: <https://www.findhorn.org/>

Figura 27 : Foto de grupo em curso. Fonte : <http://ecovillagefindhorn.org/index.php/education>

Anualmente, são recebidos aproximadamente catorze mil visitantes, que em grande maioria participam da chamada Semana de Experiência – uma proposta para auxiliar a compreensão dos preceitos e funcionamentos do lugar, que funciona como um programa básico preliminar. A partir deste programa, outros cursos, vivências e workshops são oferecidos sobre os valores e técnicas utilizadas na ecovila, como técnicas de construção ecológica, geração de energia responsável, reciclagem, tratamento de esgoto e produção de alimentos orgânicos.

Buscando estabelecer e fortalecer a economia local, a ecovila busca gerar renda e realizar os gastos dentro de seus limites territoriais, e para tal objetivo, possui uma série de negócios comunitários que se estruturam em diversos segmentos (JOSE, 2014) :

- centro internacional de educação;
- comércio com fornecedores éticos;
- fundo de investimento para empreendedores éticos;
- construtora para construção ecológica e gestão;
- empresa fundiária para conservação, regeneração e assentamento humano ecológico;
- ensino de design de comunidades sustentáveis (Gaia Education);
- padaria de produtos orgânicos;

- escola de artes visuais para incentivar o estudo;
- hospedagem para férias;
- produção de remédios florais;
- programas de intercâmbio;
- projeto de restauração ecológica entre outros.

Algumas das características de Findhorn:

- todas as construções seguem princípios estabelecidos pela própria organização, se tratando de bioconstruções, com técnicas variadas;
- para suprir sua demanda energética, há turbinas eólicas e painéis solares que juntos, produzem o necessário para seus habitantes;
- possui seu próprio sistema de esgoto, a partir de sistemas biológicos de tratamento de águas cinzas e pretas;
- possui sistema de captação de água da chuva para reaproveitamento das águas;
- utiliza um sistema de aquecimento solar de água;
- desenvolveu uma moeda complementar, denominada *Ekos*, que circula dentro da ecovila e também em negócios locais em suas proximidades mais imediatas;
- possui um programa de compartilhamento de veículos, para diminuir a quantidade de automóveis, sem contudo, atender às necessidades dos moradores;
- é capaz de suprir sua demanda de alimentação a partir da plantação de verduras;
- possui seu próprio centro de reciclagem;

Damanhur

Damanhur foi fundada³⁵ pelo líder espiritual Oberto Airaudi junto com parceiros em 1975 em Vidracco em Piemonte no norte da Itália – pouco mais de uma década após a criação da primeira ecovila Findhorn -, como um experimento social de maior espiritualidade. Passou a ganhar notoriedade por este motivo, por se conceber como uma espécie de laboratório de experimentações de formas de vida sustentáveis, em busca de harmonia com a natureza e seus elementos, com base na solidariedade, compartilhamento, amor e respeito ao meio ambiente – pensando como uma alternativa para o futuro da humanidade. Segundo o embaixador da ecovila, Crotalo Sesamo, a comunidade pode ser vista como um

³⁵ A fundação da ecovila foi possibilitada a partir da partilha das economias pessoais dos fundadores, que desta maneira puderam comprar um terreno para que então houvesse a construção das primeiras residências.

local propício para as pessoas retornarem a seus princípios, valores, sonhos e ideais, que não necessariamente são os impostos pela sociedade no mundo de hoje.³⁶

Atualmente, Damanhur possui sua própria Constituição e é uma Federação de comunidades espirituais com reconhecimento da ONU, e através de um modelo de vida social e espiritual, busca levar inspiração para pessoas e conta com uma população de aproximadamente seiscentos habitantes – habitantes estes chamados de *damanhurianos* -, distribuídos em uma área de quinze quilômetros quadrados e que vivem em sua maioria em residências que abrigam em média vinte pessoas (a ideia é agregar diferentes grupos, não havendo distinção entre sexo nem idade, mas havendo um espaço pessoal para cada indivíduo e compartilhamento de ambientes como cozinha, salas e jardins). Vale ressaltar, que a ecovila busca oferecer diferentes possibilidades para cada indivíduo, de acordo com o nível de compromisso escolhido por cada um, criando a opção de se viver integralmente na comunidade e também de se viver fora mas participar dos variados projetos ligados a Damanhur.³⁷

O terreno é estruturado em cinco principais áreas: florestal (de preservação), agrícola (de campos de produção e fazendas orgânicas), habitação, industrial (de empresas e diversas atividades econômicas) e educação (escolas, universidade e outras oficinas de aprendizado). A partir do desenvolvimento de uma escola e uma universidade, são oferecidos cursos e seminários para interessados de todo o mundo, além de centros de pesquisa e ensino nas áreas de ciências e tecnologia. Além de sediar estas experiências, a ecovila também possui centros em outras cidades da Itália, Europa e Japão, onde organizam eventos com a intenção de compartilhar seu conhecimento sobre como viver em comunidade e como criar uma comunidade de sucesso a partir de um sistema social baseado na ideia de comunidade.

A ecovila também conta com uma moeda complementar denominada *damanhurian* crédito – com valor equivalente ao euro, podendo ser trocado pelo mesmo dentro da ecovila -, com o intuito de fomentar a economia local, através de compras e realização de serviços dentro da própria comunidade. Diferente da posição da ecovila Findhorn, de não obter fins lucrativos, Damanhur conta com

³⁶ Disponível em <http://piracanga.com/inkiri-piracanga-recebe-crotalo-sesamo-damanhur/>

³⁷ Disponível em <http://www.otempo.com.br/interessa/uma-comunidade-alternativa-1.866237>

negócios bem sucedidos criados por seus habitantes – em diversas áreas como energia renovável, roupas ecológicas, produção alimentícia, construção ecológica, educação holística e etc.



Figura 28 : Encontro de estudantes em Damanhur.

Fonte: <http://www.thenationalstudent.com>

Figura 29 : Templo da Humanidade, uma das construções em Damanhur.

<http://www.damanhur.org/>

Auroville

Auroville foi inaugurada em 1968 – logo após a criação de Findhorn – no estado de Tamil Nadu³⁸, no sul da Índia sob a liderança de uma guia espiritual. O propósito deste assentamento é a união do ser humano frente a toda diversidade existente, através do desenvolvimento de uma comunidade ideal. Segundo informação de seu portal oficial³⁹, Auroville é a primeira e única organização reconhecida internacionalmente de experiências vigentes na união do homem e transformação da consciência, com preocupação em vida sustentável. A intenção é ser uma cidade universal⁴⁰, na qual todos possam viver em uma mesma paz, independente de nacionalidade, crenças, política e ideias.

Sua população consiste em habitantes na faixa etária média de trinta anos, vindos de mais de quarenta e cinco países, somando aproximadamente duas mil e quinhentas pessoas⁴¹, - das quais, um terço é indiana – e com uma população

³⁸ O terreno de Auroville é tão extenso, que segundo a própria organização, a mesma está localizada majoritariamente no estado de Tamil Nadu, tendo algumas partes em Puducherry, Coromandel, Chennai e Puducherry.

³⁹ Disponível em <https://www.auroville.org/>

⁴⁰ Segundo portal da GEN, Auroville é reconhecida como uma eco-cidade multicultural, reconhecida pela UNESCO, com aval de que se trata de grande importância para o futuro da humanidade.

⁴¹ O número de habitantes vem crescendo cada vez mais, conforme levantamentos realizados pela própria comunidade; contam com uma considerável parcela de visitantes, que caso desejem fazer parte desta comunidade, precisam marcar uma entrevista com o chamado Entry Group e aguardar por uma decisão oficial. A entrada não é livre, há um processo seletivo para se tornar um morador.

flutuante⁴² de duzentas pessoas. Esta comunidade consiste em uma área de cerca de três mil acres - podendo ser considerada a maior ecovila do mundo. O terreno é dividido nas seguintes áreas principais:

- Área da Paz – local da construção principal da ecovila, de representação das ideias de união e harmonia;
- Zona Industrial – onde se situa a administração da cidade e diversos negócios;
- Zona Residencial – zona das construções dos moradores, com pequenos jardins e áreas de convívio comunitário;
- Zona Internacional – local reservado para pavilhões de diferentes nacionalidades, para que cada uma possa demonstrar sua contribuição para a causa da comunidade sustentável, e também espaço para troca de experiências;
- Zona Cultural – espaço destinado a atividades culturais, artísticas e esportivas como um todo;
- Cinturão Verde –, composta por fazendas orgânicas e vegetação nativa, com a intenção de agir como uma barreira contra o contato urbano, além de servir como fonte de alimentos, insumos para cura e local de recreação.

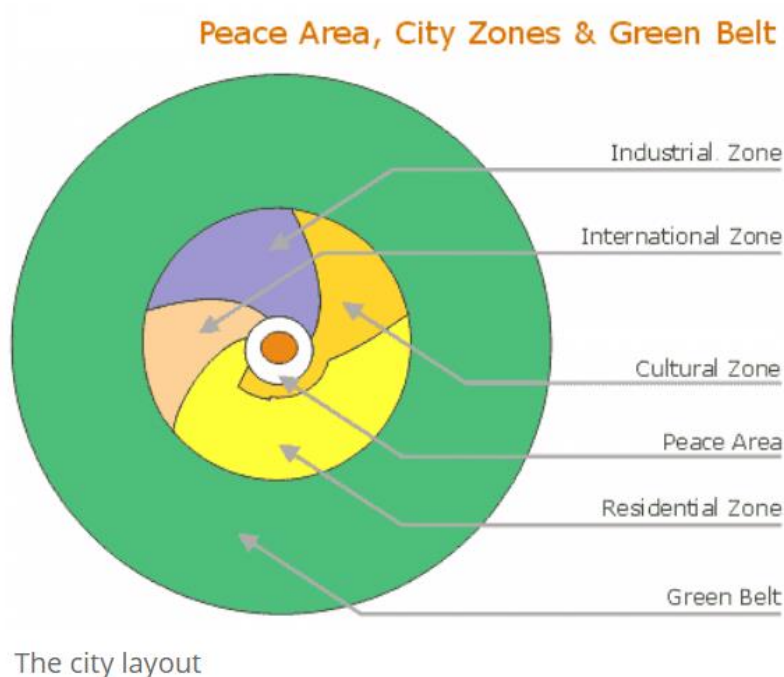


Figura 30 : Zoneamento da ecovila. <http://www.auroville.org/>

⁴² Neste caso, população flutuante pode ser interpretada como pessoas que passam temporadas na ecovila.

Assim como muitas outras comunidades intencionais, conta com abertura para visitantes de todo o mundo e oferta de trabalho voluntário, além de uma extensa variedade de cursos e programas com os principais temas:

- tecnologias de construção de baixo custo e sustentáveis;
- formas de vida sustentável;
- auto suficiência alimentar;
- planejamento arquitetônico e urbano sustentável;
- educação ambiental;
- medicina alternativa;
- educação experimental;
- filosofia;

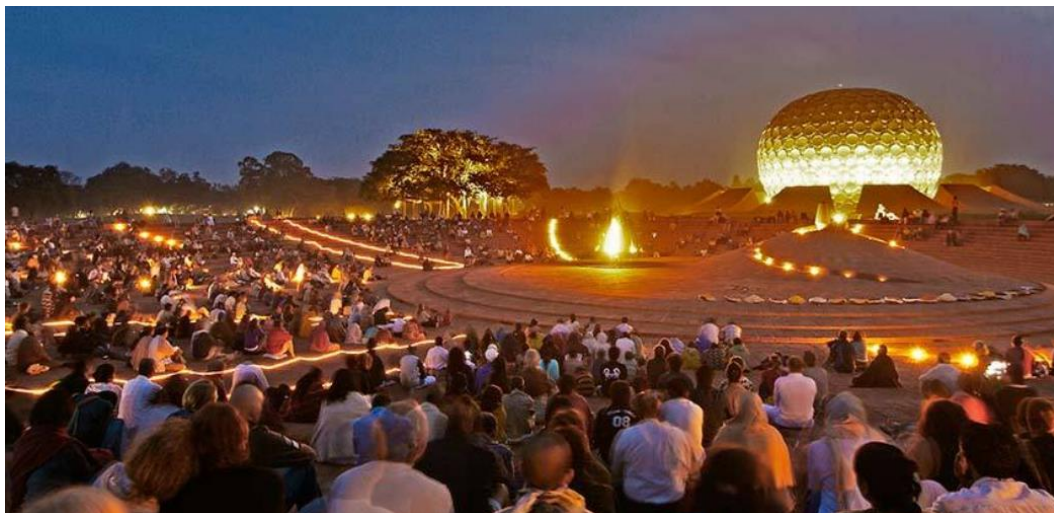


Figura 31 : Cerimônia na ecovila. <http://www.auroville.org/>

Esta apresentação inicial juntamente à descrição de redes e casos referenciais tem como objetivo introduzir o leitor ao tema, além de auxiliar na compreensão do caráter heterogêneo das ecovilas, de forma a facilitar o entendimento das visitas de campo como uma ação necessária para uma boa compreensão do tema, e não como a consolidação de um estudo de caso. A ação metodológica de estudo a partir de análises combinado com visita e observações *in loco* foi uma estratégia para melhor aproveitamento do trabalho de campo, no qual foi possível a vivência em dois assentamentos distintos já tendo em mente a contextualização do movimento, sua caracterização e possibilidades.

4

Trabalho de campo

Com o intuito de compreender mais dinamicamente sobre as ecovilas, foram realizadas duas visitas de campo, a partir das quais foi possibilitada a percepção de aspectos específicos comumente imperceptíveis em pesquisas estritamente baseada em leituras por se tratar de questões empíricas. Uma condição importante que levou ao trabalho de campo foi o fato de que as ecovilas são principalmente comunidades intencionais atuais e abertas para receber pessoas de todo o mundo, seja para hospedagem, trabalho comunitário, trabalho remunerado, vivências e cursos.

Se tratando de assentamentos correntes e com abertura para visitação, o trabalho de campo se tornou fundamental. Como não e por que não realizar uma pesquisa de campo quando há a possibilidade – e também a facilidade – de visitação, que permite um conhecimento mais aprofundado e real? Desta forma, o trabalho de campo serviu como auxílio para a compreensão de questões mais amplas e contato direto com moradores, viajantes, alunos e professores engajados nesta alternância de vida a partir de uma comunidade intencional

4.1. Visita à Pindorama, Rio de Janeiro

O Instituto Pindorama é uma organização localizada em Nova Friburgo, na região serrana do Estado do Rio de Janeiro. Esta instituição independente e sem fins lucrativos opera em uma propriedade rural com aproximadamente quatrocentos e oitenta mil metros quadrados, cercada por área verde, e é composta por um grupo de pessoas cujo objetivo está pautado na busca por uma vida mais harmônica e equilibrada com o meio ambiente com foco na sustentabilidade e menor dependência direta do sistema econômico. Esta pequena comunidade reúne arquitetos, agrônomos, pedagogos, terapeutas, permacultores ⁴³ e também voluntários, além de contar com um corpo principal de nove colaboradores.

⁴³ Adeptos ao movimento da Permacultura.



Figura 32 : Mapa de localização do Instituto Pindorama. Autoria própria

Pindorama é um sítio cuja terra já pertencia à família do sócio fundador Nilson Dias há três gerações; o projeto se iniciou em 2009, com a construção da primeira casa – considerada a sede do instituto. Sem grandes pretensões, mas focado na busca por um modo de vida de maior harmonia com o ecossistema, foi iniciado o trabalho na área de sustentabilidade, dando os primeiros passos em direção à construção e alimentação natural através da oferta de um curso sobre esta temática. Cada vez mais o instituto foi e continua se encaminhando para a área de sustentabilidade e saúde; e no momento a intenção dos envolvidos é de fomentar empreendimentos sustentáveis e cooperativas de baixo impacto, através da formação de multiplicadores destas práticas ecológicas e também do estilo de vida ali proposto.

A oferta de aprendizado do Pindorama consiste em diversos cursos, vivências, *workshops* e palestras voltadas para a preservação ambiental e educação ecológica, oferecendo distintas opções ao longo de todo o ano; além da preocupação com o meio ambiente, há também a questão da busca pela imersão espiritual, em uma alimentação mais saudável e adequada, e o descobrimento de novos talentos de cada indivíduo. Os principais cursos são presenciais – sendo temas voltados para construções sustentáveis, alimentação, permacultura e agrofloresta -, a partir dos quais os participantes se hospedam em Pindorama, de forma a obter também uma experiência diferenciada de vida mais consciente.

Através dos cursos oferecidos e divulgados em plataformas *online* obtive conhecimento do Instituto, e a partir do interesse em realizar o curso de Habitações Sustentáveis com Bioconstrução⁴⁴, foi realizada a primeira parte da pesquisa de campo; a vivência em Pindorama teve a duração de um final de semana, mesmo tempo de duração do curso.



Figura 33. Montagem sobre realização do curso de bioconstrução. Acervo pessoal

No período da visita, o instituto era composto por três principais espaços construídos – devidamente sinalizados no mapa a seguir – que são: a sede do instituto (01), uma casa e uma construção em fase estrutural (02) – destinada a hospedagem - e o depósito de bambu (03). Como pode ser visto na Figura 33, há uma construção á direita, próxima à demarcação da construção 02, sobre a qual não se obteve visibilidade no momento da visita, tampouco acesso, então se imagina tratar de uma construção de uso restrito ou até mesmo uma construção de outro lote vizinho. A marcação de número 05 sinaliza o acesso ao terreno, enquanto a de número 06 evidencia a principal estrada de acesso – a Estrada do Amparo.

A casa principal (marcada como 01 na Figura 33), é o núcleo de Pindorama e também a construção mais antiga – de alvenaria -, datada de quando

⁴⁴ Bioconstrução é o termo utilizado para construções cuja preocupação ecológica é o eixo norteador, visando causar o menor impacto ambiental possível desde a concepção do projeto até a finalização da obra. A partir de diversas técnicas – como adobe, superadobe, taipa de pilão, taipa de mão, entre outros - são utilizados majoritariamente elementos e materiais naturais, preferencialmente encontrados in loco, ou então produtos que não agredam o meio ambiente de forma considerável. Materiais industriais são utilizados somente em extrema necessidade e em quantidades desconsideráveis pois é desejado o mínimo possível de insumos externos.

a organização foi iniciada, em 2009. A sede conta com um pátio externo no qual são sediados encontros, aulas de yoga, meditação, realização de mandalas, e encontros noturnos em volta da fogueira. A casa em si conta com uma ampla sala de refeições – também utilizada para algumas apresentações –, uma cozinha comunitária, dois banheiros, três quartos comunitários – onde foi oferecida a minha hospedagem –, uma ampla sala para reuniões, encontros, prática de capoeira, aulas e também para dormitório coletivo a noite.



Figura 34 : Mapa do instituto. Autoria própria



Figura 35 e 36 : Sede do instituto. Acervo pessoal

Próximo a sede há uma área voltada para o ensinamento prático de técnicas de bioconstrução (marcada como 02 na Figura 33); onde há uma pequena casa erguida a partir destas mesmas técnicas – e onde residem alguns dos habitantes do Instituto – e uma segunda casa ainda em construção. Esta última

estava sendo construída a partir de módulos de um curso de Bioconstrução; cada final de semana compunha um módulo, e em cada módulo eram ensinadas as técnicas para grupos diferentes de pessoas, possibilitando que semanalmente fosse executada uma parcela da casa por parte dos alunos, servindo assim para ensinamento na prática das técnicas mencionadas. Quando pronta, a casa poderá abrigar tanto visitantes quanto moradores, conforme a necessidade.



Figura 37 e 38 : À esquerda, casa sendo construída a partir do curso e à direita, habitação existente. Acervo pessoal

O terceiro espaço construído (marcado como 03 na Figura 33) se encontra mais afastado da sede, e é referente ao depósito e manuseio do bambu, sendo uma construção composta majoritariamente por bambu. Está próximo ao bambuzal, a partir do qual é realizada a plantação e extração da matéria prima por parte dos moradores e voluntários. Neste local, além do estoque e espaço para manipulação da matéria, são dados cursos voltados para técnicas para a utilização deste mesmo material, o que é exemplificado pela própria construção, que por si só auxilia o aprendizado e exemplificação do uso do material para processos construtivos.



Figura 39 e 40 : Depósito e local para manutenção de bambu. Acervo pessoal

Quanto ao posicionamento de Pindorama, os colaboradores do instituto enfatizam que seu posicionamento não é de negação à cidade, e sim contra estar

na cidade no contexto atual de grandes problemas socioambientais. Como esclarecido por Nilson Dias em seu vídeo de apresentação ao Pindorama⁴⁵, acredita-se que há um movimento de melhoria das cidades em transição, apesar de se tratar de mudanças consideráveis que demandam longos períodos. Portanto, enquanto estas transformações não ocorrem de maneira mais significativa, este grupo opta por permanecer no sítio⁴⁶, que se mantém aberto para quem desejar se unir ao mesmo ideal de sustentabilidade. Apesar desta abertura para o recebimento de novos integrantes, o local conta com uma limitação para receber pessoas por conta de suas dimensões; mas apesar disso, muitos visitantes contam com a opção de hospedagem em formato de *camping* dentro do próprio terreno, e futuramente poderão contar com mais espaço na nova construção mencionada anteriormente.

Para esta pequena comunidade, o princípio de sustentabilidade significa depender menos do sistema econômico vigente – ao menos depender menos de forma tão direta quanto nas grandes cidades –, construindo sua própria casa, suprimindo sua própria alimentação a partir do plantio da mesma, produzindo sua própria energia e tratando o próprio lixo. Desta forma, realizam, estudam e também ensinam sobre bioconstrução, cultivo orgânico de frutas, verduras e hortaliças, e produção de própria energia através de painéis fotovoltaicos. Apesar de produzirem parte de sua demanda de energia, também dispõem da rede de energia para emergências, e estão em fase de desenvolvimento para a instalação de uma turbina hidrelétrica de pequeno porte – não se obteve acesso ao local de implantação – e instalação de um biodigestor, para a utilização de biogás⁴⁷.

Os colaboradores do instituto se guiam pelos ideais de permacultura, que para compreensão deles, a meta é ter abrigo, alimentação, energia, lazer e um trabalho diário que não seja extensivo – sugerem uma duração de quatro a cinco horas por dia, para que se tenha tempo para as coisas que realmente importam

⁴⁵ Disponível em <https://www.pindorama.org.br/sobre>

⁴⁶ Tal posicionamento pode ser interpretado como uma busca por um refúgio durante o período em que o mundo de forma geral passa por grandes mudanças significativas. Enquanto o exterior passa aos poucos por grandes processos de transformação, os adeptos de Pindorama buscam realizar suas mudanças em um contexto menor e mais controlado.

⁴⁷ O biogás pode ser considerada uma boa opção para o abastecimento de comunidades ou residências isoladas, como é o caso do Instituto Pindorama. Através da utilização de resíduos gerados a partir da agricultura ou até mesmo como forma de tratamento de esgoto, é possível a sua produção, auxiliando então a suprir parte de suas demanda por energia.

como cuidar da família e realizar outras atividades de lazer ⁴⁸; e a justificativa parece bastante plausível : pois trabalha-se para ter casa, alimento e dinheiro para realizar alguns próprios desejos.

A partir das propostas de permacultura – no sentido de cultura que reúne as melhores práticas em busca por maior eficiência para ter um assentamento humano sustentável -, o grupo busca evidenciar que é possível ter uma vida mais simples que na cidade, com menos consumo, sem, contudo diminuir sua qualidade de vida; e que pelo contrário, acreditam que na cidade não há tanta qualidade de vida pela pouca qualidade da água e dos alimentos, stress e perda de tempo para a realização de deslocamentos. Ou seja, apesar de habitarem em pequenas e simples casas, se alimentam de comida fresca, orgânica, nutritiva, não desperdiçam tempo de deslocamento na grande maioria dos dias e possuem mais tempo para seus afazeres pessoais.⁴⁹ Como o sócio proprietário explica, é um processo de desprendimento, no qual é possível ter uma soberania alimentar, mas come-se o que tem e não exatamente o que se deseja, vive-se bem porém sem luxos e necessidades supérfluas.

A partir do observado, foi possível reconhecer que Pindorama, apesar de se apresentar formalmente como uma instituição de caráter de ensino e de não se posicionar como uma ecovila propriamente dita – apesar de estar presente no levantamento de ecovilas realizado pelo FIC - poderia ser considerada parcialmente como tal por constituir algumas de suas principais características que são a vida em comunidade, busca pelo equilíbrio com o meio ambiente, a redução, a busca pela auto suficiência e auto organização, o compartilhamento, a existência de um centro de difusão de ensinamento e também a interação com centros urbanos.

Entretanto, o instituto pode não se encaixar totalmente no quesito de ecovila por sua escala bastante reduzida, mais apropriada para uma residência ecológica, apesar de existir a possibilidade de futuramente vir a se tornar uma ecovila por conta de seu desejo de acolher outros indivíduos com os mesmos ideais. Mesmo não havendo um consenso sobre número mínimo de habitantes –

⁴⁸ Disponível em <https://www.pindorama.org.br/sobre>, no vídeo “Se libertando do sistema”

⁴⁹ Ibid

tampouco um ideal – para que um assentamento seja reconhecido como ecovila, o instituto é composto por poucos – nove – colaboradores fixos com o intuito de administrar os negócios – embora que sem fins lucrativos.

No entanto, Pindorama, por se tratar de uma instituição de ensino, parece estar mais engajado no aspecto de procura por novas formas de vida “fora” do sistema econômico vigente do que no aumento de seu número de habitantes e consolidação de seu espaço como uma ecovila - apesar de ter a abertura e o desejo de receber pessoas com os mesmos preceitos de vida. Além disso, esta busca por uma maneira de viver em negação ao sistema acaba sendo transformada não intencionalmente, em um novo sistema.

4.2. Visita à Piracanga, Bahia

Com o objetivo de aprofundar sobre questões observadas e surgidas a partir da visita a Pindorama e desenvolver ainda mais o trabalho de campo, foi necessária uma pesquisa referente às ecovilas brasileiras, realizando um breve levantamento sobre localização, possibilidade de visita, facilidade de acesso e tempo permitido para a vivência para a realização de uma segunda visita. É importante ressaltar que o levantamento foi realizado a partir da pesquisa das principais ecovilas existentes em território brasileiro que se mostravam presente em um maior número de pesquisas e indicadores. O trabalho de campo proposto desde o início da pesquisa se apresenta como necessário se percebermos a grande diversidade deste tipo de iniciativas. Considerando que a visita a Pindorama permitiu questionar, a partir da vivência, a real relação de certa iniciativa com os princípios gerais norteadores de ecovila, esse levantamento foi proposto como uma forma de esclarecer, pelo menos de forma geral, essa diversidade. Nesse sentido, o levantamento não questiona inicialmente se o que cada ecovila apresenta como fundamento da sua existência responde a uma definição específica.

Sendo assim, a ecovila Piracanga foi a que se mostrou como a provavelmente mais proveitosa para uma experiência mais prolongada e com maior liberdade para estudo; enquanto algumas ecovilas permitiam somente uma

visita guiada por um final de semana, como as ecovilas Viver Simples (Em Itamonte, Minas Gerais) e Bambu (em Ivoti, Rio Grande do Sul), ou então cursos intensivos com trabalho voluntário, como na ecovila Arca Verde (em São Francisco de Paula, Rio Grande do Sul) – neste caso o trabalho voluntário era obrigatório para a realização de visita mais demorada. Além disso, Piracanga também se destacou por possuir um centro de hospedagem independente dos cursos, o qual está aberto para qualquer visitante e por tempo indeterminado – a princípio.



Figura 41 : Mapeamento das principais ecovilas no Brasil. Autoria própria

Além da importante questão da possibilidade de realizar uma visita de forma mais prolongada que demais opções, dois outros fatores contribuíram para a escolha do local: a facilidade de acesso – levando em consideração a organização do transporte para a ecovila - e também a presença de pessoas conhecidas no lugar, que poderiam servir – e de fato serviram - como um auxílio para obter uma melhor compreensão sobre o funcionamento da ecovila e de questões específicas que seriam retratadas de forma mais aberta do que para um visitante desconhecido. Aliado a isto, após uma pesquisa através do portal *online* da *Global*

Ecovillage Network, foi obtida a informação de que Piracanga é atualmente considerada a maior ecovila do Brasil em termos de número de habitantes – são aproximadamente duzentas pessoas habitando -, e que possui um funcionamento já estabelecido – o GEN separa as ecovilas entre estabelecidas e em processo de desenvolvimento e adaptação.

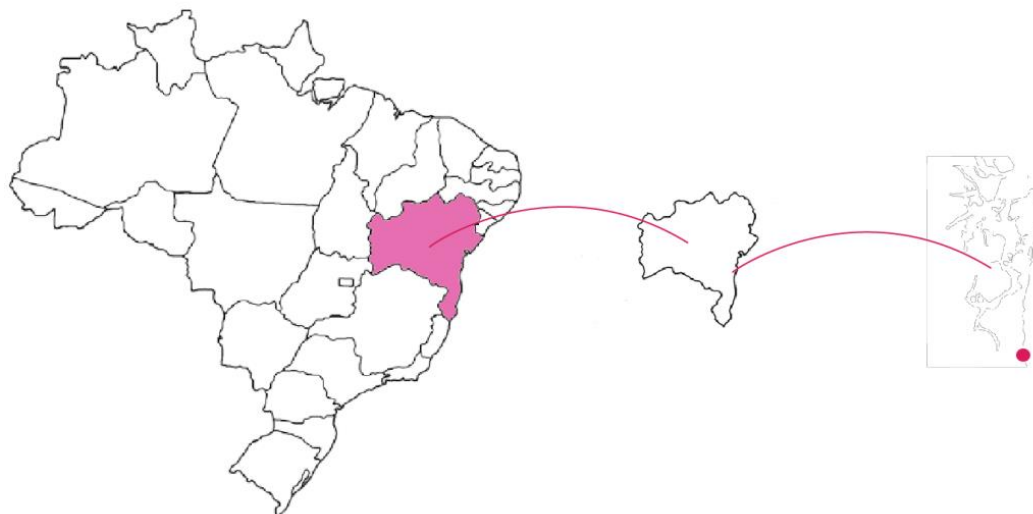


Figura 42 : Mapa de localização da Ecovila Piracanga. Autoria própria

Diferente do Instituto Pindorama e sua posição de não obter fins lucrativos, Piracanga constitui uma empresa com clara intenção comercial e visão de negócios. Sua escala também é bastante diferenciada; enquanto em Pindorama há menos de dez habitantes fixos, em Piracanga há aproximadamente duzentos habitantes, sendo que cento e cinquenta são fixos e os outros cinquenta são considerados flutuantes – estes são os indivíduos que realizam cursos de longos períodos de duração, de no mínimo três meses ou que passam temporadas na ecovila. Uma observação importante a ser feita é que não há um levantamento preciso sobre os habitantes como nas grandes cidades, sendo possível que este número referente aos moradores não esteja mais condizente com a realidade do momento, pois não se obteve informações sobre a forma de coleta de dados e atualização dos mesmos.

Piracanga é um assentamento situado na Península de Maraú em Itacaré, no sul da Bahia – está localizado há aproximadamente cem quilômetros do aeroporto de Ilhéus, Jorge Amado -, estabelecido em um terreno de

aproximadamente trezentos e cinquenta metros de frente por três quilômetros de extensão.

O terreno foi comprado há treze anos pela portuguesa Angelina Ataíde (com o auxílio de amigos estrangeiros) em uma visita ao Brasil realizada com o intuito de encontrar um terreno para o estabelecimento de um novo centro holístico – a fundadora já possuía um centro em Portugal e desejava estabelecer um no Brasil para expansão da sua proposta holística. Para possibilitar a compra do terreno, Angelina e estes parceiros lotearam e venderam a maioria dos lotes, cujos compradores eram em sua maioria, estrangeiros também. Piracanga se estabeleceu como está fundamentado atualmente somente a partir de 2010, ou seja, de sete anos para cá, apesar de seu terreno ter sido comprado há quase o dobro do tempo de existência.

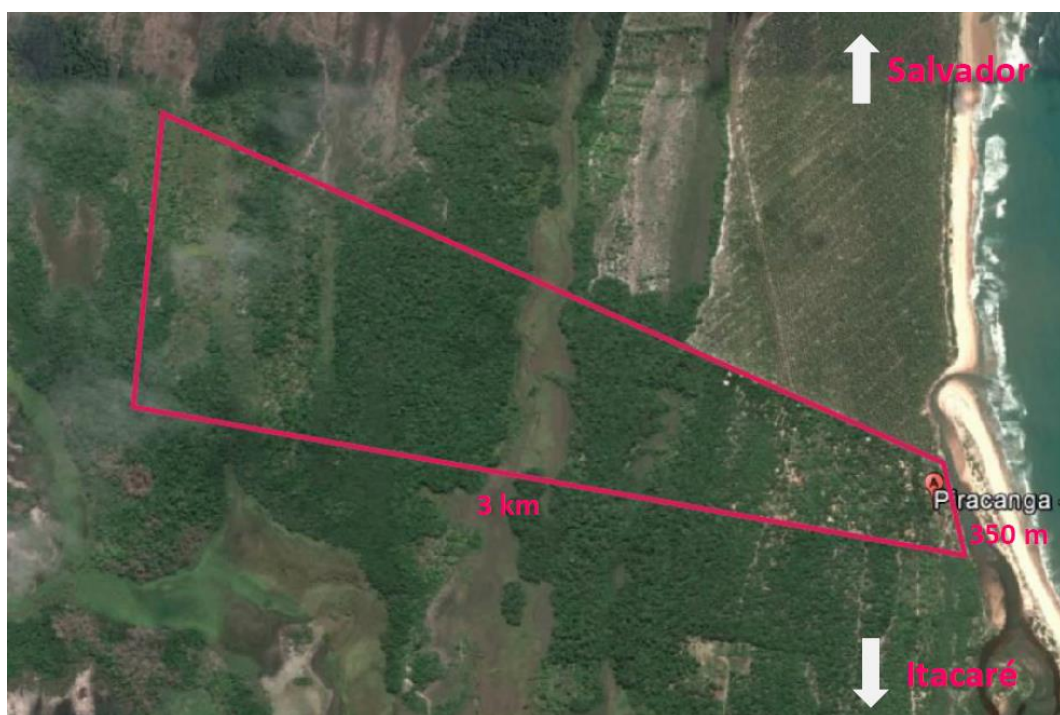


Figura 43: Mapa do terreno. Autoria própria

Apesar da enorme preocupação ambiental, os objetivos fundamentais da ecovila estão pautados no autoconhecimento e na propagação deste exercício. Segundo o discurso de divulgação de Piracanga⁵⁰, se busca espalhar o amor e a tranquilidade encontrados no local, para que as pessoas possam plantar a semente e fazer florescer o que já está dentro de cada um de nós. O intuito não é convencer

⁵⁰ Disponível em <http://piracanga.com/>

as pessoas a morarem em Piracanga, e sim que levem adiante o aprendizado e disseminem pelo mundo este trabalho de autoconhecimento, que auxilia a buscar a essência individual e a encorajar os talentos reprimidos pelo estilo de vida contemporâneo nas grandes cidades. Esta característica é colocada com bastante importância, pois a ecovila aparece como um agente de transformação e um caminho para a abertura de novos olhares, formas de viver e também formas de se relacionar com o entorno e com os outros, seja numa relação direta com a natureza ou na própria urbe. Neste sentido, se percebe a experiência como uma ação transformadora na busca de uma complementariedade entre a vida na cidade e a natureza.

Como dito anteriormente, o início da ecovila surgiu a partir da oferta de cursos e da criação de um centro holístico. Conforme o centro se expandia, tais cursos atraíam muitas pessoas de todo o mundo, e por conta da localização bastante afastada e isolada, viu-se a necessidade e oportunidade de oferecer hospedagem no local por não haver outras opções de pernoite nas proximidades imediatas; outro fator importante que levou à criação de hospedagem foi a duração dos cursos, de minimamente um final de semana completo – e atualmente, cerca de noventa por cento dos visitantes são atraídos para a realização de cursos e vivências, mas apesar disto, existe a possibilidade de hospedagem para lazer e férias, sem qualquer tipo de vínculo com cursos oferecidos.

Desta forma, a partir do crescimento do centro e da necessidade de criação de hospedagem para atender a nova demanda, a ecovila passou a acontecer quase como uma consequência do sucesso do centro holístico. Os habitantes estavam vivendo em comunidade e se reuniam para a tomada de decisões, divisões de tarefas, além de viver em prol de objetivos de vida similares. Havia então em um mesmo terreno, um centro holístico e uma ecovila. Com o passar do tempo, as divergências entre os presentes no grupo foram aumentando a ponto de culminar numa ruptura na ecovila, dando origem a criação da comunidade *Inkiri*.

Piracanga atualmente abriga então um centro holístico, uma ecovila e também uma comunidade. A divisão é clara verbalmente entre moradores e visitantes, mas na prática poucas percepções são sentidas a ponto de ser notória

esta separação. O curioso é que ao vivenciar o dia a dia daquelas pessoas, percebe-se que ecovila e comunidade são simplesmente duas ecovilas em um mesmo local de inserção – mesmo que não seja entendido como tal pelos próprios habitantes, que insistem em enxergar a comunidade como somente uma comunidade e a ecovila como somente uma ecovila, cada qual bem distinta uma da outra. Mas como ecovila é uma forma de vida em comunidade, e os preceitos da comunidade de Piracanga são basicamente os mesmos da ecovila de Piracanga, parece que são simplesmente separadas por formas distintas de administração e poder, ou então, em uma ecovila dentro de outra ecovila. De qualquer forma, são duas organizações com estilos de vida parecidos, mas que se dividem em dois grupos distintos. Essa divisão acontece nas tarefas, nas atividades diárias, e na empresa do centro holístico.

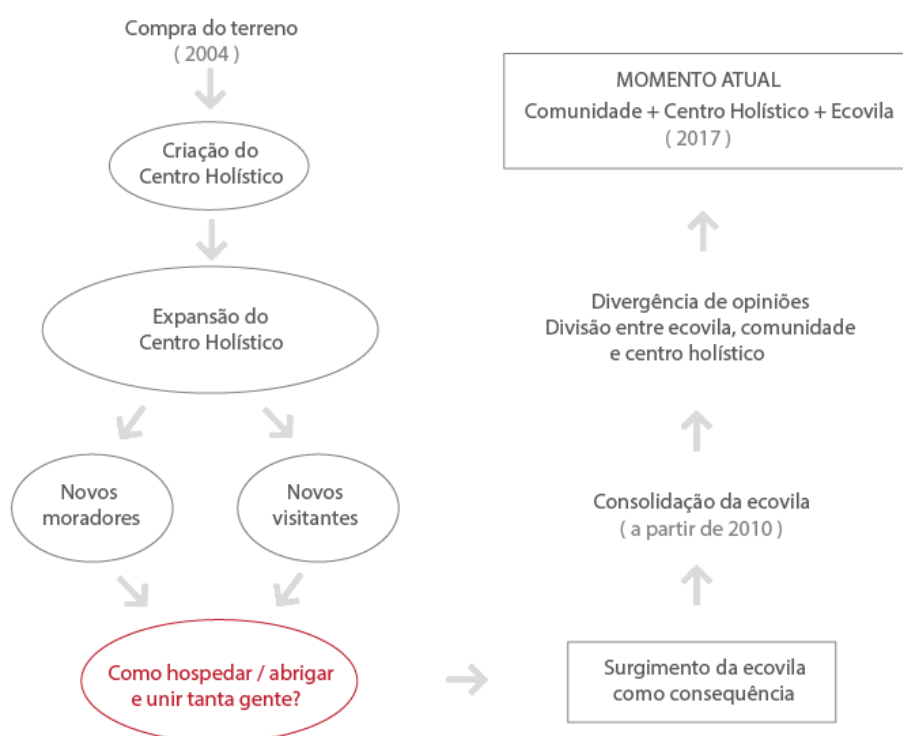


Figura 44 : Histórico de Piracanga. Autoria própria

Vale ressaltar que nem todos os moradores fazem parte da ecovila ou da comunidade; há moradores que não se afiliam a nenhum dos dois lados e apenas busca viver naquele terreno – afinal, como o terreno foi loteado, basta adquirir um terreno para poder habitar naquele espaço. De modo geral, estas pessoas são estrangeiras, muitas delas compraram o terreno há anos atrás juntamente com a fundadora Angelina – também são familiares e amigos que alugam as casas por temporadas. Estas pessoas fazem uso do mesmo espaço físico, porém, se abstendo

de qualquer tipo de envolvimento nas políticas e práticas; este grupo acaba por consolidar um terceiro tipo de organização de moradia dentro do mesmo terreno.

A Comunidade *Inkiri* é dona do Centro Holístico, que constitui uma empresa e tem ampla atuação comercial. Logo, os participantes da comunidade – do total de duzentos habitantes, quarenta fazem parte da comunidade - são sócios desta empresa, obtendo participação nos lucros e auxiliando a empresa como um todo. Angelina, a fundadora, não somente é dona de grande parte do terreno, como também é a dona majoritária do centro holístico, no qual ela exerce uma função de líder e guia, através de uma relação vertical de poder. Vista por muitos como uma ditadora, também tem sua preocupação e seu valor reconhecidos; é uma líder que naturalmente delega inúmeras funções, mas busca atribuir responsabilidades para cada um e possibilitar a autonomia individual. Ela possui uma atitude política, na qual busca convencer os habitantes, ao invés de se colocar na posição de ter sempre a última palavra.

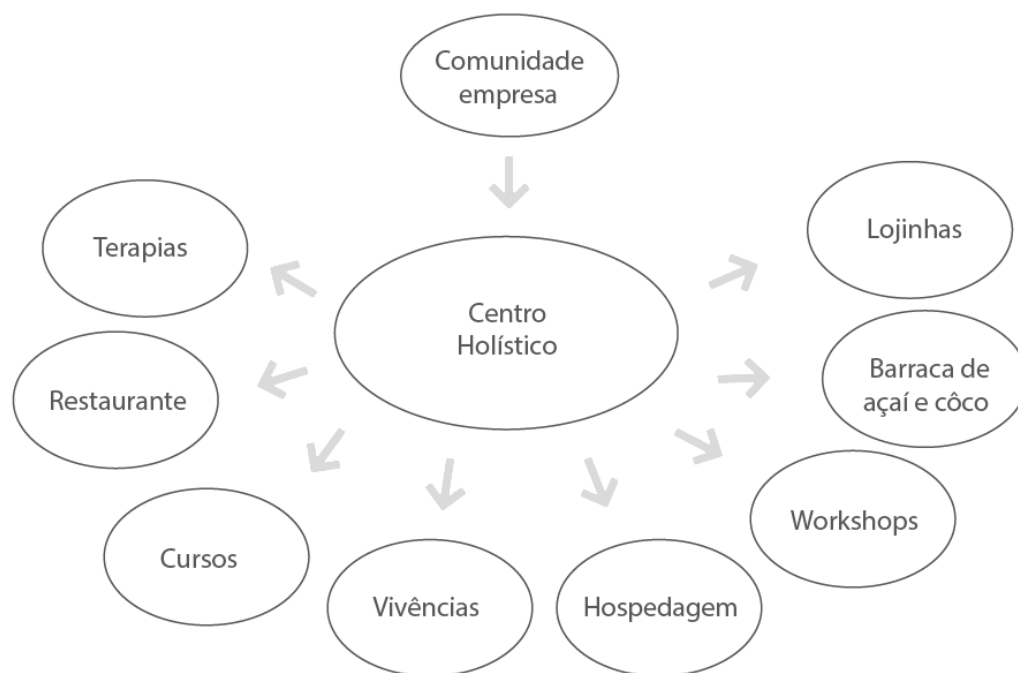


Figura 45 : Composição da comunidade. Autoria própria

Os quarenta membros da comunidade *Inkiri* se dividem em oito conselhos – eventualmente surgem mais conselhos e também podem ser eliminados outros, conforme a necessidade, sempre com o intuito de facilitar a tomada de decisões e possibilitar a participação de todos – conforme seus interesses e aptidões. Semanalmente há reuniões específicas de cada conselho, nas quais são debatidos os assuntos de forma mais abrangente e inclusiva. Após a reunião de cada

conselho, é realizada também semanalmente o Conselho do Centro, que reúne somente o chefe de cada um dos oito conselhos, de forma a otimizar as reuniões e obter resultados mais rápidos para quaisquer questões que se apresentem. Esta foi uma forma de incluir todos os moradores, mas filtrar as discussões através dos conselhos, pois caso as reuniões fossem realizadas com todos os membros, poderia haver uma demora considerável para a tomada de decisões, além de propiciar desordem e problemas de comunicação e interesses.

Enquanto isto, a chamada ecovila possui um funcionamento bastante diferenciado, de maior liberdade entre os moradores. Para começar, a ecovila é baseada em um poder horizontal, onde todos os participantes possuem direitos iguais e voz ativa sobre todas as questões, bem distinto da comunidade que é regida sob a direção de Angelina, através de um poder vertical e cargos de submissão. Talvez por esta questão, haja demora para tomada de decisões e ações na ecovila que não se presencia na comunidade – na comunidade há agilidade, preparo e estrutura; o conflito de interesses pessoais na ecovila é muito maior, enquanto na comunidade os mesmos são minimizados.



Figura 46 : Diferença de funcionamento da comunidade e da ecovila. Autoria própria

Enquanto a comunidade possui grandes projetos e principalmente o centro holístico, a ecovila consegue algumas pequenas e pontuais conquistas, como por exemplo o chamado *Pirauber*, um sistema de caronas e aluguel de carros baseado

no sistema internacional *Uber*⁵¹. Poucos habitantes possuem carros, e alguns dos que possuem alugam seus veículos para demais moradores por um preço reduzido – se comparado com o serviço de transporte do centro –, possibilitando que a pessoa utilize o carro para ir até Itacaré (que é a cidade mais próxima) ou Ilhéus (cidade onde todos frequentemente vão para resolver pendências). A partir desta possibilidade de aluguel de veículo individual, criaram o *Pirauber*, que permite juntar até cinco pessoas com uma rota similar, permitindo otimização do tempo, menos gasto para cada um e menor impacto do automóvel no meio ambiente.

A ecovila busca evidenciar os talentos de cada morador, e se empenham em divulgar seus serviços, além de produtos que queiram comprar, vender ou alugar. Recentemente, também no momento de minha visita, foi realizada uma festa de celebração de conquistas da ecovila, na qual exaltaram a realização de acordos de convivência, a integração de projetos e pessoas (a partir dos projetos pessoais e do sistema de caronas e serviços), a elaboração de um plano diretor e a melhoria na comunicação. São realizadas semanalmente – comumente são duas reuniões semanais – reuniões para discutir as melhores formas de integrar os habitantes, seus interesses e questões gerais de convivência.

A comunidade e a ecovila também se diferenciam quanto a forma de aceitar um novo membro; enquanto na ecovila há um sistema menos rigoroso, a comunidade possui normas mais rígidas. Por exemplo, para integrar a ecovila não há regras específicas; é possível se tornar um membro a partir da participação frequente das reuniões ou também através da amizade com outros membros. Já para integrar a comunidade, é necessário que a pessoa esteja morando em Piracanga há no mínimo entre oito meses, tenha compromisso com as intenções gerais da comunidade e que esteja disposto a seguir as regras impostas – regras as quais não apareceram em momento algum mesmo após solicitações. Além disso, outra forma de maior controle é a restrição de não poder se ausentar por mais de três meses por ano, tampouco mais de três semanas de forma ininterrupta. Esta questão da permanência é colocada com bastante importância pois de forma geral, Piracanga conta com uma transitoriedade muito grande; pessoas vão e vem com

⁵¹ Uber é uma empresa multinacional norte americana, que presta, através de um aplicativo de celular de mesmo nome, serviços de transporte privado nas grandes cidades, similar ao serviço do taxi convencional.

uma frequência considerável, portanto, para que se faça parte da comunidade, é necessário o compromisso de permanência.

O terreno de Piracanga é então dividido em três partes principais – conforme evidenciado na Figura 46 - : frontal, central e de fundos. A parte frontal de frente para a praia é onde fica localizado o Centro Holístico, que conta com hospedagem, recepção, ocas onde ocorrem cursos, e outros ambientes de encontro. A parte central abriga as residências da comunidade e da ecovila – demarcadas na Figura 47 - , enquanto a parte dos fundos - que corresponde a sessenta por cento do terreno - é totalmente preservada e composta por uma floresta nativa. Vale ressaltar que esta divisão não é facilmente percebida por um visitante, pois não há uma separação nítida nem delimitação demarcada – física ou visual.



Figura 47 : Divisão e equipamentos do terreno. Autoria própria

A primeira sensação é de estar em um labirinto florestal, com caminhos pouco definidos – caminhos estes abertos pelo homem e marcados pela intensidade do uso -, e sem visão do conjunto – por isso a semelhança com o labirinto. O que fica claro é o funcionamento do centro na parte frontal do terreno e as construções residenciais a partir disto. A imagem acima evidencia esta separação – ao meu olhar –, também condizente com o fluxo de pessoas, que se mostrou mais intenso na parte frontal e com menor intensidade na parte dos fundos, de acordo com a oferta de equipamentos.

Atualmente há sessenta e cinco casas construídas e aproximadamente cinco em fase de construção – conforme demonstrado na Figura 47⁵². Apesar de certa organização do centro e da ecovila, aparentemente não há restrição para compra de lote e realização de uma construção – contanto que se possua o capital necessário -, não havendo pré-requisitos de Piracanga para que a compra seja efetuada, e que o projeto da construção seja conforme seus preceitos de sustentabilidade. Sendo assim, na prática, as casas podem ser projetadas e construídas como se bem entender conforme o desejo do proprietário.

Há um acordo sobre as construções – acordo este, que partiu da comunidade, mas que também atende à ecovila -, para que as mesmas prevaleçam sob as técnicas de bioconstrução e materiais específicos, porém, este acordo não é respeitado – ainda mais quando o novo dono do lote não faz parte nem da comunidade e nem da ecovila. As construções referentes ao centro holístico e, portanto, sob o comando da comunidade, respeitam o acordo⁵³ de construção com técnicas preferencialmente naturais e com a maior utilização possível de materiais locais.



Figura 48 : Mapa das construções residenciais. Autoria própria

⁵² A imagem consiste no mapeamento das sessenta e cinco residências já estabelecidas ao longo do terreno de Piracanga. E em maior tamanho, está demarcada a residência utilizada como minha hospedagem no período de trabalho de campo no local – vale ressaltar que há hospedagem de hotelaria na parte frontal do terreno, mas para uma experiência mais profunda, se optou por permanecer em uma residência.

⁵³ De forma geral, o acordo não é divulgado. Em minha visita, foi solicitado aos moradores acesso ao acordo, e não foi obtido um retorno sobre estas regras, levando a crer que se trata de um acordo verbal.

É possível observar a partir das fotos apresentadas a seguir, casas construídas somente com técnicas de bioconstrução e casas com a utilização de produtos genéricos sem preocupação ambiental. Além da questão das técnicas e materiais, há também sobre diferença entre equipe de obra; no período da visita foram vistas equipes de obras profissionalizadas e contratadas, e também equipes de mutirão com trabalho colaborativo e voluntário, demonstrando que há a preocupação ambiental quanto às construções, mas que também há espaço para os habitantes que não se engajam na política sustentável de Piracanga.



Figura 49 : Montagem sobre construções residenciais de Piracanga. Acervo pessoal

Independente de serem casas construídas a partir de técnicas de bioconstrução ou não, há uma série de questões das quais todo proprietário deve se encarregar obrigatoriamente uma vez que Piracanga é independente de qualquer órgão do Estado. Desta maneira, cada proprietário deve cuidar da sua própria luz, água e esgoto.



Figura 50 : Montagem sobre cuidados com luz, água e esgoto. Acervo pessoal

A energia é totalmente solar e cada construção possui suas próprias placas de captação de energia solar, estando responsável pelo seu funcionamento adequado; em nenhum lugar de Piracanga há energia elétrica e não há postes de luz por quilômetros de distância.

Quanto à água, o lençol freático se encontra a somente quatro metros do solo, o que incentiva um cuidado excessivo com as águas do local, ainda mais considerando que grande parte do solo é composta por areia, que é naturalmente de alta absorção. Além de se encarregarem de se abastecerem com a água do lençol freático, todos cuidam para que sua reutilização seja realizada e da maneira mais adequada possível. Com a preocupação do devido uso da água, ao longo de todo o terreno ocupado, foram plantadas bananeiras – que não são nativas – para tratar do esgoto e também para evitar a poluição da água. As bananeiras foram - e continuam sendo plantadas conforme a necessidade – sempre nos locais de saída de água, de forma que a água já desce para ser diretamente absorvida e filtrada, possibilitando o reuso adequado. Os ciclos de bananeiras são utilizados para a realização de filtragem de águas cinzas (água utilizada para banho, lavagem de roupas e louças) e também para as águas negras (água utilizada nas descargas) – e neste caso é realizado um método diferente.

Somado a isto, foi desenvolvido um centro de pesquisas, no qual são desenvolvidos produtos biodegradáveis, pois as bananeiras não são capazes de filtrar todos os produtos químicos e contaminantes biológicos provenientes de produtos industrializados; há um limite de absorção pelas folhas de bananeiras, e quando este limite é atingido, as mesmas param de exercer sua função e morrem,

sendo necessário o plantio de novas bananeiras e havendo o risco de consumir uma água de uso impróprio.

Além disso, Outra questão de extrema importância em toda Piracanga é a alimentação; a comunidade é baseada na alimentação vegana, enquanto a ecovila é vegetariana. Apesar desta regra geral, na prática, dentro da própria casa, cada um consome o que desejar. Sendo assim, há caso de habitantes da ecovila que comprem carnes ou derivados em cidades próximas (mas somente os que possuem geladeira, e em todo o terreno, há um total de doze geladeiras). Um ponto importante a destacar é o fato de que Piracanga não é autossuficiente no quesito de alimentação; planta-se muito pouco, mas o trabalho de plantio de alimentos vem sendo cada vez mais incentivado – grande parte do terreno é composto por areia, ou seja, não há solo naturalmente fértil, o que se torna necessário o trabalho incessante de plantio, que vem intensificando gradativamente.



Figura 51 : Comparação do terreno de Piracanga, entre a data de sua compra (2009) e recentemente (2017), a partir da questão do plantio de vegetação. Autoria própria.

Por conta de sua localização isolada que dificulta a saída constante para compra de alimentos, Piracanga recebe feiras alimentícias três vezes por semana, através das quais a maior parte das compras são realizadas pelos moradores – nestas feiras são vendidos somente frutas, verduras, hortaliças e alguns quitutes caseiros, sem nenhum tipo de produto animal. Além das feiras, há uma loja permanente de produtos naturais, na qual podem ser encontradas farinhas, azeites, especiarias, doces veganos (produzidos em sua maioria pelos próprios habitantes) e outros alimentos naturais. Alguns moradores – que em sua maioria não se adequam à alimentação vegetariana – vão até a cidade mais próxima, Itacaré, para realizar compras mensais e para adquirir produtos que não são permitidos em

Piracanga – tanto para venda quanto para consumo, como por exemplo bebidas alcóolicas e fumo.

Os produtos industrializados não são indicados para consumo, apesar de não serem proibidos, e esta atitude está relacionada ao preceito de redução de consumo e também de produção de lixo. Primeiramente, por conta do isolamento físico do terreno, não há muitas formas de consumir, a não ser que se saia de Piracanga – lembrando que o terreno é bastante isolado e o centro comercial mais próximo está há uma distância de aproximadamente uma hora e trinta minutos de carro por estrada de terra de pouca acessibilidade. Estando em Piracanga não há muita opção do que comprar, e o que há disponível, não gera uma quantidade significativa de resíduo; há a loja de produtos naturais, a de produtos biodegradáveis e a de roupas, sendo que nenhuma das lojas faz uso de sacolas e outros produtos plásticos. Além da questão de pouca ou nenhuma embalagem, há também o fator de que não está presente o espírito consumidor; mesmo havendo uma loja de roupas, é somente uma, e as peças permanecem as mesmas por longos períodos, não criando a necessidade de compra para satisfação pessoal e para se manter na moda do momento. A ideia de consumo não é alimentada, fazendo com o que o consumo seja realizado majoritariamente para necessidades e não como supérfluos.

Outro fator fundamental é relativo à responsabilidade de cada indivíduo perante seu próprio lixo; não há uma pessoa encarregada de organizar o lixo nem levar para fora como os lixeiros e as coletas nas cidades grandes. Desta forma, a preocupação individual com o lixo auxilia na criação de uma forte consciência ambiental por não ser possível obter tal tipo de serviço, criando uma participação nas etapas de consumo, descarte e tratamento do lixo. Como pôde ser observado, há exceções, e estas juntam seu lixo em caixas de papelão, as quais serão levadas para Itacaré para serem jogadas em depósitos de lixo ou até mesmo em lixeiras comuns.

As pessoas de maior consciência ambiental já procuram não comprar produtos com plástico e outros materiais que geralmente são rapidamente descartados; mas quando compram, buscam dar um novo uso ao material, como por exemplo, fazendo tijolo ecológico que eventualmente será utilizado em novas

construções. De forma a minimizar ainda mais o impacto no meio ambiente, há um centro de reaproveitamento de lixo, a partir do qual o interessado marca um horário para levar seu lixo – devidamente limpo – para que possa ser reaproveitado de alguma maneira. Esta central do lixo possui dias e horários específicos de funcionamento e eventualmente realiza parcerias com uma empresa de reciclagem de Itacaré.



Figura 52 : Centro de reciclagem. Acervo pessoal

Este posicionamento de preocupação ambiental é bastante presente na educação de Piracanga, que conta com uma escola própria que no atual momento está buscando uma reestruturação do ensino ⁵⁴. As turmas são estabelecidas de acordo com a idade das crianças, mas também conforme a aptidão de aprendizado de cada uma. O ensino não é dividido em aulas específicas de disciplinas de Matemática, Física, Química, Ciências, Geografia, História e Português, mas sim elaborado a partir de projetos que englobem aspectos de cada disciplina curricular. Atualmente são trinta e cinco alunos, todos filhos de moradores, entre dois a onze anos. Os educadores – são sete ao total - não possuem formação como educadores – o que não é necessariamente exigido pois na prática, qualquer pessoa que desejar e possuir o mínimo de habilidade para tal atividade, pode exercê-la.

⁵⁴ A escola de Piracanga está buscando apoio com o MEC, o Ministério da Educação, a partir de uma parceria com uma escola de Ilhéus, para que a escola seja reconhecida e possa emitir diplomas válidos no caso de algum aluno precisar de comprovante de ensino. Desta forma, a escola de Piracanga passaria a possuir um certificado do MEC para ensino adequado.

O trabalho de educador é um dos diversos empregos oferecidos em Piracanga, ofertados pela comunidade, com preferência para contratação de moradores da própria comunidade – apesar de haver educadores que fazem parte da ecovila também. Para garantir o funcionamento de Piracanga, há cento e trinta funcionários⁵⁵, sendo que há oitenta fixos e cinquenta rotativos (que estão no local realizando vivências e cursos, e acabam por trabalhar para obterem um auxílio financeiro para sua permanência no local). A maior parte dos funcionários mora no local e não possui qualquer tipo de vínculo trabalhista⁵⁶. Somente os funcionários externos – que moram nas proximidades como Caubi, Itacaré e pequenas fazendas próximas – possuem trabalhos legalizados e contam com carteira assinada e direitos trabalhistas. Essas pessoas – são somente trinta – são responsáveis pelo trabalho pesado, de limpeza, manutenção e transporte. Todos os outros trabalhos voltados para o desenvolvimento do ser e equilíbrio pessoal com a natureza, são oferecidos aos moradores – tanto fixos quanto flutuantes.

Em relação aos trabalhos dos moradores, foi possível obter a informação de que o salário gira em torno de R\$700,00 para quatro horas diárias de trabalho, com duas folgas semanais, independente do serviço prestado. Sendo assim, surgiu a dúvida sobre como estas pessoas conseguem se sustentar naquele local. Ficou subentendido a partir da convivência com os moradores, que a maioria das pessoas vai morar em Piracanga com dinheiro guardado, não dependendo assim deste salário para sobreviver. Os habitantes buscam companheiros de quarto de forma a diminuir o valor do aluguel, situação na qual se torna possível cobrir os gastos mensais com somente R\$700,00. Além do custo de aluguel, não há grandes despesas; todo o deslocamento é feito a pé, e mesmo o deslocamento para Itacaré ou Ilhéus, acaba sendo uma atividade pontual, não aumentando os custos de forma significativa. A alimentação, por não contar com extravagâncias e se basear basicamente em frutas, verduras e hortaliças, resulta em custos baixos. E em relação ao lazer – praia, surfe, banho de rio, vôlei, etc. –, o mesmo não gera custos

⁵⁵ Exatamente na época do trabalho de campo, houve um corte generalizado de funcionários, e em uma semana aproximadamente dez pessoas foram demitidas, tendo seus cargos futuramente preenchidos por voluntários; ação a qual evidenciou que mesmo uma ecovila pode sofrer dos mesmos efeitos de uma cidade grande.

⁵⁶ Situação que levou a uma série de conflitos por parte de algumas pessoas demitidas neste momento da visita.

pois suas atividades em grande maioria são gratuitas⁵⁷. Então apesar de ser um recebimento de valor reduzido, é capaz de suprir a maior parte dos gastos por estes também serem reduzidos se comparados com o custo de vida numa grande cidade.

A facilidade de se manter economicamente na ecovila e principalmente na comunidade (por conta da participação societária na empresa) é um dos fatores apontados pelos habitantes (tanto da ecovila quanto da comunidade) para uma boa qualidade de vida. Além disso, outros quesitos foram apontados como: contato direto e intenso com a natureza, alimentação saudável, poder andar descalço, ter mais liberdade para viajar (mais para os moradores da ecovila e não os da comunidade por conta do acordo de compromisso de permanência), poder tomar banho de rio e mar diariamente, jogar vôlei, encontrar os amigos frequentemente, não precisar se arrumar para se sentir aceito conforme padrões da sociedade e a possibilidade de se fazer tudo a pé, não precisando de automóvel nem de gastos com transporte de forma expressiva.

Apesar dos poucos custos para se viver em Piracanga, o local é muito mais comercial do que comumente se espera de uma ecovila ou comunidade alternativa. E os preços para yoga, massagens, produtos de roupa, limpeza e higiene se assemelham aos oferecidos em grandes cidades como o Rio de Janeiro⁵⁸; porém, por não fazerem parte do consumo diário dos moradores, acaba não sendo considerável para seu cálculo de custo de vida. Em Piracanga, o capitalismo é abraçado como um facilitador para que a ecovila/comunidade continue se desenvolvendo cada vez mais. O dinheiro obtido pela comunidade é destinado a investimentos coletivos, como a construção de novas ocas – onde são sediados os cursos e vivências -, compra de novos carros para a realização do transporte de visitantes e outros equipamentos que se mostrarem necessários para o ideal funcionamento do espaço holístico.

Com inspiração em Damahur⁵⁹, Piracanga desenvolveu sua moeda própria, uma moeda complementar, o *Inkiri*, com o intuito de aumentar o consumo, incentivar a realização dos serviços e rotatividade da economia local. Tudo o que

⁵⁷ Contudo, vale enfatizar que há ofertas de aulas de *surf*, yoga, terapias, e etc.

⁵⁸ Valores comparados em Fevereiro de 2017

⁵⁹ Uma comunidade sustentável bem sucedida na Itália mencionada anteriormente na pesquisa.

é administrado pela comunidade aceita a moeda complementar, como o restaurante, o centro de terapias, os cursos, os transportes, a barraca de açaí e côco e as lojinhas. Não necessariamente os moradores da ecovila precisam aceitar a moeda, mas em grande maioria ela é utilizada. A moeda também somente é trocada pelo real para moradores ou visitantes de permanência prolongada. Ou seja, caso um visitante esteja presente por somente dois dias, dificilmente entrará em contato com essa moeda complementar já que seu intuito é sua circulação efetiva.



Figura 53 : Montagem sobre a moeda Inkiri. Acervo pessoal

O objetivo da moeda complementar é de motivar a economia interna, fazendo com que o dinheiro circule e permaneça dentro de Piracanga, melhorando a renda dos habitantes – o que não ficou explícito como. O dinheiro é impresso em uma gráfica de São Paulo, e foi desenhado de forma a apresentar a filosofia de vida do local; possui as células de um, cinco, dez, e cinquenta *inkiris*. Apesar da boa intenção, a moeda não possui lastro, o que poderá eventualmente causar um problema econômico na empresa – foram impressos cento e vinte mil *inkiris*, dos quais só foram liberados vinte mil, e os cento e vinte mil não foram de acordo com o saldo real de Piracanga.

Após esta exposição, algumas observações podem ser feitas referente ao que se esperava e o que se encontrou de fato, e são aqui expostas em formato de desafios para esta ecovila específica.

Piracanga apresenta um forte problema em relação à alimentação, que só vem aumentando por conta do seu número de habitantes que não parece diminuir.

Uma comunidade que preconiza a autonomia deveria ser capaz de suprir grande parte de sua alimentação, ou pelo menos parte considerável, e não é o que ocorre – muito pelo contrário, planta-se muito pouco perto do que se consome, estabelecendo uma dependência enorme de insumos externos; e se levarmos em consideração sua localização isolada, isso pode vir a ser um problema sério em uma situação de emergência ou de catástrofe.

Uma questão surpreendente foi o real cuidado com as águas por parte dos moradores; porém, naturalmente, o cuidado não é cem por cento, e por parte de cada habitante há uma parcela de descuido – como, por exemplo, a utilização de um desodorante que não é permitido, produtos de limpeza ou beleza, a ingestão de hormônios, entre outros. Apesar de haver uma grande e geral preocupação com o tratamento adequado das águas, se cada indivíduo abre espaço para uma utilização errônea de produtos e afins, a longo prazo a água estará contaminada, já que não se tratam de cinco ou dez habitantes, e sim duzentos.

O lixo é tratado de forma bastante distinta por cada habitante. Uma parcela considerável dos habitantes se mostra bastante preocupada com a geração de resíduos e busca de todas as formas minimizar o impacto, porém, uma parcela dos moradores simplesmente estoca seu lixo – certamente com maior conscientização do que no meio urbano –, para então levar o problema para outros lugares, o que parece bastante problemático além de eticamente errado. Por que gerar então todo este lixo se não é capaz de lidar com o mesmo? É justo manter seu ambiente limpo e depositar seus resíduos em outros ambientes somente por se tratarem de espaços urbanos consolidados? A questão da conscientização do lixo poderia ser mais trabalhada, para que este tipo de atitude não ocorra.

Outra discrepância é referente às construções. Uma vez que qualquer pessoa com recursos necessários é capaz de construir uma residência, podem-se notar casas ecológicas e casas convencionais, com muito gasto de insumos externos e materiais poluentes. Não deveria haver um maior controle por parte dos habitantes como um todo para fazer valer os acordos que propõem para construções? A ecovila não perde sua força, notoriedade e importância, ao deixar esse tipo de ação ocorrer?

De forma geral, analisando os preceitos básicos para ecovilas, Piracanga parece estar encaminhada para seu crescimento populacional, de práticas e disseminação, realmente oferecendo uma vida em maior equilíbrio com a natureza, em comunidade, porém não afastada do sistema capitalista global – o afastamento só acontece através da distância física de centros urbanos consolidados.

Abaixo seguem alguns números comparativos, para compreensão do quadro geral de número de habitantes, participantes da comunidade, da ecovila, entre outros.

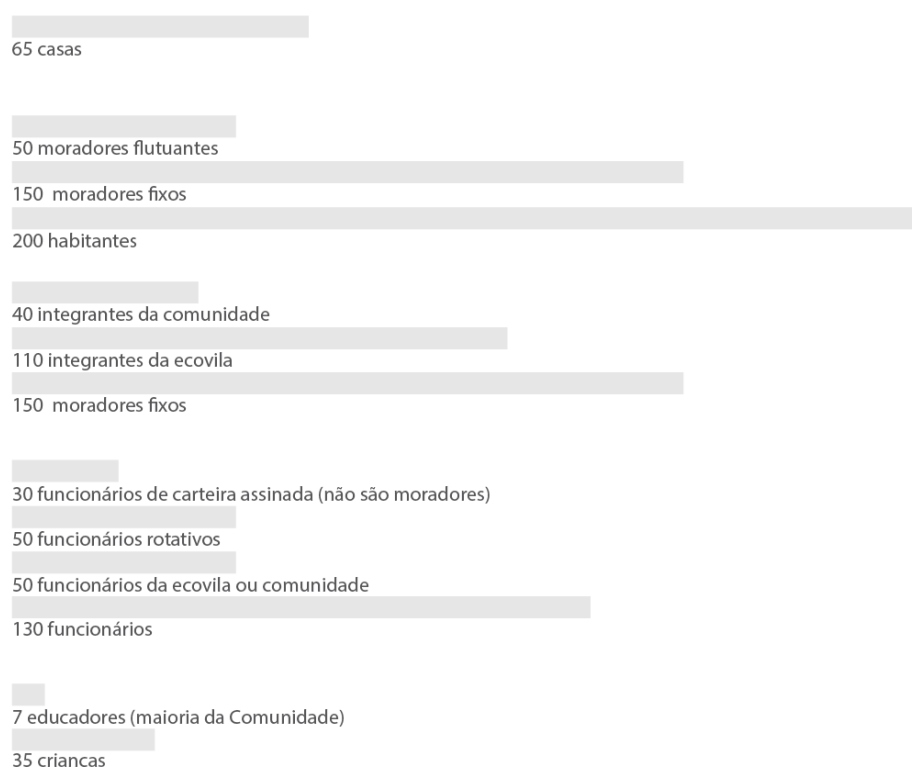


Figura 54 : Piracanga em números. Autoria própria

4.3. Análise das ecovilas visitadas

O intuito neste momento é evidenciar as impressões comparativas entre os dois assentamentos visitados. A realização de duas visitas tinha como objetivo observar características diversas de ecovilas, na tentativa de comprovar – ou ao menos elucidar - o aspecto de desenvolvimento heterogêneo das mesmas. Apesar de constituir um mesmo universo de definição com preceitos e desejos similares, cada assentamento possui seu próprio norteamento, a partir do qual o

desenvolvimento ocorre de maneira diferenciada e específica. E juntamente a este aspecto, está a valorização da essência de cada lugar, ou seja, a compreensão de cada local é distinto e específico, com características próprias que devem ser desenvolvidas de acordo com sua unicidade e autenticidade, ao invés do recebimento de normas impostas de maneira impessoal e descompromissada com o entendimento das diferenças; motivo pelo qual não se busca fazer parte do movimento homogeneizador global, que acaba por desvalorizar este aspecto de diferenciação.

Ambas as práticas demonstraram a valorização de seus espaços e criação de uma cultura própria, a partir do real desenvolvimento de suas comunidades baseadas em suas particularidades. Enquanto Pindorama tem como principal preocupação a busca por uma vida menos dependente do sistema⁶⁰ e sua propagação, Piracanga se desenvolve a partir da busca pela consciência de cada ser humano e a difusão do amor⁶¹, meio através do qual, acreditam ser possível construir uma vida mais equilibrada, seja na ecovila ou nas grandes cidades. Desta forma, cada assentamento vem se desenvolvendo de acordo com o que acreditam ser o mais importante para a transformação do modo de viver, o que fica evidente na oferta de cursos, vivências e também nas pessoas que lá habitam, que transmitem o que está presente naquele espaço.

As ecovilas se tratam de um modo de vida baseado em comunidades cujo preceito básico é a preocupação ecológica. Ambas ecovilas do trabalho de campo constituem o aspecto de vida em comunidade, com a principal diferença de que Pindorama se mostra mais fechada para receber novos participantes efetivos – talvez seja um aspecto passageiro –, enquanto Piracanga se posiciona com bastante abertura para novos visitantes e habitantes – talvez por conta de sua população já maior e estabelecida, e também por sua infra estrutura capaz de receber um maior número de pessoas. Além disso, foi possível observar que em Piracanga, há espaço para habitantes que não estejam interessados em participar de quaisquer aspectos da vida em comunidade; no caso, estas pessoas são as que compraram casas ou lotes, e não se filiaram nem à ecovila, nem à comunidade, simplesmente estando presente em um mesmo terreno, sendo proprietários de casas e habitando

⁶⁰ Ao menos em sua teoria

⁶¹ De acordo com o discurso de Angelina, a fundadora de Piracanga

naquele local, usufruindo da infra-estrutura em comum, sem contudo se comprometer com a organização.

Ainda sobre o aspecto de vida em comunidade, foi percebido um caráter bastante transitório da mesma; notou-se uma quantidade considerável de pessoas que busca conhecer diferentes assentamentos humanos sustentáveis, permanecendo períodos em cada uma delas, e migrando constantemente para outras. O aspecto de vida em comunidade é mantido e continuamente desejado, porém, sua relação com a comunidade parece ser efêmera, como somente parte de um desejo maior de conhecimento da área. Percebe-se a boa relação com habitantes e visitantes, e um senso de pertencimento; mas ao mesmo tempo, é percebida a falta de apego profundo aos demais e ao lugar.

O aspecto do compartilhamento foi percebido de forma mais intensa em Pindorama – é possível que por se tratar da primeira visita, o impacto tenha sido mais considerável -, no qual não parecia haver espaço para individualidade. Todos os ambientes construídos eram voltados para a divisão do espaço, sendo necessário estar meio à vegetação afastada para se “obter um espaço somente seu”. O ambiente era bastante reduzido se comparado com Piracanga, e realmente os cômodos eram utilizados por todos, sem quaisquer tipo de possibilidade de uso individual – com a única exceção dos banheiros por motivos evidentes. Já em Piracanga, cada casa possuía sua individualidade e seu espaço privado, constituindo um mundo a parte para cada morador e possibilitando que se viva à sua maneira, pelo menos em seu ambiente construído. No centro de Piracanga, os espaços – ou infraestruturas - como os restaurantes, as ocas, o rio, a quadra de vôlei, entre outros, eram naturalmente divididos por todos os habitantes e visitantes. Mas caso haja o desejo de se manter isolado e em seu próprio mundo, em Piracanga é possível.

Quanto à redução – de consumo, de lixo e de criação de necessidades -, ambas as alternativas demonstraram coerência. Nos dois casos, a atmosfera criada não favorecia o consumo, e não possuía – ou pelo menos não possuía em quantidade considerável – produtos plásticos e de outros tipos, responsáveis pela geração de lixo de difícil descarte. Além disso, ambos enfatizam a questão de se trabalhar com o que há no local e valorizar o que se tem, sem incitar a busca por mais e mais, ação presente nas grandes cidades atuais.

As duas ecovilas constituem centros de pesquisa, com o intuito de difusão de ensinamentos, sendo Pindorama voltado para o ensino da auto suficiência do homem – no quesito alimentação, moradia, energia, lixo e esgoto -, e Piracanga voltado para a compreensão do ser humano como indivíduo – através de vivências e terapias intensivas, com bastante foco na espiritualidade e auto conhecimento. Apesar disso, as duas opções abordam ambos estes universos de ensinamento, cada qual a sua maneira e intensidade. Somado a isto, estas duas iniciativas foram desenvolvidas a partir da oferta de cursos, e não foram iniciadas como ecovilas propriamente ditas – que em ambos os casos, aconteceu como uma consequência do progresso dos cursos oferecidos.

A interação com as grandes cidades é constante nos dois assentamentos, e a comunicação com o mundo “externo” é fundamental em ambos os casos, principalmente para a disseminação de seus projetos e ensinamentos, sendo peça importante para atrair novos visitantes, moradores, interessados e propagadores. As pessoas se demonstram bastante atentas quanto ao cenário global, porém não parecem se deter em assuntos específicos – como problemas políticos, crises e noticiários constantes. Apesar de haver grande comunicação com as grandes cidades, os habitantes parecem fazer uso diferenciado da mesma, de forma a favorecer seus ideais. Nas duas situações a internet era presente, porém com certa dificuldade. Em Pindorama o acesso à internet somente era possível por parte dos organizadores – para divulgar seus trabalhos, responder e-mails e se manter presente nas redes sociais -, e os visitantes não possuíam este acesso, às vezes nem mesmo sinal de celular. Já Piracanga, possui internet no centro, sendo necessário um pagamento diário para obtenção da rede de dados. Porém, a partir do limite físico do centro, cada morador é responsável por sua própria comunicação, criando um ambiente no qual cada um escolhe se terá internet ou não, e o sinal de celular era presente, mas não na totalidade do tempo.

A partir do trabalho de campo foi possível perceber três distintas formas de auto organização, três pois em Piracanga há divisão entre comunidade e ecovila, que funcionam de formas diferenciadas, sendo a comunidade pautada numa relação de poder vertical – com uma líder, conselheiros e posteriormente conselhos -, e a ecovila pautada na relação horizontal de poder. O que essa divisão em um mesmo terreno foi capaz de demonstrar foi a diferença de agilidade da comunidade frente à ecovila, que também pode ser influenciada por conta da

quantidade de integrantes – enquanto há 40 participantes da comunidade, há 110 da ecovila.

De qualquer forma, o que ficou claro foi a capacidade de solucionar problemas de forma mais ágil e forma de organização a partir da divisão dos participantes em conselhos. Os quarenta moradores da comunidade foram divididos em oito conselhos, cada qual com uma temática específica, de forma que todos possam participar das discussões, porém, de acordo com seus principais interesses. Após reuniões de cada conselho, os assuntos especiais e mais importantes são levados para a reunião dos conselheiros de tais conselhos, com o intuito de debater entre eles os apontamentos levantados; e posteriormente, após acordo de todos os envolvidos, a questão é levada para a líder da comunidade. Esta separação demonstrou que não necessariamente uma divisão traz segregação e exclusão, e neste caso, possibilitou o funcionamento mais adequado para facilitar a tomada de decisões e discussões. Bem diferente de Piracanga, Pindorama conta com um núcleo de menos de dez habitantes, no qual há uma relação vertical de poder, na qual há estritamente uma posição de sócio fundador e colaboradores.

Quanto à autossuficiência, Pindorama parece estar mais encaminhado, muito por conta de esta ser sua preocupação principal. Nesta ecovila, planta-se o que se come, sem a necessidade – ou pelo menos necessidade reduzida – de realizar compras em ambiente externo. Também geram a própria energia - apesar de contar com a rede elétrica em casos excepcionais -, tratam o próprio lixo, o próprio esgoto e contam com uma nascente para o abastecimento de água.

Piracanga também gera a própria energia – e não conta com uma rede em caso de necessidade por estar num sítio isolado e sem infra estrutura -, trata o próprio esgoto, trata em partes o lixo⁶², e sua parcela de plantação de alimentos corresponde a menos de dez por cento de todo o consumo, sendo necessário sediar feiras constantemente, responsáveis por levar alimentos de cidades próximas, para vender aos habitantes. Talvez este seja o maior problema de Piracanga, sua enorme dependência do mundo externo para obtenção de alimentos, principalmente considerando sua localização bastante isolada e desconectada.

⁶² Alguns moradores não possuem a mesma consciência ambiental, e acabam por estocar lixo para posteriormente despejar em cidades próximas como Itacaré por exemplo.

Não é intenção deste trabalho eleger o melhor entre os dois assentamentos, quanto a sua caracterização quanto ecovila, e tampouco analisar minuciosamente sua forma de funcionamento e ações. O objetivo da comparação é a observação das diferentes possibilidades de atuação em relação a um mesmo universo de definição das ecovilas.

A partir da vivência nestas duas ecovilas distintas, e a observação de seu funcionamento, preceitos e habitantes, foi possível identificar fatores em comum, fatores distintos, fatores fundamentais, fatores secundários e fatores característicos de cada local e contexto. Desta forma, foi possibilitada a continuação da pesquisa para elaboração de preceitos fundamentais e preceitos secundários, auxiliando na pesquisa no quesito de caracterização de ecovilas, possibilitando um melhor entendimento sobre o tema, conforme será apresentado no capítulo a seguir.

5

Caracterização das ecovilas

5.1. Preceitos fundamentais

“Independente das condições econômica, cultural e social, uma ecovila será sempre uma iniciativa de cidadãos comuns sedentos por uma nova maneira de viver, um jeito diferente de criar relações interpessoais e de estabelecer vínculos mais harmoniosos com o meio ambiente.” (CAPELLO, 2013, p.70)

As ecovilas, expressão contemporânea de vida em comunidade, têm o intuito de rever e reorganizar diversos aspectos da vida social, com a preocupação constante de que sua atuação e ocupação seja o mínimo impactante possível em relação ao ambiente natural; é possibilitada a partir da vontade de cidadãos comuns – sem apoio político - de se distanciarem do mundo globalizado marcado pelo desperdício de recursos naturais, poluição e consequências nocivas ao meio ambiente e ao ser humano, e também, da competição abundante e violenta da vida contemporânea. A ideia de ecovila é baseada na criação de modelos alternativos de comunidades sustentáveis nos âmbitos social, ambiental, cultural e econômico, que “ colocam o meio ambiente como protagonista com voz ativa nas decisões comunitárias.” (CAPELLO, 2013, p.30)

Sendo assim, as ecovilas são assentamentos humanos que partem de organizações sociais intencionais⁶³; são construídas a partir da lógica de práticas culturais próprias e voltadas para a natureza, através de relações de reciprocidade e proteção à mesma, produzindo sua própria identidade baseada no lugar e se posicionando como alternativa à cultura global. Entretanto, é necessário evitar uma visão romântica acerca das ecovilas e realizar um embate crítico sobre as mesmas, sem, contudo, perder a sensibilidade para uma vida pautada em maior equilíbrio com a natureza, o ser humano e o local de inserção.

⁶³ Estas organizações também podem ser chamadas de comunidades intencionais, e ambas podem ser entendidas como comunidades que nascem a partir da vontade em comum de um grupo de pessoas, com um objetivo em comum.

[...] uma ecovila se forma a partir de cidadãos que se unem para construir um conjunto de infraestruturas capaz de refletir anseios de uma vida mais sintonizada com as pessoas e o lugar que elas escolheram para viver.” (CAPELLO, 2013, p.70)

A partir da reunião de pesquisas e análises desenvolvidas (conforme capítulo anterior), foram elaborados os principais preceitos, que auxiliam no exercício de definição do conceito de ecovila e sua compreensão, conforme a seguir. Porém, há preceitos secundários, que estão bastante presentes em diversas comunidades, como produção alimentar, bioconstrução e economia solidária ou de trocas.

A seguir, se indicam os principais preceitos presentes na configuração da ecovila:

1. Vida em comunidade;
2. Equilíbrio com o meio ambiente;
3. Redução;
4. Auto suficiência;
5. Auto organização;
6. Compartilhamento;
7. Desenvolvimento heterogêneo;
8. Centro de pesquisa e difusão de ensinamento;
9. Interação com centros urbanos;

Vale enfatizar que estes preceitos, a serem desenvolvidos a seguir, surgem a partir do processo de pesquisa e observação deste trabalho, não buscando conformar uma definição definitiva das ecovilas. Também é importante compreender que as ecovilas devem se identificar com o conceito geral, que prevalece o propósito de vida comunitária, integrada, sustentável e de harmonia.⁶⁴

⁶⁴ Enfatizando, “não é simples afirmar se uma comunidade é ou não uma ecovila, uma vez que não existem critérios específicos, mas algumas características as distinguem das demais comunidades intencionais ou projetos ecológicos, principalmente : o foco na vida comunitária e a busca pela sustentabilidade em seus diversos aspectos; uma forte conexão com a natureza; a gestão participativa, além de serem, em grande maioria, centros de educação e treinamento.” (MAJEROWICZ, VALLE, TOGASHI, 2017, pg.22)

1. Vida em comunidade

Este é o primeiro dos dois preceitos fundamentais de uma ecovila, e para este estudo em questão, o termo comunidade pode ser entendido de acordo com a definição de Fitcher (1967, p.154) : “um grupo territorial de indivíduos com relações recíprocas, que servem de meios comuns para lograr fins comuns”. Ou seja, a vida em comunidade é uma forma de agrupamento humano, que “além das relações de trabalho e produção, incluem aspectos como moradia, educação, diversão, desenvolvimento humano e outros”, fazendo com que “a pluralidade das relações e interações crie um campo de grupo que demanda por soluções mais integradas e sistêmicas”. (MAJEROWICZ, VALLE, TOGASHI, 2017. Pg.134)

Não há um número ideal para a composição das ecovilas, porém é entendido que a habitação deve ser de um número o qual permita continuamente a interação entre os moradores, para que haja estabilidade do assentamento e também das relações sociais – ou seja, que seja manejável. Caso haja uma expansão demasiada de moradores, pode haver descontrole dos recursos, das relações e da administração, além de se perder cada vez mais o contato com o próximo e sensação de pertencimento e influência de cada participante. Esta forma de vida em comunidade acaba por criar ambientes favoráveis para “o desenvolvimento pessoal e comunitário, estimulando o aprendizado de novas habilidades e o engajamento social na construção de uma nova forma de vida.” (MAJEROWICX, VALLE, TOGASHI, 2017, p.20)

2. Equilíbrio com o meio ambiente

Este é o segundo preceito fundamental, que junto com o primeiro, forma o âmbito mais global da ideia de ecovila, uma vida em comunidade pautada no equilíbrio com a natureza. Apesar de cada ecovila buscar seu alinhamento com o meio ambiente de uma maneira distinta, a preocupação ecológica está sempre presente juntamente à ação preocupada em produzir o menor impacto possível ao ambiente natural.

“[...] nestes contextos, as relações ambientais são mais visíveis e as pessoas estão mais próximas da natureza, e por isso, são mais sensíveis aos impactos e danos provocados por suas decisões de consumo e produção. Ainda, em comunidades biorregionais não existe um grande distanciamento entre as decisões tomadas [...]

e os locais e vidas dos seres e entes que sofrem as consequências destas decisões, de tal forma que as pessoas têm de conviver com as consequências ecológicas de suas próprias decisões, incluindo os efeitos sobre si mesmos, suas comunidades, vizinhos e descendentes diretos.” (MAJEROWICZ, VALLE, TOGASHI, 2017. Pg.54)

3. Redução

Atrelado à busca pelo equilíbrio com o meio ambiente, o desenvolvimento das ecovilas pode ser entendido a partir da ideia de redução em seu âmbito mais geral. Com base na ideia de diminuição de consumo e produção, busca-se alcançar uma vida mais simples e a diminuição de necessidades supérfluas, além de se evitar a criação de novas necessidades - que nem sempre se mostram realmente necessárias, mas que fazem parte de toda uma lógica de acúmulo de capital. As ecovilas de modo geral não se pautam mais no globalizado “[...] diagnóstico que olha a realidade social a partir da ideia de falta, de algo a ser corrigido ou imputado e que o desenvolvimento, na forma de programa integrado com racionalidade própria, será o responsável pela efetuação.” (RADOMSKY, 2011, p.153). Ou seja, além da constante preocupação de estar em conformidade e usufruindo corretamente dos recursos naturais, há uma grande preocupação referente à consciência de consumo e produção.

4. Auto suficiência

Alinhado com a preocupação latente em obter uma relação harmônica com o meio em que se vive e depender o mínimo possível do ambiente externo, cada ecovila manifesta sua busca pela autossuficiência de maneira distinta, em diferentes parâmetros conforme suas prioridades. “Procuram estabelecer relações harmônicas, respeitando os ecossistemas e os contextos socioculturais nos quais estão inseridos”, e buscam “reassumir o controle sobre aspectos fundamentais de suas vidas, como a geração de energia e a produção de alimentos.” (MAJEROWICX, VALLE, TOGASHI, 2017, p.20) Sendo assim, é possível haver assentamentos auto suficientes somente no quesito alimentação, abastecimento de água, esgoto, energia ou lixo, ou quesitos combinados. Independente do meio através do qual procuram sua autonomia, o posicionamento é similar, de necessidade de maior equilíbrio com os recursos naturais e menor dependência

frente ao sistema vigente. Também pode ser acrescentado aqui o interesse em desenvolver uma independência monetária, a partir da qual a própria ecovila desenvolve uma moeda própria e valores de troca – esta podendo ser única ou complementar.

5. Auto organização

Um grande desafio presente desde as primeiras intenções de criação de qualquer ecovila até suas últimas atividades é a auto-organização e a tomada de decisões baseadas no interesse comum – desafio por conta da natural divergência de opiniões entre as pessoas que estão ali concentradas e por conflitos que ocorrem naturalmente a partir da concentração de pessoas que habitam o mesmo espaço. Por outro lado, esta configuração de tamanha liberdade pode funcionar como estímulo à criatividade e maior desenvolvimento de habilidades das pessoas – seja de técnicas, trabalhos e até mesmo comportamento pessoal -, criando novas possibilidades de autonomia, anteriormente não exploradas.

A partir desta concentração de pessoas unidas através do processo participativo e não de imposição, é intensificada a possibilidade de troca e cooperação em busca de objetivos similares, que acabam podendo potencializar suas capacidades em diversos níveis de atuação. Esta auto-organização pode ocorrer de maneiras distintas, como pode por exemplo, ser a partir de uma relação de poder horizontal – no qual todos os envolvidos possuem voz ativa e mesmo peso de opinião e participação - ou então vertical – que acaba por eleger uma pessoa para exercer a função de líder e coordenador, pode ter conselhos, conselheiros, e níveis distintos de participação. Por se tratar de um desenvolvimento heterogêneo – conforme será explicado no preceito 07 -, cada ecovila é organizada de uma forma distinta e específica para que seu funcionamento seja adequado de acordo com seus princípios e ideais.

É evidente que na prática, a organização para que a ecovila seja de fato implantada e suas tarefas realizadas, não é meramente simples como sua teoria preconiza. Além de uma série de impasses, problemas financeiros e legislativos a serem enfrentados, muitas iniciativas podem não sair do plano das ideias por falta de comunicação adequada, falta de princípios em comum, falta de responsabilidade e compromisso, falta de perseverança e também a presença de uma visão ingênua. É estimado “que 90% das iniciativas de ecovilas jamais saem

da esfera do sonho ou morrem depois de alguns primeiros passos.” Capello (2013, p.72)

6. Compartilhamento

Além do compartilhamento de ideias e decisões, é realizada a partilha significativa de bens e infraestruturas, o que significa uma mudança de comportamento quando se comparado com o modelo mais difundido das grandes cidades, o de posse absoluta. Ou seja, ao invés de ser dono de algo, este algo é compartilhado de forma comunitária, possibilitando que uma mesma pessoa tenha à disposição uma série de produtos e/ou serviços a um custo reduzido em oposição a várias pessoas terem este mesmo produto e/ou serviço – situação a qual exige que todos gastem uma maior quantidade de dinheiro para algo que não precisa necessariamente de exclusividade. Não somente o custo é diminuído, como também o impacto no meio ambiente pode ser seriamente suavizado – entrando em harmonia com os preceitos de vida em comunidade, equilíbrio com a natureza e redução.

Este preceito não implica numa redução de qualidade de vida e realização de sacrifícios. Pelo contrário, é uma maneira de prover uma vida com qualidade para as pessoas envolvidas sem que as mesmas necessitem do exercício de posse, a partir da presença de um espírito comunitário, que é capaz de “dar um uso mais bem dimensionado e ecologicamente correto para uma série de aspectos ligados à vida doméstica de quase todos.” (CAPELLO, 2013, p.51) Estas mudanças de comportamento mostram a vontade de resistência frente aos valores mercantis do mundo contemporâneo, cada vez mais interessado na compra de bens e realizações individuais. Aqui, o conceito de ter é trocado por usar.

A tomada de ações voltadas para a redução e compartilhamento – ou seja, de certa forma é realizado uma retomada de costumes tradicionais - não significa uma regressão ou um desejo de retornar ao passado negando o presente e o possível futuro; é somente uma tentativa de reavaliar a posição do homem frente ao que lhe é imposto.

“Em outras palavras, essas comunidades acreditam ser possível tirar proveito de experiências interessantes do passado para construir o futuro, sem que isso

signifique uma estagnação no tempo ou um olhar obsoleto sobre questões contemporâneas.” (CAPELLO, 2013, p.119)

7. Desenvolvimento heterogêneo

As diferentes ecovilas espalhadas ao redor do mundo se constituem dentro de um mesmo universo de definição; porém é fundamental compreender que as trajetórias não são e tampouco devem ser homogêneas, “rompendo com velhos paradigmas, a ânsia do desenvolvimento desenha agora caminhos plurais e heterogêneos com diferentes matizes”, (RADOMSKY, 2011, p.150). Este preceito está relacionado à sua unicidade e da não tentativa de se encaixar em padrões pré-estabelecidos – ou seja, as ecovilas têm como característica a capacidade e intenção de se desenvolver em diferentes locais e de maneiras distintas. Caso contrário, estariam aderindo ao movimento homogeneizador do mundo capitalista, que desvaloriza as características peculiares e os desafios individuais. Segundo Jacques Ellul⁶⁵, “hoje, com os mais maravilhosos meios de difusão possíveis, difunde-se uma cultura da qual se pode dizer, na melhor das hipóteses, que é uma ausência de cultura e produzida ao acaso.” (LATOUCHE, 1994, p.105)

“Cada ecovila é única. Pertence a um contexto social, político e econômico específico. Atua na realidade em que está inserida de maneira singular. Organiza-se e viabiliza sua existência de maneira particular. Suas práticas e ações administrativas fazem parte de sua essência, de suas políticas e dos valores e padrões éticos de seus membros.” (MAJEROWICZ, VALLE, TOGASHI, 2017. Pg.49)

Somado a isto, é possível perceber que a ecovila possui maior importância a partir do momento em que não busca ser uma resolução global ou modelo a ser fielmente replicado. A ecovila é potencializada através de suas particularidades – e condições locais - e na ação local com foco na sustentabilidade e comunidade; ou seja, suas singularidades e o foco na ação pontual possibilitam que as ecovilas se desenvolvam mais adequadamente. E além de não buscar representar uma resposta universal, a ecovila demonstra – através de suas práticas – que não

⁶⁵ Jacques Ellul, filósofo, teólogo e sociólogo.

poderia ser a solução absoluta por não ser capaz de englobar todos os problemas que busca sanar, ainda mais considerando sua reduzida escala de funcionamento.

Sob esta mesma vertente, está a busca e valorização da essência do lugar e do indivíduo, para desencadear uma relação mais efetiva com a realidade local e seus habitantes – o que de fato acaba por possibilitar o desenvolvimento heterogêneo de cada ecovila. “A tarefa de formular políticas e ações específicas e locais para determinada situação seria em consequência mais eficiente e efetiva.”⁶⁶ (RIHANI, 2005, p.60). Esta formulação ocorre a partir de uma abordagem de baixo para cima – a qual valoriza o lugar, as pessoas e as necessidades reais e específicas, ao invés de receber imposições generalizadas e desconectadas de suas realidades -, e fortalece o movimento de abandonar o paraíso ilusório e sedutor das “[...] soluções prontas e fechadas, das explicações transculturais, eternas e universais, para nos exilarmos no mundo concreto, cuja apreensão é muito mais difícil e nos exige mais flexibilidade.” (SOUZA, 1997, p.51)

Este posicionamento referente à importância do lugar, à compreensão e forte valorização de suas particularidades, agrega resultados benéficos e enriquecedores para a cultura, relações naturais, preservação da natureza, desenvolvimento de uma economia própria, identidade do lugar e senso de pertencimento. Nas ecovilas, os espaços são construídos a partir do conhecimento local e com base e incentivo na experimentação ao invés da imposição – mesmo que se aprenda com alternativas anteriores e bem sucedidas. Desta forma, os habitantes buscam pela consciência perdida típica do capitalismo e passam a poder possuir maior controle dos recursos e também das decisões que pautam suas vidas – que está atrelado ao preceito de redução e auto organização.

“Os estudos localistas avaliam as vantagens aglomerativas e de proximidade como fontes de conhecimento e aprendizagem, enraizadas naquele território singular, criando, com suas investigações, listas ad hoc dos ativos, capacitações, normas, rotinas e hábitos, todos devidamente region-specific.” (BRANDÃO, 2003, p.5)

⁶⁶ Tradução livre para “*The task of formulating specific local policies and actions for a given situation would in consequence be more efficient and effective*”.

Contudo, este posicionamento de valorização do heterogêneo não elimina a possibilidade de apoio e aprendizado a partir de outras ecovilas já assentadas e bem estabelecidas. Ao oposto disto, há redes globais e também nacionais voltadas para o esforço de compartilhamento de experiências e trocas de informações buscando resultados melhores para todos que desejem iniciar tais empreitadas – o que já evidencia o caráter de preocupação por um bem maior em contraposição aos interesses individuais e competitividade.

8. Centro de pesquisa e difusão de ensinamentos

Este esforço de compartilhamento de conhecimento para auxílio do próximo demonstra parte da ação de servir a uma causa maior e o desejo – combinado com a vocação natural – de disseminar uma mensagem para o mundo levando adiante seus ensinamentos a partir de práticas educacionais e experimentais. Não somente buscam ensinar e trocar, mas também compreendem que as ecovilas por si só viram experimentos para que seja possível o desenvolvimento de novas relações sócio espaciais e ecológicas. Em menor ou maior escala, e a partir de diferentes práticas e metodologias, as ecovilas possuem o caráter de difusão de ensinamentos e criação de centros de pesquisa e aplicação, sendo de grande interesse a ampliação a compartilhamento de lições que visem um maior equilíbrio com a natureza e que dizem respeito a novas formas de assentamentos baseados em comunidades alternativas. A difusão de ensinamentos não se concentra para adeptos deste modo de vida alternativa, mas busca novos adeptos para que o movimento ganhe cada vez mais força e se desenvolva cada vez mais – além disso, a troca com novos interessados acaba podendo ser benéfica para as próprias ecovilas.

“Ao mesmo tempo em que estão construindo comunidades locais sustentáveis, constituem uma rede global para a educação e transformação social. Sua contribuição fundamental é o poder do exemplo. A ênfase está na responsabilidade individual e no empoderamento para a ação conjunta..”
(MAJEROWICZ, VALLE, TOGASHI, 2017, pg.25)

9. Interação com a cidade

Apesar de buscar o distanciamento do mundo competitivo capitalista, a ecovila não se encontra isolada das influências do cenário contemporâneo global, pois a “urbanização do planeta significa que, mesmo não estando dentro de uma cidade, somos atingidos por seus projéteis.” (ROLNIK, 2010, p.73) E além de não estar livre de encontros com este cenário, em diversos momentos há necessidade de estreitamento das relações. Ou seja, mesmo buscando se distanciar – de certa forma - do modo de dominação global de vida, a ecovila sempre interage de alguma forma com a cidade e seu entorno, pois faz parte de um processo mais amplo, estando aberta ao diálogo com o mundo externo, possibilitando a formação de novas possibilidades.

Contudo, mesmo se contrapondo com a cidade, o fato de interagir com a mesma não torna a ecovila menos crível ou tendo seus conceitos enfraquecidos. Este mesmo mundo, do qual buscaram se distanciar, acaba sendo o mesmo que fortalece as ações de cunho de disseminação de suas práticas sustentáveis – como explicado anteriormente no preceito referente a centros de pesquisa e disseminação de ideias. As interações com o capitalismo podem ser dadas através da intensa comunicação, marketing, propaganda, internet, cursos, palestras, *workshops*, vivências, hospedagem e outros serviços oferecidos pelas ecovilas – de acordo com cada ecovila -, que acabam se tornando as principais fontes de renda para que os moradores consigam permanecer onde estão e vivendo desta forma distanciada e diferenciada.

Logo, esta conexão com o mundo globalizado cada vez maior é também uma maneira de aumentar a influência e difusão de ideias, além de ampliar de maneira considerável o potencial de investimento e possibilitar uma série de melhorias. Por exemplo, a partir da oferta de hospedagem, um caráter interessante é estabelecido: o da transitoriedade das ecovilas. Há uma quantidade incomparável de visitantes - em relação aos habitantes fixos -, que passam temporadas em busca de experiências e conhecimento nestes assentamentos alternativos – mas também deixando sua contribuição na forma de novas ideias, olhares e hábitos culturais. As ecovilas não buscam ser totalmente desconectadas do mundo exterior, e a partir de conexões com o externo, muitas possibilidades são geradas. O mundo capitalista, que se expressa de forma colaborativa através das pessoas que participam da ecovila, acaba desta maneira, marcando

positivamente o dinamismo da ecovila, e gerando grande parte do capital necessário para sua sobrevivência e continuidade.

5.2. Preceitos secundários

Além dos preceitos fundamentais já apresentados, há três pontos importantes, porém não essenciais para a consolidação de ecovilas. Ou seja, são preceitos que podem ou não estar presentes nesses assentamentos, sem comprometer sua caracterização como uma ecovila. Estes preceitos secundários são: produção alimentar, bioconstrução e economia solidária ou de trocas. É possível imaginar uma ecovila que não produza sua própria alimentação, e a obtenha a partir de feiras orgânicas e naturais ou até mesmo a partir de cooperativas de produção natural de alimentos. Embora haja grande preferência para o próprio plantio, tal aspecto não deve ser considerado como um pré-requisito ou preceito fundamental. Há também a questão da construção adequada – bioconstrução -, bastante presente em grande parte das ecovilas estudadas. Porém, não se pode descartar a possibilidade de uma ecovila se estabelecer em um terreno já construído e de construções não sustentáveis, não sendo um preceito fundamental para a compreensão de uma comunidade como uma ecovila. Não é a construção que irá definir um assentamento como ecovila ou não. Por último, podemos mencionar a busca por uma economia solidária ou baseada em trocas. Apesar de muitas ecovilas desenvolverem uma própria moeda – usada em sua totalidade ou somente como complementar -, e estabelecerem acordos de troca, todas estão de alguma forma conectadas com a economia vigente oficial. Sendo assim, uma ecovila é capaz de existir sem a criação de uma economia própria ou até mesmo sem grandes transformações financeiras, mas aderindo a todos os outros preceitos mencionados anteriormente. O importante é compreender a ideia de totalidade da ecovila, ou ao menos a tentativa de se estabelecer como um assentamento completo equilibrado, capaz de lidar com funções fundamentais da vida, como questões de alimentação, saúde, economia, lazer e habitação.

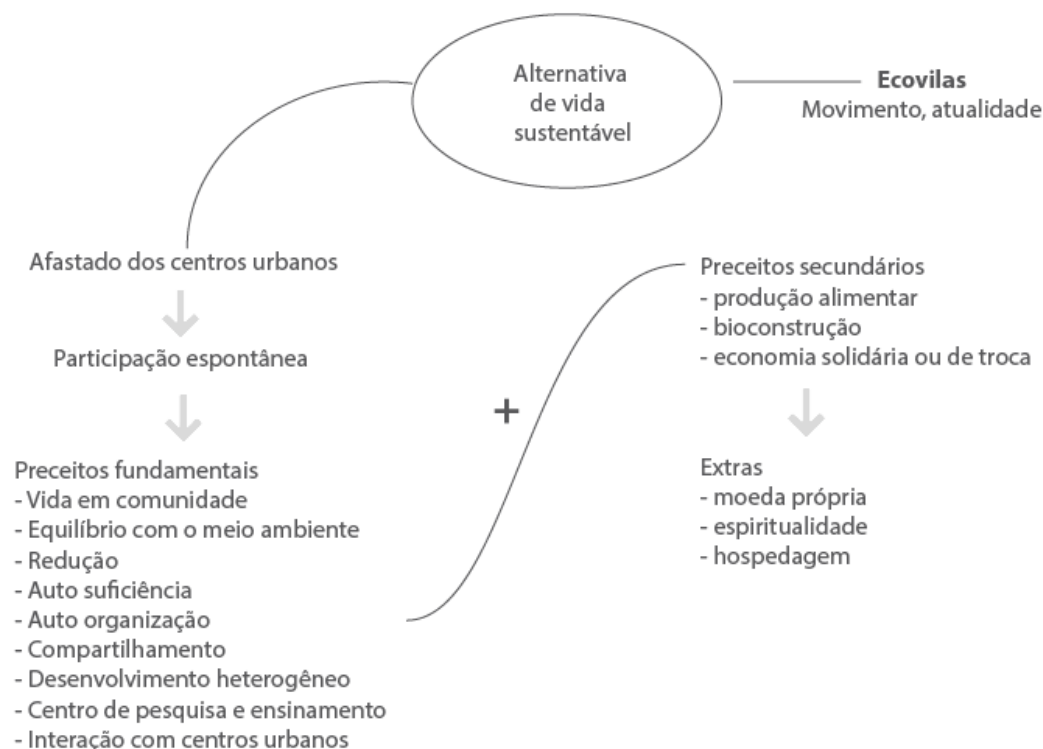


Figura 55 : Esquema resumo sobre ecovilas
Autoria própria

5.3. O conceito de qualidade de vida nas ecovilas

A partir das experiências e observações registradas das análises realizadas, é possível reafirmar que um dos aspectos mais importantes referente à mudança desejada pelas ecovilas e que se apresentam de uma forma mais subjetiva é a qualidade de vida. A busca por uma melhor qualidade de vida é um dos principais estímulos das ecovilas, motivando na decisão de adesão à essas comunidades.

Mas o que é afinal qualidade de vida e quais os parâmetros necessários para a avaliação da mesma? Apesar de ser um tema de considerável complexidade e significância social, não há uma conformidade capaz de clarificar tal conceito. “A falta de consenso teórico leva muitas pesquisas a utilizarem conceitos como saúde, bem estar e estilo de vida como sinônimos de qualidade de vida.” (PEREIRA, 2012) Somado a isto, tampouco há um índice verdadeiramente coerente para a avaliação desta temática.

Segundo Pereira, Teixeira e Santos (2012), o termo qualidade de vida foi popularizado em torno de 1960 por conta de seu extenso uso para fins de

plataforma política de norte-americanos. Como apontam os autores, a forma de abordagem de muitos dos indicadores adotados estão atrelados aos interesses políticos a fim de favorecer campanhas e garantir a eficiência de governos administrativos – ou ao menos para criar parâmetros que demonstrem resultados que os políticos desejam alcançar. A seguir serão apresentados alguns índices mundialmente conhecidos e utilizados como tentativa de elucidar esta qualificação, ressaltando que não necessariamente os índices foram desenvolvidos com o propósito de avaliar a qualidade de vida, porém acabam sendo utilizados como parâmetros para tal fim.

O primeiro índice é o Produto Interno Bruto (PIB), criado pelo russo naturalizado americano Simon Kuznets na década de 1930. Este é um indicador estritamente financeiro – proveniente da soma de uma série de fatores como consumo privado, consumo público, investimentos e balança comercial - sem questões sociais atreladas a ele. Este medidor econômico também é responsável por classificar o desenvolvimento das nações de forma geral e acaba por gerar pressões políticas para se alcançar resultados positivos do PIB, mesmo que isto signifique uma série de perdas significativas para a população, inclusive referente à própria qualidade de vida.

Um dos principais – ou pelo menos mais difundidos – índices de medição e avaliação de qualidade de vida é o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), proposto pelos economistas Mahbud ul Haq e Amartya Sen em 1990, com o intuito de desviar o foco do desenvolvimento da economia – referente ao Produto Interno Bruto (PIB) - e da contabilidade de renda nacional para políticas centradas em pessoas. É uma proposta de classificar o desenvolvimento das nações, combinando aspectos econômicos e questões sociais como indicativos de educação e expectativa de vida. Suas três abordagens principais são referentes à renda, educação e saúde, mas ainda se encontra distante de abordar de forma preciso sobre aspectos referentes ao desenvolvimento.

Em terceiro lugar, podemos citar o *Genuine Progress Indicator* (GPI), de 1995, uma proposta de combinação entre o crescimento econômico e o bem estar

da população; é realizada uma soma de uma série de valores ⁶⁷, relacionando os gastos com danos causados ao meio ambiente, os investimentos e os gastos pessoais da população. Seus valores resultam em indicativos sobre condição de vida, sustentabilidade da população, meio ambiente e economia, se contrapondo ao aspecto estritamente econômico do PIB por exemplo. Desta forma, o GPI acaba por oferecer uma ferramenta de avaliação mais ampla, sobre assuntos geralmente tratados separadamente – como meio ambiente e bem estar. Em teoria, é possível que o bem estar e a saúde sejam avaliados até no nível individualizado.

Seguindo outra vertente, há o indicador de Felicidade Interna Bruta (FIB), originário do Butão no Himalaia, em 1972. A proposta de seu elaborador, o rei butanês Jigme Singya Wangchuck, era de estabelecer uma nova métrica para medição do progresso de uma comunidade ou nação a partir da combinação com questões referentes ao meio ambiente e qualidade de vida. Em contraposição às três métricas mencionadas anteriormente, o FIB preconiza o desenvolvimento material harmonizado com a Terra, juntamente ao psicológico, cultural e espiritual, não tendo como objetivo central o crescimento econômico. Segundo o portal online brasileiro do FIB, os nove aspectos analisados são: bem estar psicológico, saúde, uso do tempo, vitalidade comunitária, educação, cultura, meio ambiente, governança e padrão de vida.

Estes quatro indicadores citados acima são baseados em distintos parâmetros que buscam avaliar o progresso das nações e comunidades e seu bem estar, e acabam por apresentar resultados de qualidades de vida bastante dessemelhantes. Apesar de suas abordagens diferenciadas, estas métricas acabam por valorizar a medição por nação e não pelo indivíduo - no caso do GPI e do FIB ainda há uma sensibilidade referente às questões pessoais, apesar de não ser suficientemente individualizado - , quando na verdade o conceito de qualidade de vida deveria ser voltado para cada pessoa de forma bastante individualizada, não sendo coerente uma avaliação abrangente e homogênea.

⁶⁷ Os principais valores para a realização do cálculo são: gastos pessoais, índice de distribuição de renda, gastos em rodovias e estradas, serviços prestados por trabalho voluntário, custo da criminalidade, custo do desemprego, custo do tempo de lazer perdido, capital investido líquido, empréstimos internacionais, custo da utilização de produtos naturais, custo da poluição do ar, custo da poluição da água e custo de danos de longo prazo ao meio ambiente.

Ao estabelecer métricas, as especificidades, o contexto e a cultura de cada ser humano são postas de lado, mesmo sendo fatores de grande importância por definirem cada um de nós. Além disso, um fator determinante para analisar a qualidade de vida diz respeito sobre a percepção individual de cada pessoa sobre sua vivência; segundo Gill e Feinstein (1994), muitos dos instrumentos utilizados para as realizações de métricas irreais, poderiam ser trocados pela avaliação de cada um sobre seu estado na vida.

As métricas então carecem da sensibilidade referente às pequenas coisas da vida individual, embora as mesmas estejam presentes no dia a dia de qualquer pessoa, independente de cultura e localização. Seguem algumas questões importantes presentes ao redor do mundo: qualidade de alimentação, qualidade e tempo de sono, tempo de deslocamento para realização de atividades de trabalho, qualidade do ar e da água, poluição, tempo para si, desejos e ambições, objetivos, expectativas, realizações, frustrações, preocupações, saúde – referente a se sentir bem -, felicidade, realização pessoal, vínculos afetivos e espiritualidade. Estes são somente alguns dos inúmeros itens presentes em nossas vidas que auxiliam a definir quão boa é a vida de cada um, mas que são ignorados nas métricas mundiais – provavelmente por serem subjetivos e imensuráveis.

Tendo isto exposto, o conceito de qualidade de vida parece não encontrar uma medição adequada já que as métricas atuais não valorizam esta subjetividade mencionada, de que o próprio homem é quem pode e deve avaliar quão boa é sua própria vida – ou até mesmo quão ruim. A percepção individual evidencia os diferentes significados e pesos que devem ser dados para diversos aspectos que pautam nossas vidas. Os valores diferem de pessoa para pessoa, de acordo com seu ambiente e contexto, e até mesmo quando há duas pessoas em um mesmo contexto.

Sendo assim, levando em consideração que cada ser humano possui sua própria subjetividade e esclarecimento do que é ter uma vida com qualidade, como avaliar a qualidade de vida com base em comunidades e nações? É possível medir a qualidade de vida? Como seria a qualidade de vida dos habitantes de ecovilas, caso a mesma fosse medida pelos parâmetros usuais? As ecovilas não se enquadram nas métricas existentes por conta de seu estilo de vida alternativo,

valorizando a percepção individual e oferecendo ainda mais espaço para que cada pessoa realize seu próprio entendimento de qualidade de vida, sem grandes influências externas. Este tipo de assentamento humano pode auxiliar a questão a partir da experiência de vivência – seja ela permanente ou temporária –, que facilita a clarificação sobre como se deseja levar a vida, a partir da imersão e contato constante consigo mesmo.

O embate entre a temática de qualidade de vida e a experiência de vivência em ecovila tem o intuito de apresentar uma considerável qualidade de vida nestes assentamentos específicos – para aqueles que assim buscam viver – que não se encaixa nos padrões globais, reforçando seu posicionamento alternativo frente ao modelo capitalista. Entretanto, seu ensinamento não consiste em apresentar o modelo ideal ou o que é de fato qualidade de vida, por se tratar de uma temática de tamanha subjetividade e de avaliação pessoal. O intuito é apresentar a ecovila como exemplo de que é possível ter qualidade de vida atrelada a sustentabilidade, a partir do equilíbrio entre capital humano, social e natural, buscando a união de aspectos de maneira sustentável sem a diminuição da sensação de bem estar; ou seja, sem abrir mão de pequenos prazeres e necessidades julgadas importantes.

A partir da convivência com moradores e visitantes, foi possível estabelecer alguns principais indicativos para a avaliação de qualidade de vida. É muito importante ressaltar que estes não são os aspectos fundamentais e os únicos a serem analisados quando se refere à qualidade de vida – são somente os que foram ressaltados e que se apresentaram com maior homogeneidade a partir do trabalho de campo. A seguir são indicadas as categorias – e permanece a questão: onde estes parâmetros se encontram nas avaliações métricas globais?

1. Contato com a natureza;
2. Alimentação saudável;
3. Senso de pertencimento;
4. Consciência de consumo e reserva financeira;
5. Tempo e ócio;
6. Autoconhecimento e consciência do ser;

7. Diminuição do stress;

1. Contato com a natureza

Primeiramente podemos citar os benefícios do contato direto com a natureza para a saúde e para o bem estar, como:

- maior contato com vitamina D proveniente do sol, que auxilia a absorção de cálcio, melhoria de humor, redução do risco de doenças cardíacas e de acidentes vasculares cerebrais, melhoria da circulação sanguínea e diminuição da pressão arterial;
- possibilidade de maior capacidade de foco e relaxamento, diminuindo o stress de todo dia a partir da diminuição da produção do cortisol, a substância que pode ser conhecida como hormônio do stress;
- melhoria da qualidade do ar e auxílio para a diminuição da pressão arterial, muitas vezes prejudicada por ambientes fechados e poluição. Além disso, respirar ar fresco ajuda a regular os níveis de serotonina, promovendo sensação de felicidade e bem estar e também um efeito de tranquilidade;
- contato direto com a terra, que possui uma bactéria inofensiva que age como uma espécie de antidepressivo natural ao auxiliar a produzir mais serotonina;

Além desta relação proveitosa para a saúde, a conexão com o entorno acaba sendo fortalecida e a atuação de cada indivíduo se torna mais responsável, possibilitando e se desejando um usufruto correto dos recursos naturais. Isto ocorre porque cada morador ou visitante está diretamente conectado com o solo e totalmente circundado pela natureza. Como poluir uma água que em breve será utilizada para própria hidratação? Por que jogar lixo onde em breve se pisará? O cuidado com o meio ambiente passa a ser algo natural e não uma relação desafiadora e limitadora.

2. Alimentação saudável

Uma vez que as ecovilas estão situadas em ambientes majoritariamente naturais, as mesmas realizam o plantio e colheita de sua própria alimentação – ao

menos grande parte do que é consumido pelos moradores -, fazendo com que uma alimentação adequada e saudável seja bastante facilitada até mesmo para os menos adeptos. Podemos citar algumas das vantagens obtidas através de uma alimentação equilibrada – baseada na preferência por alimentos naturais:

- melhoria do sistema imunológico, auxiliando na prevenção de doenças. O organismo passa a ter mais resistência e também maior proteção contra infecções, gripes e resfriados;
- aumento da energia, que proporciona bem estar e mais disposição para a realização de tarefas;
- manutenção do peso, evitando o sobrepeso e também a obesidade, e consequentemente evitando problemas como hipertensão arterial, aumento do colesterol ou elevado índice de açúcar no sangue;
- melhoria da qualidade do sono e facilidade para dormir, que ocorre a partir da ingestão de alimentos que aumentem os níveis de serotonina, induzindo ao relaxamento e evitando insônias;
- melhoria do humor e combate à depressão, novamente auxiliada pela ingestão de uma alimentação com bastante presença de serotonina.

3. Senso de pertencimento

Conforme mencionado anteriormente, as ecovilas buscam se tornar centros de troca e aprendizado – para disseminação de ideias e costumes ligados a tal modo de vida alternativa -, servindo a uma causa maior e unindo as pessoas que ali habitam ou simplesmente transitam. Ao servir a um mesmo propósito de vida compartilhado com os demais habitantes, há uma maior conexão do homem com seu espaço e, portanto é criado um senso de pertencimento, favorecendo sua devoção. A relação entre o homem, o espaço e o ambiente construído é fortalecida, pois o indivíduo passa a se sentir como parte daquele espaço.

As ecovilas possibilitam esta sensação por se tratar de um assentamento humano de menor dimensão quando comparado com as grandes cidades, onde os indivíduos acabam desconectados uns dos outros, podendo criar vidas isoladas e sem conexão com o espaço onde vivem. Contudo, vale lembrar que este senso de

pertencimento pode sim ser obtido em grandes cidades, porém, é mais facilitado a partir da vivência em ecovilas por suas dimensões reduzidas e união de pessoas com propósitos de vida similares.

4. Consciência de consumo

O contato e cuidado constante com o meio ambiente – conforme citado previamente – é capaz de influenciar no consumismo, a partir do momento em que se percebe nitidamente a própria geração de lixo proveniente da indústria do consumo. Este novo olhar sobre a geração de resíduos resultante de ações de compra desencadeia um processo de desapego, diminuição do consumismo – e também produção – e posteriormente, a redução da necessidade de acumulação de bens.

Esta nova consciência se refere à dissociação entre felicidade e poder econômico – relacionado ao poder de compra mais especificamente. Desta forma, são percebidas as reais necessidades de bens, independente de status ou modismos, evitando a acumulação – muitas vezes vista como algo natural ou até mesmo despercebida. O desapego material também possibilita uma revisão sobre o custo de vida, que se mostra cada vez menor ao passo em que se consome cada vez menos por entendimento da falta de necessidade de possuir tantas coisas para sustentar.

Atrelado à consciência para consumir e diminuição de compras, é possível incrementar a reserva financeira de cada indivíduo, que apesar de não possuir importância central, é percebido como meio para ter tranquilidade financeira – ou seja, para poder arcar com os próprios custos em longo prazo. Sendo assim, a reserva – o acúmulo de capital - seria para a garantia da continuidade do estilo de vida, e não o acúmulo por si só. Cada indivíduo é responsável por definir que tipo de riqueza é necessário para seu próprio bem estar, possibilitando uma guinada em termos financeiros sobre os custos realmente necessários para cada um.

5. Tempo e ócio

Um fator visto como fundamental para uma boa qualidade de vida é relacionado ao tempo. Primeiramente o fato de não se perder tempo de deslocamento para ir ao trabalho, escola, compromissos e outras atividades de

lazer é visto como algo bastante positivo. Nas grandes cidades, pode ser gasto muito tempo com deslocamento diário, que além de prolongado, poucas vezes se mostra prazeroso por conta do grande trânsito que atinge a maioria das cidades no mundo atual – passando a ser um problema e motivo para stress e cansaço.

A vida em ecovilas não é pautada sob o mesmo ritmo acelerado de centros urbanos que acaba por retirar o aspecto de liberdade temporal de cada indivíduo. É gasto muito pouco tempo consigo mesmo, para pequenos prazeres e principalmente para o ócio. O ócio acaba sendo negligenciado no dia a dia, porém, é importante para o ser humano obter seu equilíbrio, seu lado criativo e para poder aproveitar o tempo da maneira que achar mais conveniente que não seja somente atender a compromissos.

Busca-se trabalhar cada vez mais, gastando uma quantidade considerável de horas, para que se possa usufruir melhor a vida; porém, sem tempo, como ela é aproveitada? Logo, o tempo é apontado como um dos principais pontos para definir a qualidade de vida; o tempo que se possui para realizar o que se deseja e o que é verdadeiramente importante para cada um, além de não gastar horas diárias para se chegar ao seu local de trabalho e outros afazeres.

6. Autoconhecimento e consciência do ser

A partir da imersão e do trabalho intenso de se reconhecer como ser humano – situação muito possibilitada pelo ócio -, o homem passa a se conhecer verdadeiramente e a ter consciência sobre quem é, além de poder trabalhar sobre sua espiritualidade. Isto influencia e favorece suas relações afetivas e sua atuação frente ao que se busca proporcionar para si mesmo e para os que estão a sua volta. Naturalmente, como consequência, a questão da vida em comunidade é valorizada, em contraponto à vida cada vez mais individualizada das cidades. Este posicionamento do homem frente a sua vida possibilita seu desenvolvimento como ser humano, e é percebida a responsabilidade de cada um em relação aos seus atos e consequências, também relacionado ao meio ambiente.

7. Diminuição do stress

Este último item pode ser considerado como resultante de todos os itens anteriores combinados e não como um fator isolado. Vale lembrar que

independente do ambiente, cada indivíduo carrega com si uma carga emocional bastante responsável pelo seu olhar perante a vida e acontecimentos diários, o que influencia em sua percepção sobre bons e ruins acontecimentos, gerando mais ou menos stress. Não se busca afirmar que a vida em ecovila é capaz de eliminar o stress e oferecer uma vida de paz e calma; porém, a vivência em um ambiente natural, de boa alimentação, combinado com tempo para o próprio ser, é possibilitado um avanço em relação ao estado mental e espiritual de cada um, auxiliando na diminuição do stress de maneira geral. Além disso, um aspecto que favorece a um ambiente mais próspero é a falta de presença de sons e ruídos muito intensos de grandes centros urbanos, como de buzinas e locomoção de veículos no geral.

“Da mesma forma, aqueles que habitam ecovilas e demais comunidades sustentáveis também tendem a criar preconceitos contra os padrões de vida nos grandes centros urbanos, gerando assim um isolamento entre os dois sistemas que impede ao movimento de contribuir na efetivação de mudanças profundas na sociedade.” (BRAUN, 2001)

Esta diferente percepção de qualidade de vida por parte dos habitantes, parece demonstrar ou ao menos indicar que as ecovilas de fato conseguem ser bem sucedidas quanto a uma forma alternativa de vida com qualidade, se afastando do estilo de vida padrão das grandes cidades. “Através da avaliação de suas pegadas ecológicas, é possível transformar as condições de vida em direção à sustentabilidade”. (MAJEROWICX, VALLE, TOGASHI, 2017, p.21) Porém, levando em consideração estes principais aspectos apresentados, parece possível uma melhor qualidade de vida também nos centros urbanos, pois os mesmos citados não são exclusivos de uma vivência em ecovilas. Estes aspectos são mais facilmente presentes em comunidades alternativas, porém podem ser encontrados nas grandes cidades – com exceção do contato com a natureza, que acaba dependendo da localização geográfica. A grande diferença é que enquanto na ecovila estes aspectos são intrínsecos, na urbe, é necessária uma grande mudança de estilo de vida. E embora estes parâmetros não sejam considerados nas métricas globais, são importantes questões de auto avaliação sobre a própria vida. Sendo assim, ainda é válida a tentativa de medir e classificar qualidade de vida?

6 Conclusão

Esta conclusão pode ser iniciada com as seguintes indagações: por que o ser humano precisa criar uma comunidade para vivenciar esta qualidade de vida e valores alternativos ao invés de inseri-los em sua vida vigente? Além disso, por que não é feito um afastamento individual para viver da maneira que se deseja, e sim em busca de um grupo de pessoas? Uma possível resposta para o caso da ecovila seria que dificilmente os valores desejados⁶⁸ poderiam ser enquadrados na vida em grandes cidades por estas estarem intrinsecamente inseridas e responderem a uma lógica maior e mais distante da atuação de cada indivíduo. Além disso, há a vontade do ser humano de continuar a viver em sociedade e não isolado no mundo, e principalmente experimentar a vida em comunidade, na presença de pessoas com desejos e valores semelhantes, construindo um ambiente de acordo com seu próprio ideal.

Revisitar a história foi fundamental para demonstrar que a ideia de sociedade utópica não é recente, tampouco limitada às ecovilas. “Muitas foram e são as teorias sobre comunidades que se organizam (e se isolam) para construir formas de vida idealizadas.”⁶⁹ No momento vigente, há uma grande negligência ambiental e forte alienação do ser humano, frutos da prática econômica capitalista, implicando assim em uma crise generalizada em escala planetária. Considerando este cenário, podemos identificar a iniciativa das ecovilas como a utopia do momento atual, em prol da modificação de modelos econômicos, forma de vida em comunidade, compartilhamento, redução e equilíbrio com a natureza.

Enfrentamos uma crise global, com emergência por um novo paradigma, baseado em uma melhor compreensão da relação entre o ser humano e a natureza, e a conscientização sobre sua atuação neste mundo. É necessária a reflexão e pensamento holístico para o desenvolvimento de novas práticas e valores, de envolvimento social, cultural, físico e econômico. A ecovila aparece como um modelo propositivo de novas socioespacialidades, redefinindo a forma de viver a

⁶⁸ Valores estes ligados aos preceitos fundamentais das ecovilas, explicados no subcapítulo 5.1 Preceitos fundamentais, sendo : vida em comunidade, equilíbrio com o meio ambiente, redução, auto suficiência, auto organização, compartilhamento, desenvolvimento heterogêneo, centro de pesquisa e difusão de ensinamento.

⁶⁹ Disponível no Livro Ecovilas : Caminhando para a Sustentabilidade do Ser, página 55

partir de uma transformação social, de estilo de vida, de novos hábitos e nova cultura.

Sob o aspecto da sustentabilidade, a ecovila aparece não somente como um assentamento em busca de grande alinhamento com o meio ambiente, de respeito e cuidado, como também um assentamento promissor de resiliência, demonstrando ter capacidade de enfrentar crises e manter suas funções e se reestruturar novamente após diversos problemas, ou seja, de se regenerar após catástrofes e diversos problemas ambientais. Essa capacidade de assimilação permite a superação de impactos negativos, por serem estruturas desenvolvidas de baixo para cima⁷⁰, com liberdade e abertura para reestruturações conforme as necessidades. Essas recomposições podem ser consideradas tanto nos aspectos físicos quanto financeiros e sociais.

Contudo, é errôneo e também ingênuo enxergar as ecovilas como a solução dos problemas atuais, ou como uma alternativa perfeita. Há uma série de problemas, contradições, falhas e melhorias que poderiam ser realizadas conforme foi explicitado em capítulos anteriores. Vale enfatizar que as soluções dadas ou sugeridas são somente parciais e em determinados agrupamentos, e não compõem uma atuação de macro escala. Somado a isto, sua conotação é utilizada de forma ampla e indiscriminada, muitas vezes como forma de atração comercial, fruto de jogada de empreendedores visando alcançar altos lucros para diversos projetos imobiliários. Porém, mesmo com um conjunto de aspectos negativos, sua importância para a necessidade de conscientização e pensamento crítico permanece.

Apesar de não ser cem por cento efetiva, é de fato uma realidade, que parece funcionar em diversas localidades do mundo, e que está em permanente desenvolvimento. Sendo assim, podemos encarar o movimento das ecovilas como um exercício pró utópico, que está sempre em construção, caminhando em direção ao que acredita ser correto e ideal, e que apesar de não chegar neste ponto ideal, sua crença nisto é o que permite esta vivência e também é o que guia seu desenvolvimento.

⁷⁰ Por desenvolvimento de baixo para cima se entende como o oposto de desenvolvimento de cima para baixo, de imposições independente do local, tamanho do espaço, cultura, condições sociais e financeiras. O desenvolvimento de baixo para cima seria um desenvolvimento a partir das necessidades do próprio lugar, sem imposições externas e globais.

Desta forma, é possível considerar a ecovila como uma das utopias⁷¹ urbanas, pois apesar de ser uma realidade, é também uma utopia arquitetônico urbana por seu caráter de elaboração de uma nova forma de vida com base em assentamentos sustentáveis. Seu caráter utópico se refere ao caminho para uma solução global e uma idealização que busca ser alcançada, mas que de fato não ocorrerá. E independente de se alcançar este estado ideal, a ecovila se encontra em funcionamento e em constante desenvolvimento, tendo seu ideal como força organizadora dos espaços e relações que são estabelecidos.

Relacionando com as outras utopias urbanas apresentadas nesta pesquisa, é possível perceber que a ecovila se apresenta com menos rigidez, e é menos cabível de uma definição fechada; seu caráter de flexibilização é para justamente poder se adequar ao momento presente em constante transformação. O que estas utopias têm em comum é a ideia de construção de um mundo ideal em que realmente se acredita poder criar, somando esforços para formar um lugar ainda não existente.

A busca pelo sentido de uma vida em comum une as pessoas, consolidando o ambiente propício para o desenvolvimento de estratégias para novos estilos de vida, diferentes das conseqüentes dos modelos dominantes. Estas alternativas buscam então estabelecer uma nova identidade e também uma diferente dinâmica sócio espacial para lidar com os problemas presentes de seu tempo, conformando um caráter contestatório – porém não de agressividade -, de contracultura, com a elaboração de uma nova forma de vivência, com valores, práticas e um novo cotidiano, diferente do modelo hegemônico de cada momento; e no caso das ecovilas, de integração com o meio ambiente.

Ou seja, a ecovila é mais uma alternativa em relação ao modo de viver a partir da criação de vida em comunidade, não sendo uma alternativa inédita. Uma importante distinção das ecovilas em relação às outras alternativas apresentadas, é a maior articulação social e integração com outras comunidades e também com a cidade, por conta do desenvolvimento da consciência da necessidade de haver diálogo aberto com a cidade e não um distanciamento cada vez maior. A ecovila busca sempre que possível abrir canais de diálogo com outras iniciativas, com

⁷¹ Por utopia podemos compreender uma ideologia de lugar idealizado, de perfeita harmonia e funcionamento, ou então uma sociedade ideal, com base em leis justas e em plena felicidade entre todos os seres e aspectos da vida humana.

organizações governamentais, com empresas, políticas públicas e etc, pois tem o interesse de propagar e auxiliar com seus ensinamentos e ideias, além de divulgar o próprio movimento. O intuito não é focar os esforços somente em seus assentamentos, e sim promover melhorias ao redor do planeta, e incentivar o ser humano e as sociedades a participarem mais da construção por um mundo melhor.

Desta maneira, a ecovila não se enquadra somente em um modelo utópico de assentamento, mas sim um modelo de pequenas soluções e práticas que podem ser aplicadas globalmente em diferentes localidades, escalas, contextos e setores, a favor do discurso da emergência da sustentabilidade. E o movimento das ecovilas permanece coerente – independente de seus problemas, falhas e incoerências – enquanto continuar desenvolvendo possibilidades para tentar superar os problemas atuais socioambientais.

Seria errôneo afirmar que esta utopia busca estar fora do sistema vigente – apesar de haver um posicionamento de tal afirmação presente em algumas ecovilas -, pois o sistema acaba estando sempre presente em qualquer forma de vida, seja qual for o sistema. O que se busca na verdade é uma nova maneira de se relacionar com este sistema, se tratando mais de uma adaptação do que uma negação.

Este movimento é a expressão de um ideal, e equaliza o modelo de um ideal com a flexibilidade de experiências da realidade. Busca ser o modelo desta tentativa, e não uma solução arquitetônica urbana específica a ser replicada. Ao contrário, busca ser modelo de práticas, organização, pensamento, reflexão e valores, podendo funcionar em diferentes práticas arquitetônicas – mesmo que estas não tenham sido elaboradas voltadas para uma arquitetura local e sustentável -, mas incentivando a prática arquitetônica local e sustentável. É então um partido que fundamenta a organização espacial, mas sempre de forma distinta em cada assentamento. E o que permite isto é geralmente a grande disponibilidade de espaço meio a natureza em praticamente todos os casos, aliado a leis menos rígidas se compararmos com as leis da cidade urbana.

Ou seja, diferente das outras utopias apresentadas, como Falanstério, Familistério e Cidade Jardim, as ecovilas não enquadram uma prática arquitetônica específica. É possível que haja padrões na prática de atividades locais de construção, materiais naturais e outros, porém, sem a necessidade de seguir à risca um padrão de edificação e organização do espaço. Cada

assentamento tem livre arbítrio para desenvolver seu próprio espaço da maneira que achar conveniente de acordo com os preceitos básicos do movimento, criando uma série de variáveis arquitetônicas experimentais e locais.⁷² Muitas ecovilas possuem semelhanças em sua organização espacial e também em suas edificações, porém tais conformidades não são geradas a partir de regras. De forma ampla, é uma utopia que apresenta muitas singularidades, porém, que se enquadram dentro de um mesmo universo de definições e preferências, como arquitetura sustentável, experimentação, utilização de práticas e materiais locais, etc.

Este trabalho busca contribuir na pesquisa sobre assentamentos alternativos no sentido de atrair o olhar e valorizar esta utopia atual. Além disso, é importante ressaltar que as diferentes utopias e formas de assentamentos rurais ou urbanos estão longe de ser uma resposta universal. Podemos enxergar as ecovilas como um exercício de crítica e reflexão de como habitar o planeta – o ensinamento é dado justamente a partir desta reflexão, da observação do que é feito e do aprendizado que se pode obter a partir destas vivências. Não é o intuito deste trabalho avaliar os erros e problemas destes assentamentos, pois a importância da ecovila se dá no ato de fazer pensar sobre o modo como se vive, abrindo portas para uma transformação social, arquitetônica, econômica e de produção, e não em modelos de ecovila em si.

⁷² Preceitos apresentados em capítulos anteriores.

Referências bibliográficas

BUBER, Martin. **Sobre comunidade**. São Paulo, Editora Perspectiva, 2016

BRANDÃO, Carlos Antonio. **O modo trans-escalar de análise e de intervenção pública**. In: Encontro Nacional da Anpur. X, 2003. Belo Horizonte, Editora Anpur, 2003

BRAUN, Ricardo. **Desenvolvimento ao ponto sustentável** – novos paradigmas ambientais. Rio de Janeiro, Editora Vozes, 2001

CAPELLO, Giuliana. **Meio Ambiente e Ecovilas**. São Paulo, Editora Senac São Paulo, 2013

CASTORIADIS, Cornelius. **O Mundo Fragmentado** (Encruzilhadas do Labirinto III). Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra. 1987-1992

CASTORIADIS, Cornelius. **Reflexões sobre o desenvolvimento e a racionalidade**. In: CASTORIADIS, Cornelius. As Encruzilhadas do Labirinto II, os domínios do homem. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra. 1987

DAWSON, Jonathan. **Ecovillages : New Frontiers for Sustainability**. Dartington: Green Books, 2006

ESCOBAR, Arturo. O lugar da natureza e a natureza do lugar : globalização ou pós-desenvolvimento? In: Lander, Edgardo (org.) **A Colonialidad do Saber : Eurocentrismo e Ciências Sociais, Perspectivas Latino-americanas**. Buenos Aires, Claso, 2005. pp.133-168

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. São Paulo, Editoria Loyola, 2014

IANNI, Octavio. **A Sociedade Global**. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira. Capítulos 3 (A História da Mundialização) e 4 (A Ocidentalização do Mundo). 1993

ILLICH, Ivan. **A Convivencialiade**. Lisboa, Publicações Europa-America, 1976. pp.7-50

JOSE, Flavio Januário. **Diretrizes para o desenvolvimento de ecovilas urbanas**. 25/11/2014. 361 f. Doutorado em Arquitetura e Urbanismo. Instituição de Ensino : Universidade de São Paulo/São Carlos, São Carlos Biblioteca Depositária : Biblioteca da EESC/USP

JUNIOR, Severiano Jose dos Santos. **Zelosamente Habitando a Terra**. Ecovilas genuínas, espaço geográfico e a construção de lugares zelosos em contextos contemporâneos de fronteiras paradigmáticas. 03/12/2015 450f. Doutorado em Geografia. Instituição de Ensino : Universidade Federal da Bahia, Salvador Biblioteca Depositária : Instituto de Geociências da UFBA.

LATOUCHE, Serge. **A Ocidentalização do Mundo** : ensaio sobre a significação, o alcance e os limites da uniformização planetária. Petrópolis, Editora Vozes. 1994 Capítulo 4 (Os limites da ocidentalização do mundo)

LEITE, Carlos. **Cidades Sustentáveis, Cidades Inteligentes**. Porto Alegre, Editora Bookman, 2012

LOSADA, Manuel. **Imaginário Radical** : A Proposta de Castoriadis à atual crise dos paradigmas no campo das ciências naturais e sociais. Boletim Interfaces da Psicologia da UFRJ RURAL RJ. S/d

LOWY, Michael. **A teoria do desenvolvimento desigual e combinado**, mimeo. s/d

MAJEROWICZ, Ilana; TOGASHI, Rafael; VALLE, Isabel. **Ecovilas** : Caminhando para a sustentabilidade do ser. Rio de Janeiro, Editora Bambual, 2017

MELTZER, G. **Sustainable Community** : Learning from the Cohousing model. Canada : Trafford Publishing, 2005.

PEREIRA, Érico Felden. **Qualidade de vida**: abordagens, conceitos e avaliação. Universidade do Estado de Santa Catarina, 2012

RADOMSKY, Guilherme Francisco Waterloo. **Desenvolvimento, Pós-Estruturalismo e Pós-desenvolvimento** : a crítica da modernidade e a emergência de “modernidades” alternativas. Bras. De Ciências Sociais, vol.26, n.75, São Paulo: fev.2011

RAINHO, Lucia. **Tecnologias Ambientais nas Ecovilas** : um exemplo de gestão da água. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) Rio de Janeiro : UFRJ, 2006

RIHANI, Samir. **Complexity Theory**: a new framework for development is in the offing. Progress in Development Studies 5, 1 (2005) pp.54-61

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade?** São Paulo, Editora Brasiliense, 2010

ROSA, Lana Mignone Viana. **Inspirações e aspirações do Marizá Epicentro** (Tucano, BA) : as contribuições de uma ecovila no panorama socioambiental

brasileiro. 28/03/2014 107 f. Mestrado em Ciências Ambientais e Conservação. Instituto de Ensino : Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro
Biblioteca Depositária : Professor Aloísio Teixeira – NUPEM/UFRJ

SARGISSON, Lucy. **Imperfect utopias** : Green intentional communities. Ecopolitics online journal, V.1, nº1, 2007

SCHECH, Susanne e HAGGIS, Jane. **Culture and Development, a critical introduction**. Oxford (UK)/Malden (USA): Blackwell Publishing Ltd. 2003 (2000)

SENNET, Richard. **El declive del hombre público**. Barcelona, Editora Península, 2002

SMITH, Neil. **Desenvolvimento Desigual, natureza, capital e a produção do espaço**. Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 1988. Capítulo 5 (Para uma teoria do desenvolvimento desigual: a escala espacial e o vaivém do capital)

SOUZA, Marcelo José Lopes de. **A Expulsão do Paraíso**. O “Paradigma da complexidade” e o desenvolvimento sócio-espacial. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.). Explorações Geográficas: percursos no fim do século. Rio de Janeiro : Bertrand Brasil. 1997

SYKES, A.Krista (org.). **O Campo Ampliado da Arquitetura**. São Paulo, Editora Cosac Naify, 2013

TRIGUEIRO, André. **Mundo sustentável 2 : Novos rumos para um planeta em crise**. São Paulo, Editora Globo, 2012

WALDMAN, Maurício. **Meio Ambiente e Antropologia**. São Paulo, Editora Senac São Paulo, 2006

AGRICULTURA, UTOPIA E PRÁTICAS URBANAS. Setembro de 2007. Silva. Disponível em: ><http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.088/205>

CHARLES FOURIER, OS FALANSTÉRIOS E A CRÍTICA À CIVILIZAÇÃO INDUSTRIAL. 2016. Barros. <http://www.usc.es/revistas/index.php/rips/article/view/2586>

CIDADE E UTOPIA, 09 de novembro de 2011. Lima. Disponível em : > <http://www.portalarquitetonico.com.br/cidade-e-utopia-novos-modelos-sociais-espaciais/>

COOPERATIVA CIUDADE ABIERTA. Março de 2003. Teixeira. Disponível em : > <http://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/03.034/698>

INTERACIONISMO SIMBÓLICO E MOVIMENTOS SOCIAIS. 13 de Março de 2013. Nunes. Disponível em : > <http://www.scielo.br/pdf/se/v28n2/v28n2a05.pdf>

MOVIMENTOS SOCIAIS NA TEORIA E NA PRÁTICA. Dezembro de 2011. Abers; Bulow. Disponível em : > <http://www.scielo.br/pdf/soc/v13n28/04.pdf>

O CONCEITO DE CIDADES JARDINS. Novembro de 2003. Andrade. Disponível em : > <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/04.042/637>

OS FALANSTÉRIOS E A CRÍTICA DA SOCIEDADE INDUSTRIAL, 10 de Maio , 2011. Barros. Disponível em : <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/viewFile/7752/8503> > Acesso em Janeiro de 2018

ROBERTO SEGRE E FERNANDO ESPOSITO CONTAM A HISTÓRIA DE CIUDADE ABIERTA, Abril de 2012. Segre; Esposito. Disponível em : > <http://au17.pini.com.br/arquitetura-urbanismo/217/artigo255574-2.aspx>

<http://www.amereida.cl/obras/>> Acesso em Janeiro de 2018

<http://www.auroville.org/>> Acesso em Junho de 2017

<http://www.cohousing.org/>> Acesso em Fevereiro de 2017

<http://www.conib.org.br/glossario/Kibutz/>> Acesso em Janeiro de 2018

<http://www.damanhur.org/>> Acesso em Junho de 2017

http://www.dhnet.org.br/direitos/indicadores/felicidade/butao_cria_fib.pdf____> Acesso em Maio de 2017

<https://www.ead.pucv.cl/amereida/ciudad-abierta/> > Acesso em Janeiro de 2018

<http://ecovillagefindhorn.org/index.php/education/>> Acesso em Junho de 2017

<https://www.ecovillagefindhorn.com/index.php/building> > Acesso em Junho de 2017

<http://www.familistere.com/>> Acesso em Janeiro de 2018

<http://www.felicidadeinternabruta.org.br/sobre.html> >Acesso em Maio de 2017

<https://www.findhorn.org/>>Acesso em Maio de 2017

<http://www.gaia.org/>>Acesso em Maio de 2017

<http://gaia.org/global-ecovillage-network/>>Acesso em Maio de 2017

<http://gen.ecovillage.org/en/>>Acesso em Maio de 2017

<http://www.otempo.com.br/interessa/uma-comunidade-alternativa-1.866237> >Acesso em Maio de 2017

<http://piracanga.com/inkiri-piracanga-recebe-crotalo-sesamo-damanhur/> > Acesso em outubro de 2017

<https://www.tamera.org/index.html> > Acesso em Maio de 2017

http://www.undp.org/content/brazil/pt/home/idh0.html__ > Acesso em Junho de 2017

https://wiki.ead.pucv.cl/Archivo:Mapa_edicion.jpg